

# A reacção da imprensa de referência portuguesa ao Golpe de Estado de Julho de 2003 em São Tomé e Príncipe

Jorge Pedro Sousa  
Universidade Fernando Pessoa

## Índice

1. Introdução	2
2. Enquadramento teórico e revisão da literatura	4
3. Metodologias	11
4. Resultados	22
5. Conclusões	91
6. Bibliografia	95

## Resumo

Este trabalho procura dar conta da cobertura do Golpe de Estado de 16 de Julho de 2003 em São Tomé e Príncipe feita pela imprensa portuguesa de referência, em concreto pelos diários *Público* e *Diário de Notícias*, a revista semanal *Visão* e o semanário *Expresso*. Entre as conclusões avultam as ideias de que (1) a proximidade entre Portugal e São Tomé contribuiu para destacar o golpe entre a informação internacional; (2) a competição promoveu a produção própria de informação, embora isto não tenha tido grandes reflexos na diversidade de informações; e (3) o predomínio de fontes "oficiais" não implica total ou necessariamente o predomínio dos enquadramentos oficiais.

**Palavras-chave:** jornalismo; teoria do jornalismo e da notícia; análise do discurso; golpe de estado; São Tomé e Príncipe.

## 1. Introdução

As ilhas de São Tomé e Príncipe, situadas no Golfo da Guiné, na costa ocidental e equatorial africana, eram desabitadas quando foram descobertas pelos portugueses, em 1471. Os colonizadores iniciaram a povoação do novo território usando a escravos angolanos, tendo a produção de açúcar constituído o primeiro sustentáculo da economia local. Após o açúcar, café e o cacau tornaram-se, sequencialmente, as bases da economia são-tomense. O cacau ainda é, hoje em dia, o principal produto de exportação, perfazendo quase 90% do total das exportações. Há alguns anos atrás descobriu-se que na Zona Económica Exclusiva de São Tomé e Príncipe existe petróleo em quantidade suficiente para permitir a exploração comercial, o que colocou esse pequeno país nas agendas internacionais.

A escravatura foi abolida em 1876, mas um regime de semi-escravatura e de trabalhos forçados prolongou-se pelo século XX. Em 1953, ocorreram os primeiros confrontos entre as autoridades coloniais e os trabalhadores negros. O Movimento de Libertação de São Tomé e Príncipe (MLSTP) foi fundado na sequência desses confrontos.

São Tomé e Príncipe tornou-se independente a 12 de Julho de 1975, na sequência do processo de descolonização provocado pela Revolução Democrática portuguesa de 25 de Abril de 1974. O MLSTP ascendeu ao poder e governou esse pequeno Estado lusófono africano em regime de unipartidarismo até 1991, sob a presidência de Pinto da Costa. O multipartidarismo foi introduzido em 1991. São Tomé e Príncipe tornou-se, então, oficialmente, uma democracia parlamentar. Miguel Trovoada foi eleito Presidente da República, tendo sido reeleito em 1996. Em 2001, foi eleito o actual Chefe de Estado, Fradique de Menezes.

O território de São Tomé e Príncipe esgota-se nas duas ilhas atlânticas de média dimensão que dão o nome ao país. A sua população ascende a cerca de 171 mil habitantes, europeus, mestiços, angolares (descendentes de escravos angolanos), serviçais (trabalhadores contratados noutros países africanos lusófonos) e tongas (filhos de serviçais nascidos no país).

O golpe de estado militar a que se refere este estudo ocorreu a 16 de Julho de 2003. Não foi, contudo, a primeira intentona no país. Já em 1995 tinha ocorrido um outro golpe militar, liderado pelo tenente Taty, tendo por finalidade reivindicações salariais. Porém, em 2003 os militares revoltosos, capitaneados pelo major Pereira, fizeram da "miséria do povo" o principal argumento para o golpe. Independentemente da genuinidade dos seus argumentos, os indicadores económicos mostram que São Tomé importa quase 90% dos produtos consumidos, que quase 80% da população vive abaixo do nível de pobreza, que o desemprego atinge 45% da população, que o salário médio

de um funcionário público é de cerca de 28 euros, que a pensão média é de cerca de 13 euros e que 80% do Orçamento de Estado resulta da ajuda internacional. O assistencialismo estatal é reduzido à sua mínima expressão, sendo algumas ONG' s providenciarem os cuidados básicos de que a população necessita.

Tanto no golpe de 1995 como no de 2003, a ordem constitucional foi restabelecida com relativa rapidez em São Tomé e Príncipe, devido às pressões e movimentações internacionais. A mediação angolana resolveu a crise de 1995, tendo sido firmado um acordo –nunca cumprido– de melhoria das condições materiais e salariais das Forças Armadas. No golpe de 2003, a mediação da Comunidade dos Países de Língua Portuguesa (CPLP), com especial destaque de Angola, a que se somaram as pressões da Nigéria e dos Estados Unidos, que com Angola são os principais países interessados no petróleo são-tomense, bem como dos vizinhos Gabão e Congo-Brazaville, levou à normalização constitucional em pouco mais de uma semana.

A história do golpe de 2003 pode ser resumida em poucas palavras.

O primeiro indício de desassossego notou-se a 10 de Julho. Nesse dia, a Frente da Democracia-Cristã (FDC), partido político sem representação parlamentar ligado aos são-tomenses que integraram o Batalhão Búfalo sul-africano durante o regime do apartheid e que foi acusado de estar por trás do golpe, procurou realizar uma manifestação para exigir a demissão do Governo. A iniciativa da FDC terá estado ligada à intenção do Governo são-tomense de cancelar o pagamento do subsídio mensal de integração na sociedade que tinha sido concedido aos ex-búfalos. Todavia, a FDC aceitou adiar essa manifestação para dia 24, após negociações com o Presidente da República. No dia 15, o Presidente Fradique de Menezes partiu para Abuja, na Nigéria, para participar numa acção para captação de investimentos afro-americanos. Aproveitando a ausência do Presidente, os militares, liderados pelo major Fernando Pereira, "Cobó", desencadearam as operações golpistas na madrugada do dia 16 de Julho. Os membros do Governo e o presidente da Assembleia Nacional foram detidos e a primeira-ministra teve mesmo de ser hospitalizada devido a problemas cardíacos. Os deputados também foram detidos, mas os revoltosos rapidamente os devolveram à liberdade. Não houve qualquer derramamento de sangue. Os militares formaram nesse mesmo dia uma Junta de Salvação Nacional, na qual participavam alguns civis, e decretaram o recolher obrigatório e a destituição dos principais titulares de cargos políticos, incluindo o Presidente e os membros do Governo. A 18 de Julho, a imprensa já noticiava que os militares golpistas estavam com dificuldades para formar um prometido Conselho de Estado, capaz de conduzir o país a eleições. A 19 de Julho, a Junta aceita negociar, devido às pressões internas e externas, e aceita o regresso do Presidente, mas como simples cidadão. Os ministros e restantes líderes políticos começam a ser

libertados. A 20 de Julho, a Junta aceita o regresso do Presidente da República, já não como "simples cidadão" mas como Chefe de Estado. A 22 de Julho, é assinado um memorando de entendimento entre a Junta e os negociadores, que permite o regresso do Presidente. A 23 de Julho, o Presidente Fradique de Menezes regressa ao país, na companhia do Presidente nigeriano, Obasanjo, e é promulgada uma Lei da Amnistia para os militares revoltosos. Até ao final do mês, o Governo reentrará progressivamente em funções e a ordem constitucional será totalmente restabelecida.

Tendo em conta a proximidade multivectorial (histórica, afectiva, linguística...) entre Portugal e São Tomé e Príncipe e a renovada importância estratégica deste último país devido ao petróleo, o presente trabalho teve por **objectivo** aferir a forma como a imprensa portuguesa de referência (**objecto de estudo**) reportou o golpe de estado de 2003, elegendo-se como **método de pesquisa** a análise de conteúdo.

## **2. Enquadramento teórico e revisão de literatura**

A Teoria do Jornalismo ou da Notícia já possui um sólido corpo de conhecimentos susceptíveis de fornecer interpretações adequadas para a cobertura noticiosa. Conceitos fundamentais e fundacionais da Teoria da Notícia estruturaram, assim, as hipóteses de trabalho e as perguntas de investigação delas decorrentes e enquadraram as interpretações estabelecidas para os dados encontrados.

### **2.1 Noticiabilidade**

A noticiabilidade, de acordo com Wolf (1987: 173), é o "conjunto de elementos através dos quais o órgão informativo controla e gere a quantidade e o tipo de acontecimentos, de entre os quais há que seleccionar as notícias". De forma simples, corresponde aos critérios que permitem avaliar o que tem valor como notícia (Traquina, 1993: 41). Normalmente, esses critérios são apresentados sob a forma de lista. Neste particular, o estudo pioneiro de Galtung e Ruge (1965) ofereceu uma lista de critérios que ainda hoje, quase quarenta anos passados, mantém a sua actualidade. Galtung e Ruge assinalaram que o momento de um acontecimento, a sua intensidade, a inexistência de dúvidas sobre o seu significado, a proeminência das pessoas ou nações envolvidas nas notícias funcionam, entre outros, como critérios de noticiabilidade. Por exemplo, o golpe de estado em São Tomé terá sido uma notícia com repercussão assinalável em Portugal porque encaixou nos critérios de

noticiabilidade da *surpresa* (foi um acontecimento inesperado), da *negatividade* (num quadro, ou seja, num *enquadramento* democrático, foi um acontecimento negativo) e da *proximidade* (aconteceu num país historicamente próximo de Portugal). Com base na mesma interpretação, as fontes "oficiais" tiveram, na cobertura do golpe, um acesso privilegiado aos jornais porque são "*peessoas de elite*". Curran (1996) enfatiza, aliás, que as rotinas e os valores-notícia tendem a excluir da cobertura noticiosa as pessoas de menor prestígio, em favor das poderosas. A auscultação das fontes "oficiais" constitui, de facto, um canal rotineiro de obtenção de informações (Sigal, 1973), quer porque são "peessoas de elite", quer porque têm a capacidade de providenciar regularmente informações autorizadas, credíveis, factuais e verídicas aos jornalistas, o que as torna as únicas fontes capazes de alimentar sem sobressaltos a máquina jornalística (Traquina, 2002: 116-118). A lista de critérios de noticiabilidade não se esgota naqueles que foram referidos. Wolf (1987: 173-192) refere, por exemplo, que além dos critérios relativos ao conteúdo existem critérios relativos ao produto, ao meio, ao público e à concorrência. Por isso, segundo esse académico italiano, devem distinguir-se os valores-notícia de selecção (como a proximidade ou a disponibilidade das informações) dos valores notícia de construção (como a personalização das histórias). Esta chamada de atenção para a concorrência é relevante, pois é provável que algumas das diferenças entre o DN e o *Público* na cobertura do golpe de estado são-tomense tenham resultado, em parte, da competição entre ambos pela mesma audiência. De igual modo, a chamada de atenção para a disponibilidade de informações permite aclarar restrições da cobertura de acontecimentos como o golpe de estado em São Tomé.

Traquina (2002: 171-204) também apresenta uma longa e bem trabalhada lista de critérios de noticiabilidade, entre os quais se encontra igualmente a disponibilidade das informações. Este critério foi relevante, por exemplo, para a enunciação da hipótese de que o *acesso* às informações e às fontes influenciou a cobertura do golpe de estado em São Tomé.

## **2.2 Factor tempo**

O processo jornalístico de produção de informação nos periódicos impressos é ritmado e constrangido pelo factor tempo, em especial pelas horas de fecho de cada edição. Os jornalistas vivem sob a pressão do tempo. Isto traz por consequência uma orientação do processo jornalístico para os acontecimentos e não para as problemáticas (Tuchman, 1978; Traquina, 2001: 134-136) e para os primeiros planos (*foreground*) em detrimento do background (Schlesinger, 1977); a factualização do discurso (Tuchman, 1978); e a rotinização do trabalho jornalístico, de maneira a

assegurar que o processo produtivo decorra sem sobressaltos ou complicações e que seja possível aos jornalistas transformar rapidamente os acontecimentos em notícias (Tuchman, 1978). Interessa ver, por isso, até que ponto a pressão do tempo constrangeu a cobertura do golpe de estado em São Tomé, em particular se há uma orientação rotineira para as fontes "oficiais" mais facilmente contactáveis (em função da sua localização, por exemplo); se os géneros jornalísticos usados são aqueles que mais se prestam à factualização do discurso, nomeadamente a notícia, a entrevista e a reportagem; e, finalmente, se os conteúdos estão orientados para os acontecimentos e para os "primeiros planos" em detrimento das problemáticas e do background, ou seja, em concreto, se noticiam essencialmente a evolução da situação e os acontecimentos particulares dentro do macro-acontecimento que foi o golpe de estado.

### 2.3 Rotinas

As rotinas são mecanismos estratégicos que, no jornalismo, visam assegurar que sob a pressão do tempo é possível transformar rapidamente um acontecimento em notícia e que no final do período de trabalho (*hora de fecho*) o produto informativo esteja pronto (Tuchman, 1978). Visam também defender os jornalistas e as organizações noticiosas das críticas e dos críticos (Tuchman, 1978). A apetência pelas fontes "oficiais", a repetição de técnicas enunciativas, como a técnica da pirâmide invertida, ou de técnicas de factualização do discurso, como o recurso sistemático a citações entre aspas são exemplos de rotinas. Mas as rotinas impõem outro mecanismo: a rotinização do inesperado, como lhe chamou Tuchman (1973). Um acontecimento pode ser surpreendente e originar inicialmente uma cobertura diferenciada e não rotineira, mas a surpresa, uma vez vencida, tende a dar lugar à rotina (Tuchman, 1973). O golpe de estado em São Tomé foi um acontecimento surpreendente. Por isso, no nosso estudo interessa verificar se a cobertura inicial foi *disruptiva*, no sentido de ser diferente do habitual, transformando-se, seguidamente, numa cobertura rotineira. Um índice dessa situação será, por exemplo, o golpe ter merecido muito espaço e um lugar de destaque nos primeiros dias e, posteriormente, ter sido relegado para zonas menos destacadas dos periódicos e ter sido concedido menos espaço à informação sobre esse acontecimento. Por outras palavras, a surpresa, uma vez vencida, terá dado lugar à cobertura de rotina, para se seguirem os desenvolvimentos do caso, até porque havia indícios de um possível epílogo "feliz".

## 2.4 Rede noticiosa

A organização noticiosa tem de assegurar uma distribuição adequada dos jornalistas pelo tempo e pelo espaço. É preciso que os jornalistas possam estar nos acontecimentos previsíveis, que têm lugar e hora marcada, o que se consegue confeccionando a agenda (Traquina, 1988; Tuchman, 1978); assegurar que há uma reserva de jornalistas em número suficiente para cobrirem os verdadeiros acontecimentos, por definição imprevisíveis, sem lugar e hora marcada para acontecerem (Sousa, 2000); e assegurar que há uma adequada distribuição dos jornalistas pelo espaço, para capturar os acontecimentos com noticiabilidade relevante dentro do território de cobertura de um órgão jornalístico. Ao instrumento organizacional de imposição de ordem ao espaço Gaye Tuchman (1973; 1978) chamou *news net*, a rede de captura de acontecimentos. Essa rede seria, segundo Tuchman (1978), tecida em três vectores: (1) rede de correspondentes, responsáveis pelo que acontece e é noticiável um determinado território; (2) rede de "vigias" institucionais, responsáveis por cobrirem acontecimentos noticiáveis nas instituições "de elite"; e (3) especialização temática dos jornalistas, que tem correspondência na divisão da redacção em secções.

No caso concreto da cobertura do golpe de estado em São Tomé interessa verificar se esse pequeno país africano estava incluído na rede de correspondentes dos periódicos ou, se não estava, descrever quais as tácticas a que os periódicos recorreram para remendarem o buraco na rede (ou, noutra perspectiva, para ampliarem a rede), como sejam, por exemplo, a concentração na informação e nas fontes imediatamente acessíveis, o recurso às agências de notícias ou o envio de jornalistas para o terreno do acontecimento. Neste enquadramento, a figura do enviado constitui simultaneamente um *instrumento táctico de reparação da rede* e um *prolongamento da rede de captura de acontecimentos* de um órgão de comunicação, o que influencia a produção de informação em quantidade e qualidade. Do mesmo modo, o aproveitamento dos serviços das agências noticiosas e de outros media jornalísticos também permite contornar os problemas da amplitude e dos buracos da rede própria.

## 2.5 Fontes de informação

Os conteúdos e enquadramentos de grande parte das notícias dependem daquilo que as fontes dizem (Sigal, 1973). A maior parte da literatura sobre fontes de informação mostra que, se por um lado o jornalismo está orientado para os acontecimentos, por outro também está orientado para as fontes de

informação, em particular para as "fontes oficiais" (Traquina, 2001: 137), que autorizam e credibilizam o discurso jornalístico. Essa orientação para as fontes oficiais é, aliás, destacada por diversos autores, em estudos separados (por exemplo, Santos, 1997; Sigal, 1973; Bagdikian, 1974; Molotch e Lester, 1974; Molotch e Lester, 1975; Tuchman, 1978; Hall et al., 1978; Hallin, 1984; Schudson, 1986; Sood et al., 1987; Bruck, 1989; Olien et al., 1989; Schlesinger, 1990; Schlesinger e Tumler, 1994).

Noutra perspectiva, os estudos sobre o relacionamento entre fontes de informação e jornalistas oscilam no peso que concedem à esfera de liberdade dos jornalistas para negociar simultaneamente as informações a difundir e os enquadramentos para essas informações. Há estudos que reconhecem uma certa liberdade ao jornalista (por exemplo: Molotch e Lester, 1974) e estudos mais estruturalistas que defendem que os jornalistas têm pouca capacidade de questionar as fontes e de com elas negociar informações e enquadramentos (por exemplo: Hall et al., 1978). A este propósito, há que reconhecer que as fontes não são iguais em poder, capacidade de acesso aos media, capacidade de fornecimento de informações credíveis e autorizadas aos jornalistas, etc. (ver, por exemplo, Santos, 1997). Mas também há que reconhecer que fontes semelhantes em poder, autoridade e credibilidade podem estimular enquadramentos diferentes sobre os mesmos factos, o que contribui para transformar o jornalismo de referência, nos regimes democráticos, num novo espaço público, ou numa nova arena pública. Finalmente, há ainda a considerar, como explica Santos (1997), que há jornalistas e jornalistas. Ou seja, os jornalistas também são diferentes em experiência, conhecimento, habilidade, capacidade, etc., tendo, por isso, diferentes cotações profissionais. Um jornalista mais cotado e capaz terá sempre mais liberdade para negociar informações e enquadramentos com as fontes, ou seja, terá sempre mais liberdade para negociar significados para os factos do que um jornalista menos cotado e menos capaz (Santos, 1997).

Os estudos sobre fontes de informação também relevaram que entre os anos setenta e os finais dos anos noventa se assistiu a uma proliferação das fontes de informação (assistiu-se ao aumento do número de fontes oficiais e anónimas e de fontes colocadas em patamares inferiores nas notícias), o que acompanha uma tendência do jornalismo de referência para a especialização, para a análise e para a investigação (Pinto, 1997).

Neste contexto, interessa observar se na cobertura do golpe são-tomense se reflectem as tendências detectadas nos estudos sobre fontes de informação e jornalistas, nomeadamente se dominam as fontes "oficiais" e os enquadramentos noticiosos que delas se espera.



## 2.6 Circunstâncias do discurso

Para se legitimarem e relegitimarem continuamente na sociedade (Sousa, 1997; Sousa, 2000 a) e para se estruturarem e manterem como um grupo autónomo e independente (O' Boyle, 1968; Elliott, 1978), os jornalistas procuram ser objectivos (Schudson, 1978) e factuais (Tuchman, 1978), debruçando-se entre factos e opiniões (Schiller, 1979; Marzolf, 1984; Ferenczi, 1993). Tanto assim é que para terem espaço nos meios jornalísticos as fontes recorrem às mesmas tácticas discursivas dos jornalistas (Blumler e Gurevitch, 1995; McNair, 1995). Por isso, interessa verificar se a cobertura do golpe respeitou essas regras de enunciação que integram a cultura profissional dos jornalistas, o que se pode conseguir numa análise qualitativa do discurso.

Por outro lado, as notícias são essencialmente histórias (Tuchman, 1976), narrativas construídas no seio de uma gramática da cultura (Colby, 1975; Schudson, 1988; 1995), que recuperam os formatos dos géneros literários (Schudson, 1988) e dos modelos ancestrais de contar histórias e da retórica (Casasús e Ladevéze, 1991), com validade interna (Tuchman, 1976). Para fazerem sentido, numa determinada sociedade com determinada cultura, as notícias impõem enquadramentos aos factos. Tuchman (1976) enfatiza essa ideia de Goffman (1974) quando salienta que os enquadramentos noticiosos oferecem definições para a realidade social. Os enquadramentos noticiosos são, para Gamson (1989: 157), "uma ideia central e organizadora para dar sentido aos acontecimentos relevantes e sugerir o que está em causa". Gitlin (1980), por seu turno, explica que os enquadramentos noticiosos são "padrões persistentes de cognição, interpretação e apresentação, selecção, ênfase e exclusão, através dos quais os produtores e manipuladores simbólicos organizam de forma rotineira o discurso, seja verbal ou visual". A cobertura do golpe de estado em São Tomé mobilizou, certamente, enquadramentos justificativos do golpe que importa clarificar, observando, igualmente, se existe uma dinâmica de competição simbólica entre enquadramentos nas páginas dos jornais (ou seja, se estes funcionaram como *arena pública*).

## 2.7 Mercado

Num contexto de economia de mercado, a necessidade de vender e obter lucro é vital para as empresas jornalísticas. Daí que os meios jornalísticos impressos tenham de orientar-se para a sua audiência. Vários autores chamaram a atenção para esta contingência da produção de informação num sistema capitalista. Fraser Bond escrevia já em 1962 que os jornalistas devem respeitar as tendências do mercado. Wolf (1987: 173-192) recorda que entre os critérios de valor-notícia se

inserir aqueles que são relativos à audiência e à concorrência. Van Dijk (1990: 174) explicita, igualmente, que as circunstâncias de mercado interferem no processo jornalístico de produção de informação, funcionando como critérios de noticiabilidade. Também Golding (1981: 74-75) relembra a existência de critérios relativos à audiência, o que significa que os meios jornalísticos têm de ter em conta as necessidades e expectativas do público comprador. Quando competem pela mesma audiência, pelo mesmo nicho de mercado, como acontece entre o *Diário de Notícias* e o *Público*, os jornais têm de encontrar elementos diferenciadores, susceptíveis de seduzir os potenciais compradores. Importa verificar, assim, quais foram as modalidades de actuação, produção e discurso que asseguraram uma cobertura diferenciada do golpe de estado em São Tomé.

## **2.8 Importância da fotografia nos meios impressos**

Já é vasta a literatura sobre jornalismo que enfatiza a importância das fotografias jornalísticas nos jornais e revistas. Por esta razão, elas devem ser levadas em consideração quando se fazem análises de conteúdo, como acontece no presente estudo.

Dyck e Coldevin (1992), Tucker e Dempsey (1991), Woodburn (1947), Miller (1975), Blackwood (1983) e Garcia, Stark e Miller (1991), em estudos separados, explicam que as fotografias jornalísticas atraem mais a atenção do que o texto e que podem ser percebidas mesmo quando o texto acompanhante não é lido ou é pouco lido. As fotografias podem desviar a atenção do texto e condicionar a interpretação das mensagens ao mobilizarem a atenção para elas mesmas (Culbertson, 1974). Por vezes, os leitores obtêm as suas primeiras impressões de uma história olhando para as fotografias (Woodburn, 1947; Miller, 1975; Blackwood, 1983; Garcia, Stark e Miller, 1991). Além disso, as fotografias jornalísticas enriquecem os enunciados verbais (Fleming e Levie, 1978) e contribuem para a construção de significados sobre pessoas e acontecimentos (Matthews e Reuss, 1985), tanto assim que alguns leitores reclamam contra as fotografias que consideram inapropriadas ou mal usadas em determinadas histórias (Gordon e Lubrano, 1995; Mesquita, 1998: 148-151; Wemans, 1999: 131-148). A isto acresce que, se muito do texto que acompanha as fotografias não é processado pelos leitores (Garcia, Stark e Miller, 1991), é lícito e razoável assumir que as fotografias podem ser uma das principais representações que alguns observadores têm dos acontecimentos. Tanto assim é que as fotografias jornalísticas chegam a provocar efeitos de agenda-setting (Wanta, 1988).

As fotografias contribuem também para o enquadramento de uma história, proporcionando maior compreensão desta última, e ajudam a manter o interesse de um leitor (Miller, 1975). Tubergen e

Mashman (1974), por exemplo, demonstraram que a natureza de uma fotografia pode influenciar as atitudes de um observador face aos actantes representados nas fotos. As pesquisas realizadas dão também crédito à ideia de que as palavras estão mais associadas à razão, enquanto as imagens estão mais associadas à emoção (Hirschman, 1986). Este dado confere às fotografias mais importância do que aparenta, porque, de acordo com as pesquisas de Damásio (1995), é a emoção que leva à acção, não a razão, falando-se já não apenas de um coeficiente de inteligência mas também de um coeficiente de emoção.

Tendo em conta os dados gerais apresentados sobre as fotografias jornalísticas, torna-se relevante analisar como elas foram usadas no contexto da cobertura do golpe de estado em São Tomé e Príncipe, nomeadamente se foram informativamente aproveitadas e se os seus conteúdos reforçaram os enquadramentos suscitados pelos enunciados verbais.

### 3. Metodologia

Sendo o **objectivo** deste trabalho aferir a forma como a imprensa portuguesa de referência reportou o golpe de estado de Julho de 2003 em São Tomé e Príncipe, o **objecto de estudo** circunscreveu-se às matérias referentes à cobertura do golpe publicadas nos diários de referência *Público* e *Diário de Notícias*, no semanário *Expresso* e na revista semanal *Visão*, considerados, entre os periódicos generalistas, os mais relevantes meios jornalísticos impressos de referência em Portugal em vários estudos (por exemplo: Traquina, 2001; Ponte, 2002; Sousa, 2000 b; Sousa et al., 2002). Esses periódicos constituíram as **variáveis independentes** do estudo.

Elegeu-se a análise do discurso como **método de pesquisa** porque, tal como explicam Marques de Melo et al. (1999: 4):

"Ao invés de entrevistar o leitor sobre os seus hábitos de leitura, utiliza-se o processo inverso, ou seja, analisar aquilo que é oferecido ao leitor (...).

Outra vantagem deste tipo de pesquisa é o facto de trabalhar com valores essencialmente quantificáveis, definidos por categorias estabelecidas e comprovadas em estudos similares. Desta forma, a colecta de dados é baseada na mensuração de textos e as conclusões expressas em forma numérica, o que facilita o cruzamento de informações e a elaboração de tabelas e gráficos explicativos, além de permitir com facilidade a reavaliação e comprovação de todo o projecto ou parte dele."

A **unidade de análise do discurso** foi a matéria individual (peça) sobre o golpe de estado, sendo consideradas peças sobre o golpe todas as matérias que referenciavam o golpe, directa ou indirectamente. A informação foi, assim, classificada em número de peças e em cm<sup>2</sup> (arredondados às unidades) por várias **categorias** definidas *a priori*, conforme é habitual neste tipo de pesquisa (cf. Marques de Melo et. al., 1999: 4; cf. Marques de Melo, 1972). No caso particular das fontes, a informação foi categorizada por número de referências às fontes e número de frases citadas. Assim, as **variáveis dependentes** do presente estudo foram, simultaneamente, as peças sobre o golpe, medidas nominalmente e por nível de razão (em cm<sup>2</sup>), e as referências às fontes e frases citadas. A definição das categorias para a análise de conteúdo foi feita tomado em consideração que essa mesma análise procuraria testar várias hipóteses, sustentadas pela teoria do jornalismo, e responder às perguntas de investigação que delas emergiram.

### **Hipóteses, perguntas de investigação, variáveis e definição operacional das categorias de análise do discurso**

<b>Perguntas de investigação</b>	<b>Variáveis</b>	<b>Definição operacional das categorias de análise do discurso</b>
<b>H 1 A proximidade entre Portugal e São Tomé e a surpresa do acontecimento relevaram o golpe de estado entre a informação, em especial nos primeiros dias .</b>		
<b>PI 1</b> Qual foi a relevância informativa concedida ao golpe de estado no total e ao longo do período de análise?	Quantidade de informação (número de peças e espaço ocupado em cm <sup>2</sup> ).  Quantidade de chamadas à primeira página.	<b>Peças sobre o golpe:</b> todas as peças que referenciaram o golpe de estado em São Tomé e Príncipe nos periódicos analisados, ainda que o tema central das mesmas fosse outro.  <b>Chamadas sobre o golpe à primeira página:</b> Títulos e outras referências ao golpe de estado em São Tomé nas primeiras páginas dos periódicos analisados.
<b>H 2 A interação entre o critério de noticiabilidade da surpresa e a rotinização do inesperado, os valores-notícia da moderação e do acompanhamento de assuntos anteriormente tratados e ainda a orientação do jornalismo para os acontecimentos em detrimento das problemáticas impuseram uma cobertura centrada na evolução da situação e nas actividades de mediação.</b>		

<p><b>PI 2</b> Quais as temáticas predominantes na informação sobre o golpe?</p>	<p>Quantidade de informação sobre o golpe (número de peças e espaço ocupado em cm<sup>2</sup>), em função dos temas centrais das peças.</p>	<p><b>Evolução da situação em São Tomé e reportagens em São Tomé (percepções locais):</b> Peças em que a narração do golpe e da evolução da situação em São Tomé constituem os temas centrais ou em que se aborda o acontecimento a partir do referido país, procurando dar a conhecer as ideias dos são-tomenses e outros habitantes de São Tomé (mesmo quando estrangeiros) sobre a intentona.</p> <p><b>Ações e repercussões internacionais e mediação:</b> Peças que orbitam essencialmente em torno da condenação ao golpe, das iniciativas de mediação entre golpistas e autoridades eleitas, das repercussões internacionais do golpe, etc.</p> <p><b>Contexto:</b> peças documentais ou de outra natureza cuja preocupação central é apresentar dados susceptíveis de levar os leitores a conhecer dados sobre São Tomé.</p> <p><b>Perfis dos golpistas:</b> Peças que procuram traçar o "retrato" dos golpistas.</p> <p><b>Perfis dos governantes: Perfis dos golpistas:</b> Peças que procuram traçar o "retrato" dos governantes são-tomenses.</p> <p><b>Posicionamento editorial e argumentação em geral:</b> Peças que revelam a posição do periódico, em editorial, ou de um colunista ou comentador em relação ao golpe.</p> <p><b>Outros assuntos:</b> todas as peças que referenciam o golpe e cujo tema central não cabe nas categorias anteriores.</p> <p><b>Temáticas mistas:</b> peças que poderiam ser classificadas em várias das categorias anteriores, por abordarem várias das temáticas atrás definidas sem que uma delas constituísse o tema central.</p>
<p><b>H 3</b> A importância do petróleo no mundo de hoje levou a que o enquadramento dominante para justificar o golpe tenha recaído nos interesses que orbitam a descoberta do "ouro negro" em São Tomé e Príncipe.</p>		

<p><b>PI 3</b> Quais os enquadramentos justificativos do golpe mais referenciados?</p>	<p>Quantidade de informação sobre o golpe (número de peças e espaço ocupado em cm<sup>2</sup>), em função das motivações avançadas para o acontecimento.</p>	<p><b>O golpe deveu-se à miséria, à corrupção e à má-governança:</b> Peças onde se atribui a causa do golpe à miséria do país, que se reflecte nas condições de vida das pessoas, em geral, e dos militares, em particular, e que é agravada por políticos incompetentes e pela corrupção. Nesta categoria foram englobadas peças em que o referido enquadramento não é explícito, mas o contexto da peça favorece essa interpretação.</p> <p><b>O golpe deveu-se aos interesses que orbitam a descoberta de petróleo:</b> Peças onde se atribui as causas do golpe à descoberta de petróleo e a todas as movimentações claras ou mais ou menos obscuras que isso gerou.</p> <p><b>O golpe deveu-se aos "Búfalos":</b> Peças onde se atribui a responsabilidade do golpe às movimentações e descontentamento dos ex-militares "Búfalos", apresentados como tendo grande influência sobre os militares golpistas.</p> <p><b>O golpe deveu-se a várias das razões anteriores:</b> Peças que atribuem o golpe à conjugação de várias das razões anteriores.</p> <p><b>Outras explicações:</b> Peças que avançam explicações alternativas para o golpe.</p>
<p><b>H 4 O carácter da imprensa de referência impôs uma cobertura mista, dividida entre a descrição noticiosa do que se passava e a interpretação das informações, ou seja, dividida entre acontecimentos e a discussão das problemáticas, embora com destaque para os primeiros.</b></p>		
<p><b>PI 4</b> Que tipo de informação foi produzida sobre o golpe?</p>	<p>Quantidade de informação sobre o golpe (número de peças e espaço ocupado em cm<sup>2</sup>), em função da tipologia discursiva das peças.</p>	<p><b>Descritiva, narrativa e citada:</b> Peças onde a maioria das frases descrevem situações e pessoas ou narram factos e resultam das citações de fontes.</p> <p><b>Interpretativa e argumentativa:</b> Peças onde a intenção analítica ou persuasiva e argumentativa é evidente, seja para interpretar situações seja para construir explicações, seja ainda para emitir juízos de valor sobre pessoas e acontecimentos.</p> <p><b>Documental:</b> Peças de contexto com informação em bruto (por exemplo, dados estatísticos de um país).</p>

**PI 5** Quais os géneros jornalísticos usados para a cobertura do golpe?

Quantidade de informação sobre o golpe (número de peças e espaço ocupado em cm<sup>2</sup>), em função dos géneros jornalísticos.

**Notícia breve:** Relato sucinto e descritivo de um acontecimento, geralmente não tendo mais de dois ou três parágrafos curtos, com ou sem citações directas e/ou parafraseadas de outras fontes que não o jornalista, e que traz informação nova.

**Notícia ou reportagem:** Relato desenvolvido de um acontecimento, em geral predominantemente descritivo, embora possa ter facetas analíticas e até opinativas, e que possui, geralmente, citações directas e/ou parafraseadas de outras fontes que não o jornalista. Admitiram-se nesta categoria diversos géneros de reportagem: reportagem retrospectiva de acontecimento, reportagem de acção, etc. As notícias desenvolvidas e reportagens normalmente trazem informação nova, mas, por vezes, recuperam informação antiga para contextualizarem os assuntos e permitem-se apontar pistas quanto às suas consequências.

**Entrevista:** Peça jornalística susceptível de permitir a um ou mais entrevistados dirigirem-se directamente ao leitor através das respostas que dão às perguntas de um jornalista, embora o jornalista oriente a entrevista em função das perguntas que coloca, de forma a trazer a público informação nova e pertinente. Admitiram-se nesta categoria diversos géneros de entrevista: por um lado, entrevistas em "pergunta-resposta" ou em "discurso indirecto"; por outro lado, entrevistas de declarações, entrevistas de personalidade, entrevistas-inquérito, etc. Geralmente, na entrevista é o entrevistado e não o jornalista que está em foco, pelo que a maior parte do texto tem origem no primeiro.

**Documento:** Peças jornalísticas que funcionam como *background* informativo e documental para notícias, reportagens, entrevistas, etc. Por exemplo, uma apresentação de dados estatísticos, uma cronologia dos factos históricos que antecederam determinado acontecimento, uma biografia podem considerar-se peças documentais.

**Editorial, coluna, comentário ou artigo:** Peças que, regra geral, surgem espacialmente bem delimitadas, apresentam um conteúdo argumentativo, analítico ou opinativo, e são assinadas. Geralmente, são peças que não trazem informação nova, antes se debruçam sobre dados conhecidos, que servem de base à interpretação e argumentação.

**Outro género:** Peças que não cabem nas categorias anteriores.

<b>H 5 A informação sobre o golpe foi produzida maioritariamente onde os jornais estão sedeados, Portugal, devido à facilidade de acesso às fontes e de produção de informação, especialmente num contexto inicial.</b>		
<p><b>PI 6</b> Onde foi produzida a informação sobre o golpe?</p>	<p>Quantidade de informação sobre o golpe (número de peças e espaço ocupado em cm<sup>2</sup>), em função do local onde foram produzidas.</p>	<p><b>Portugal:</b> Peças produzidas no todo ou na maior parte em Portugal, mesmo quando nelas tenham sido usadas informações obtidas em São Tomé por agências noticiosas ou outras organizações noticiosas.</p> <p><b>São Tomé e Príncipe:</b> Peças produzidas no todo ou na maior parte em São Tomé e Príncipe, mesmo quando nelas tenham sido usadas informações obtidas em São Tomé por agências noticiosas ou outras organizações noticiosas.</p> <p><b>Outro país:</b> Peças produzidas no todo ou na maior parte noutro país que não Portugal ou São Tomé e Príncipe.</p> <p><b>Vários países:</b> Peças produzidas no todo ou na maior parte em vários países, de forma equilibrada. É o caso, por exemplo, de uma peça elaborada conjuntamente por jornalistas em Portugal e em São Tomé.</p> <p><b>Não identificado nem identificável:</b> Peças em que é impossível determinar onde foram produzidas através da análise do discurso.</p>
<b>H 6 As estratégias de diferenciação num contexto competitivo de mercado impuseram a aposta na produção própria de informação aos jornais de referência.</b>		



<p><b>PI 7</b> Quem produziu a informação sobre o golpe?</p>	<p>Quantidade de informação sobre o golpe (número de peças e espaço ocupado em cm<sup>2</sup>), em função da autoria das peças.</p>	<p><b>Produção própria:</b> Peças produzidas no todo ou na maior parte por jornalistas, colaboradores ou colunistas do próprio periódico (normalmente assinadas), mesmo quando, eventualmente, foram incluídos contributos externos (exemplo: informação de agência) não identificáveis ou pouco relevantes entre os contributos identificáveis.</p> <p><b>Agência Lusa:</b> Peças produzidas no todo ou na maior parte por jornalistas, colaboradores ou colunistas da Agência Lusa (principal agência noticiosa portuguesa).</p> <p><b>Outras agências de notícias:</b> Peças produzidas no todo ou na maior parte por jornalistas, colaboradores ou colunistas de agências noticiosas que não a Agência Lusa.</p> <p><b>Outros órgãos de comunicação social:</b> Peças produzidas no todo ou na maior parte por jornalistas, colaboradores ou colunistas de outros órgãos de comunicação social que não os referidos nas categorias anteriores.</p> <p><b>Outras fontes:</b> Peças produzidas no todo ou na maior parte por outros produtores de informação.</p> <p><b>Não identificado nem identificável:</b> Peças cuja autoria é impossível de determinar recorrendo-se unicamente à análise do discurso.</p>
<p><b>H 7</b> A facilidade de acesso, por um lado, e a necessidade de saber o que se passava e de referenciar a "visão autóctone" sobre o acontecimento, por outro, impuseram o recurso equilibrado a fontes são-tomenses e portuguesas.</p> <p><b>H8</b> As fontes oficiais são dominantes.</p>		

**PI 8** Quais foram as fontes mais citadas na cobertura do golpe?

Presença das fontes nas notícias (excluindo o jornalista-produtor como fonte), em número de referências e frases citadas.

**São-tomenses:** Fontes de nacionalidade são-tomense.

**Portugueses:** Fontes de nacionalidade portuguesa.

**Outras fontes lusófonas:** Fontes de nacionalidade brasileira, guineense, timorense, moçambicana, cabo-verdiana, angolana ou galega. CPLP.

**Fontes de outras nacionalidades:** Fontes nacionalidade diferente daquelas que foram definidas nas categorias anteriores.

**Fontes internacionais não lusófonas:** Organizações internacionais citadas colectivamente, excluindo a CPLP e outras instituições internacionais lusófonas. Portugueses ou outros nacionais de países lusófonos citados enquanto líderes ou membros de organizações internacionais de carácter não lusófono.

**Indeterminadas:** Fontes cuja nacionalidade é impossível de determinar pela análise do discurso.

**Políticos, diplomatas e altos funcionários:** Personalidades da vida política e diplomática. Fontes que exercem cargos políticos, membros de topo de partidos políticos, políticos em geral, diplomatas e outros altos funcionários dos estados.

**Instituições internacionais:** Instituições internacionais citadas colectivamente ou seus dirigentes e funcionários citados em nome delas.

**Militares:** Fontes militares.

**Especialistas e comentadores civis/civis de destaque:** Civis socialmente destacados, académicos e outros pesquisadores e comentadores em geral.

**Populares:** Fontes populares não incluídas na categoria anterior.

**Outras fontes:** Fontes não incluídas nas categorias anteriores.

**Fontes "oficiais":** Fontes representativas de uma instituição nacional ou internacional ou dos órgãos e organismos do estado.

**Fontes oficiosas e anónimas:** Fontes que pretendem preservar o anonimato, mesmo quando oficiosamente apresentam a versão de uma instituição nacional ou internacional ou

<b>H 9 A importância da fotografia jornalística levou ao seu aproveitamento estruturante na cobertura do golpe.</b>		
<b>PI 9</b> Qual a relevância concedida às fotografias jornalísticas sobre o golpe?	Quantidade de foto-informação sobre o golpe (número de fotos e espaço ocupado em cm <sup>2</sup> ).	<b>Fotografias sobre o golpe:</b> Fotografias surgidas em peças sobre o golpe ou em chamadas à primeira página, excluindo as fotos dos autores das peças.
<b>H10 As fotografias jornalísticas reforçaram os enunciados verbais.</b>		
<b>PI 10</b> Quais os conteúdos das fotografias jornalísticas sobre o golpe?	Quantidade de foto-informação sobre o golpe (número de fotos e espaço ocupado em cm <sup>2</sup> ), em função do conteúdo.	<p><b>Políticos e acções políticas:</b> Fotografias cujo tema central é a representação de políticos e/ou das suas actividades.</p> <p><b>Militares e acções militares:</b> Fotografias cujo tema central é a representação de militares e/ou das suas actividades, incluindo as operações militares golpistas.</p> <p><b>Populares e acções populares:</b> Fotografias cujo tema central é a representação de populares e/ou das suas actividades.</p> <p><b>Espaços/paisagens:</b> Fotografias cujo tema central é a representação de espaços físicos, edifícios e/ou paisagens.</p> <p><b>Conteúdos mistos:</b> Fotografias cujo tema central se pode inserir em várias das categorias anteriores.</p>
<b>H 11 As fotografias jornalísticas reforçaram a representação das fontes oficiais.</b>		
<b>H 12 A facilidade em fotografar ou encontrar fotografias nos arquivos, por um lado, e a necessidade de orientar a cobertura do golpe para uma "visão autóctone", para dar credibilidade, genuinidade e referencialidade à cobertura do acontecimento, por outro, determinaram o domínio de actantes portugueses e são-tomenses no discurso fotojornalístico.</b>		
<b>PI 11</b> Quais os actantes mais representados nas fotografias jornalísticas sobre o golpe?	Quantidade de actantes principais representados nas fotografias (número), em função da sua actividade social e da sua nacionalidade.	<p><b>Políticos:</b> Personalidades do mundo político, altos funcionários.</p> <p><b>Militares:</b> Militares fardados.</p> <p><b>Populares:</b> Populares, civis em geral, mesmo se socialmente destacados.</p> <p><b>Portugueses:</b> Actantes de nacionalidade portuguesa.</p> <p><b>São-tomenses:</b> Actantes de nacionalidade são-tomense.</p> <p><b>Outros lusófonos:</b> Actantes de nacionalidades lusófonas, com excepção de portugueses e são-tomenses: angolanos, moçambicanos, guineenses, cabo-verdianos, timorenses, brasileiros e galegos.</p> <p><b>Outros:</b> Actantes de nacionalidades não englobadas nas categorias anteriores.</p> <p><b>Indeterminados:</b> Actantes cuja nacionalidade é impossível de determinar recorrendo unicamente à análise do discurso.</p>

<p><b>H 13 A facilidade em fotografar, por um lado, e a necessidade de dar à cobertura do golpe uma cor genuína e referencial em relação ao acontecimento, por outro lado, determinaram que o discurso fotojornalístico fosse baseado em fotografias feitas em Portugal e em São Tomé e Príncipe.</b></p>		
<p><b>PI 12</b> Onde foram obtidas as fotografias jornalísticas sobre o golpe?</p>	<p>Quantidade de foto-informação sobre o golpe (número de fotos e espaço ocupado em cm<sup>2</sup>), em função do local onde foram obtidas.</p>	<p><b>São Tomé e Príncipe:</b> Fotos obtidas em São Tomé e Príncipe.</p> <p><b>Portugal:</b> Fotos obtidas em Portugal.</p> <p><b>Outra localização lusófona:</b> Fotos obtidas no Brasil, na Guiné-Bissau, em Moçambique, em Angola, em Cabo Verde, em Timor-Leste ou na Galiza.</p> <p><b>Outra localização:</b> Fotografias obtidas em países não categorizados acima.</p> <p><b>Não identificável:</b> Fotografias em que não é possível identificar onde foram realizadas recorrendo-se unicamente à análise do discurso.</p>
<p><b>H 14 A necessidade de diferenciação qualitativa num mercado competitivo impôs as fotografias sobre o golpe de produção própria.</b></p>		
<p><b>PI 13:</b> Quem produziu as fotografias jornalísticas sobre o golpe?</p>	<p>Quantidade de foto-informação sobre o golpe (número de fotos e espaço ocupado em cm<sup>2</sup>), em função da autoria das fotografias.</p>	<p><b>Produção própria:</b> Fotografias realizadas por fotojornalistas do periódico em causa.</p> <p><b>Produção não própria nacional:</b> Fotografias realizadas por fotojornalistas de agências noticiosas ou fotográficas portuguesas ou de outros órgãos jornalísticos portugueses.</p> <p><b>Produção não própria estrangeira ou internacional:</b> Fotografias realizadas por fotojornalistas de agências noticiosas ou fotográficas estrangeiras ou internacionais ou de outros órgãos jornalísticos estrangeiros ou internacionais, mesmo quando o fotojornalista é português.</p> <p><b>Não mencionada:</b> Fotografias cujo autor não é mencionado e que é impossível de determinar unicamente através da análise do discurso.</p>

Além das questões atrás sistematizadas, definiu-se ainda uma derradeira pergunta de investigação, cuja resposta obrigou a uma análise qualitativa do discurso (orientada para o caso geral e não para matérias em particular) e onde se teve em conta que a linguagem é produtiva e incapaz de espelhar a realidade (Traquina, 2002; Fairclough, 1992, 1995; Bell e Garrett, 1998; Fowler, 1991):

**PI 14 De que forma a cobertura do golpe reflectiu os constrangimentos ao processo de produção de informação, as intenções dos jornalistas, dos comentadores e das fontes e os enviosamentos (intencionais ou não intencionais) introduzidos na informação pelos referidos actores do processo informativo?**

A investigação foi temporalmente limitada aos jornais diários publicados entre os dias 17 e 24 de Julho e aos jornais *Expresso* publicados na semana do golpe e na semana seguinte. No caso da *Visão*, consideraram-se as revistas editadas nas duas semanas subsequentes à semana do golpe, uma vez que a revista publicada na semana do golpe foi coincidente com a data do golpe e não trazia qualquer informação sobre este acontecimento. Os limites temporais resultam da intenção de se aferirem as reacções da imprensa ao golpe em si mesmo, numa primeira fase, e às tentativas de resolução da crise que culminaram com o regresso do Presidente Fradique de Menezes a São Tomé e Príncipe, numa segunda fase. Considerou-se que o regresso do Presidente da República a São Tomé e Príncipe marca o fim do golpe e o regresso à normalidade constitucional.

Especialmente, a pesquisa limitou-se aos cadernos principais dos jornais em causa, não sendo levados em conta os suplementos, mesmo os regulares, com excepção do caderno Local do *Público*, unicamente para efeitos estatísticos, porque equivale a uma das secções do DN.

Para efeitos de aferição do número total de peças e do espaço informativo não foram considerados os conteúdos publicitários ou promocionais, mesmo quando auto-promocionais e informativos.

Registe-se ainda que por informação internacional consideraram-se todas as peças que referenciavam outros países além de Portugal, mesmo que as acções a que a peça dizia respeito tivessem ocorrido em território português ou também referenciassem Portugal e portugueses – a referência a outros países foi o critério seguido.

Para aferição do peso da informação sobre o golpe na informação internacional surgida nas primeiras páginas, contabilizou-se toda a informação internacional nas primeiras páginas, independentemente da temática, pois a primeira página funciona como montra de todo o jornal, sendo uma espécie de *caleidoscópio jornalístico*. Porém, para aferição da informação internacional no corpo dos jornais apenas se contabilizaram as peças surgidas nas *páginas editoriais* e nas secções de *destaque*, *política/nacional*, *internacional/estrangeiro/mundo* e *economia*, por serem aquelas que mais especificamente enquadram o golpe de estado. A extensão da análise a realidades como o desporto ou a cultura atraindo a finalidade de se aferir o destaque efectivamente dado ao golpe de estado são-tomense na informação que lhe é próxima.

É ainda de advertir que para a aferição do espaço redactorial nas primeiras páginas se excluiu a auto-promoção e a publicidade. Além disso, como as primeiras páginas foram analisadas em separado, não foram tomadas em consideração para a aferição do número de peças e espaço ocupado por informação em geral.

Uma vez que a informação sobre o golpe englobou unicamente textos e fotografias, este estudo apenas se debruça sobre essas duas facetas do discurso jornalístico impresso.

Os dados para esta pesquisa foram codificados pelo pesquisador responsável e dois estudantes de graduação. A fiabilidade inter-codificadores foi aferida no início ( $r = 0,76$ ) da pesquisa, com um pré-teste em que se recorreu a uma amostra arbitrária de 16 peças, seis de cada diário e duas de cada semanário, e a meio da pesquisa ( $r = 81$ ), com uma amostra idêntica, tendo sido atingida uma média de  $r = 0,785$ .

Há que destacar que a semana do golpe de estado foi uma semana relativamente fértil em acontecimentos internacionais de relevo que terão condicionado o espaço redactorial disponibilizado para os acontecimentos em São Tomé e Príncipe. O suicídio de David Kelly, o cientista que foi a fonte de que a BBC se serviu para afirmar que o governo britânico fabricou uma versão exagerada sobre o perigo iraquiano para consumo público, foi noticiado a 20 de Julho. A 23 de Julho foi noticiada a morte dos filhos de Saddam Hussein, no Iraque, às mãos das tropas da coligação anglo-americana.

## 4. Resultados

### 4.1. Análise quantitativa da imprensa diária

Tendo em consideração o objectivo do estudo e as hipóteses e perguntas de investigação formuladas, a análise de conteúdo efectuada permitiu a obtenção de vários dados quantitativos, sistematizados e comentados nas tabelas a seguir inseridas.

**Tabela 1**

**Destaque dado ao golpe de estado são-tomense na imprensa diária**

	<i>Público</i>	<i>Diário de Notícias</i>
Total de peças	951	1 080
Média diária de peças	118,9	135
Peças sobre o golpe	29	36
Média diária de peças sobre o golpe	3,6	4,5
<b>% de peças sobre o golpe no total de peças</b>	<b>3</b>	<b>3,3</b>
Espaço redactorial total (cm <sup>2</sup> )	329 068	345 839
Média diária de espaço redactorial (cm <sup>2</sup> )	41 134	43 230
Espaço ocupado por peças sobre o golpe (cm <sup>2</sup> )	10 687	10 102

Média diária do espaço ocupado por peças sobre o golpe (cm <sup>2</sup> )	1 336	1 263
<b>% do espaço redactorial ocupado por peças sobre o golpe</b>	<b>3,2</b>	<b>2,9</b>
Número de chamadas à primeira página	65	49
Média diária de chamadas à primeira página	8,1	6,1
Número de chamadas à primeira página sobre o golpe	7	4
Média diária de chamadas à primeira página sobre o golpe	0,9	0,5
<b>% de chamadas à primeira página sobre o golpe no total de chamadas à primeira página</b>	<b>10,8</b>	<b>8,2</b>
Espaço redactorial em primeiras páginas (cm <sup>2</sup> )	5 592	6 536
Média diária de espaço redactorial nas primeiras páginas (cm <sup>2</sup> )	699	817
Espaço sobre o golpe nas primeiras páginas (cm <sup>2</sup> )	911	382
Média diária de espaço redactorial ocupado por chamadas sobre o golpe nas primeiras páginas (cm <sup>2</sup> )	113,9	47,8
<b>% do espaço redactorial em primeiras páginas ocupado por peças sobre o golpe</b>	<b>16,3</b>	<b>5,8</b>

Os jornais diários de referência portugueses tiveram um comportamento relativamente semelhante no que respeita ao destaque dado ao golpe de estado são-tomense: quer o número de peças quer o espaço redactorial ocupado rondou os 3% em ambos os jornais. Em valores absolutos e médios, também não se registaram diferenças muito significativas. No entanto, o *Público* concedeu mais honras de primeira página ao golpe do que o DN, quer em número de referências quer no espaço que as mesmas ocuparam. Comparando os resultados com os da tabela 2, pode-se concluir que, aparentemente, o *Público* chama mais vezes à primeira página do que o DN matérias respeitantes à realidade internacional, sendo o inverso igualmente verdadeiro: o DN referencia a realidade nacional nas primeiras páginas mais vezes do que o *Público*. Isto pode indiciar uma subtil diferenciação não tanto nas linhas editoriais globais dos dois jornais, mas sim na respectiva "política de vitrina". Ou seja, para um conteúdo aproximado no interior, a montra é relativamente diferente. Esta diferenciação permite aos dois diários de excelência portugueses delimitarem um território, no panorama da luta pelas audiências. No entanto, a confirmação desta hipótese exige mais pesquisa e amostras mais extensas dos jornais.

**Tabela 2**

**Destaque dado ao golpe de estado são-tomense no conjunto da informação internacional na imprensa diária**

	<i>Público</i>	<i>Diário de Notícias</i>
Total de peças internacionais	178	183
Média diária de peças internacionais	22,3	22,9
Peças sobre o golpe	29	36
Média diária de peças sobre o golpe	3,6	4,5
<b>% de peças sobre o golpe no total de peças internacionais</b>	<b>16,3</b>	<b>19,7</b>
Espaço redactorial com informação internacional (cm <sup>2</sup> )	54 320	48 101
Média diária de espaço redactorial com informação internacional (cm <sup>2</sup> )	6 790	6 013
Espaço ocupado por peças sobre o golpe (cm <sup>2</sup> )	10 687	10 102
Média diária do espaço ocupado por peças sobre o golpe (cm <sup>2</sup> )	1 336	1 263
<b>% do espaço redactorial internacional ocupado por peças sobre o golpe</b>	<b>19,7</b>	<b>21</b>
Número de chamadas internacionais à primeira página	27	16
Média diária de chamadas internacionais à primeira página	3,4	2
Número de chamadas à primeira página sobre o golpe	7	4
Média diária de chamadas à primeira página sobre o golpe	0,9	0,5
<b>% de chamadas à primeira página sobre o golpe no total de chamadas internacionais à primeira página</b>	<b>25,9</b>	<b>25</b>
Espaço redactorial internacional em primeiras páginas (cm <sup>2</sup> )	3 070	2 111
Média diária de espaço redactorial internacional nas primeiras páginas (cm <sup>2</sup> )	384	264
Espaço sobre o golpe nas primeiras páginas (cm <sup>2</sup> )	911	382
Média diária de espaço redactorial ocupado por chamadas sobre o golpe nas primeiras páginas (cm <sup>2</sup> )	113,9	47,8
<b>% do espaço redactorial internacional em primeiras páginas ocupado por peças sobre o golpe</b>	<b>29,7</b>	<b>18,1</b>

No contexto da informação internacional, o golpe mereceu um destaque digno de registo: quase um quinto da informação internacional nos dois periódicos refere-se directa ou indirectamente ao golpe, o que *demonstra a importância que em Portugal se dá à c ena internacional lusófona* (valor-notícia da proximidade).

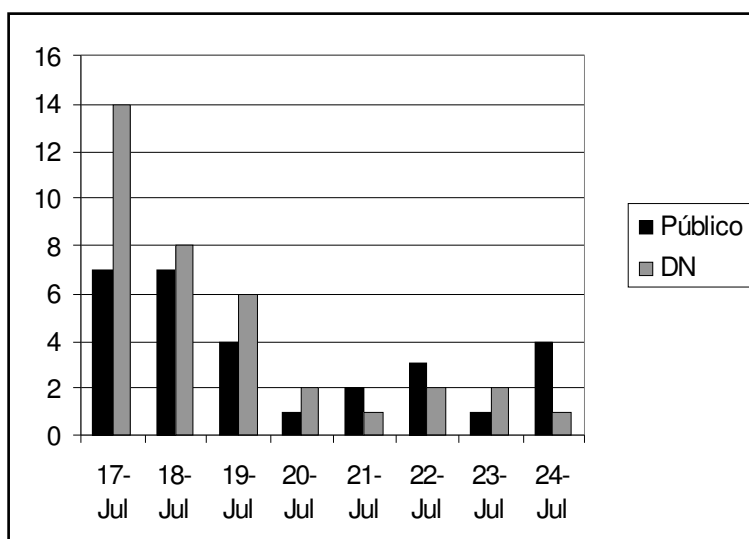


Os dados fornecidos pela tabela 2 consolidam também a interpretação dada aos da tabela 1. Os conteúdos no interior são, em termos quantitativos, relativamente semelhantes, mas a "política de vitrina" parece ser diferente. Em números absolutos e relativos, o *Público* aparenta conceder mais relevância na primeira página à informação internacional do que o DN. O prolongamento desta política encontra eco no destaque dado ao golpe de estado em São Tomé na primeira página, que é maior no *Público*, quer em valores absolutos e médios quer em percentagem. No entanto, para este acréscimo de importância do golpe na vitrina do *Público* contribuíram também as figuras dos enviados especiais, como se verá adiante.

A média de extensão das peças sobre o golpe é de 368 cm<sup>2</sup> no *Público* e de 281 cm<sup>2</sup> no DN. Neste particular, subsistem também pequenas diferenças entre os jornais, pois as peças do *Público* tendem a ser mais extensas do que as do DN.

**Gráfico 3**

**Evolução diária do número de peças sobre o golpe no *Público* e no *Diário de Notícias***



O gráfico respeitante à evolução do número de peças sobre o golpe nos dois diários portugueses de referência pode dividir-se em dois períodos. Até dia 20 de Julho, o DN inseriu mais peças sobre o golpe do que o *Público*, embora em parte isso se tenha devido à ancoragem da cobertura do golpe à cobertura de uma reunião dos ministros dos Negócios Estrangeiros da Comunidade dos Países de Língua Portuguesa que se fazia em Coimbra. A partir de 21 de Julho, o *Público* passa a dispor de uma *vantagem estratégica*: enviados especiais no terreno. A figura do enviado denuncia uma *postura pró-activa* na obtenção de informação. A partir desse instante, o *Público* toma a liderança na difusão de peças sobre o golpe, sendo sintomático que, quando se noticiou a normalização da

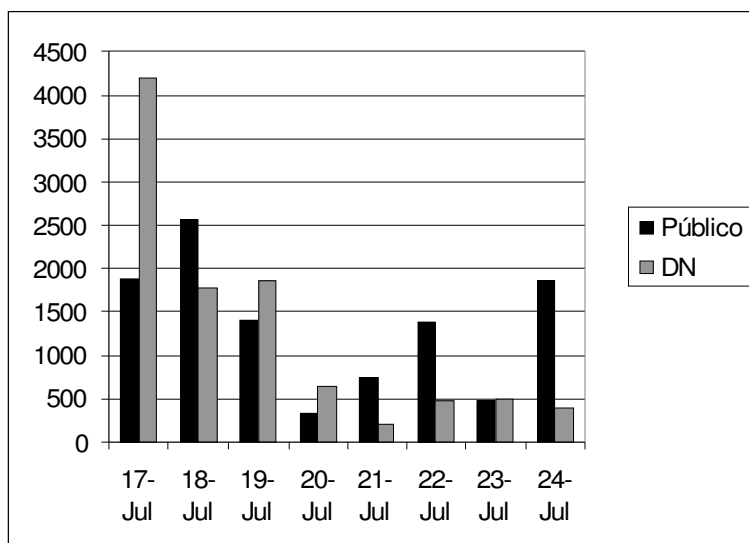
situação e o regresso do Presidente Fradique de Menezes, o DN apenas tenha feito referência ao caso numa peça, enquanto o *Público* contextualizou a informação em quatro peças (uma delas subdividida em duas). Refira-se, aliás, que a *presença de enviados especiais no terreno* funcionou, para o *Público*, como um critério de noticiabilidade, no contexto da competição pela melhor cobertura do acontecimento. O melhor indício para fundamentar este argumento está no facto de a presença em São Tomé de enviados especiais do *Público* ter sido noticiada na primeira página (dia 21 de Julho) e de a primeira notícia a que essa presença está associada ter merecido o maior destaque de todas as referências ao golpe na página um.

Realce ainda para o facto de o acontecimento ter sido bastante abordado no início, mas os seus desenvolvimentos merecerem menos atenção. Duas interpretações podem ser sugeridas. A primeira é a de que o golpe passou de *acontecimento excepcional* (*what a story!*, na terminologia de Tuchman, 1978) a *acontecimento de rotina* (Tuchman, 1978) – assistiu-se a uma *rotinização do inesperado* (Tuchman, 1973). A segunda é a de que o *inesperado* (*surpresa*) aparenta ser mais relevante do que o *desenvolvimento de assuntos anteriormente noticiados* enquanto critério de noticiabilidade, nomeadamente quando esses desenvolvimentos não encaixam na matriz de noticiabilidade dominante. Só quando houve desenvolvimentos impulsionadores (a presença de enviados especiais, o regresso do Presidente) e o acontecimento caminhou para o seu "feliz desenlace" é que o golpe voltou a ser mais noticiado. O subtema do regresso do Presidente emprestou nova ênfase ao assunto e providenciou informação nova, que foi noticiada (ver Traquina, 2001: 137). Neste caso, a *perspectiva do epílogo* agregou-se ao *desenvolvimento de assuntos anteriormente noticiados* para reforçar a noticiabilidade do *acontecimento em evolução*.

Por outro lado, a cobertura do golpe, no seu conjunto, metamorfoseou-se numa espécie de *macro-reportagem ubíqua* (há vários locais da acção) *em desenvolvimento*. Esta macro-reportagem em desenvolvimento apresentou um formato semelhante ao conto, à novela, ou ao romance: nela houve *momentos catalisadores da acção*, *momentos de narração da evolução da acção* e *momentos de contextualização* (que correspondem às *descrições* literárias). Contudo, a aproximação da formatação da macro-reportagem em desenvolvimento aos géneros literários não se esgotou na estrutura, paradoxalmente porque o real condiciona a cobertura jornalística (há intenção de verdade e de objectividade no genuíno relato jornalístico): o golpe em si mesmo foi uma *tragédia* e por isso se assistiu à narração do seu desenvolvimento como uma tragédia, mitigada, contudo, pelo *happy end*, a ponto de o golpe quase não ter passado, afinal, de *farsa*, condicionando a sua cobertura a ser igualmente farsa.

Gráfico 4

Evolução diária do espaço redactorial consagrado ao golpe no *Público* e no *Diário de Notícias*



Reforçando os dados do gráfico 3, também o gráfico 4 evidencia dois períodos. Até 20 de Julho, os jornais competiram na difusão de informação sobre o golpe. Nenhum dos jornais tinha enviados no terreno. A novidade do acontecimento impulsionou a competição entre os jornais. O DN concedeu mais espaço ao golpe do que o *Público*, em parte porque agregou parcialmente a cobertura do golpe à cobertura da reunião de ministros da CPLP, que decorria em Coimbra. A partir de 21 de Julho, o *Público* passou a dispor de enviados especiais no terreno, incluindo um fotojornalista, e, a partir desse dia, difundiu mais informação sobre o golpe do que o DN (com excepção do dia 23, data em que o assunto internacional dominante no Ocidente foi a morte dos filhos de Saddam Hussein, no Iraque).

Tabela 5

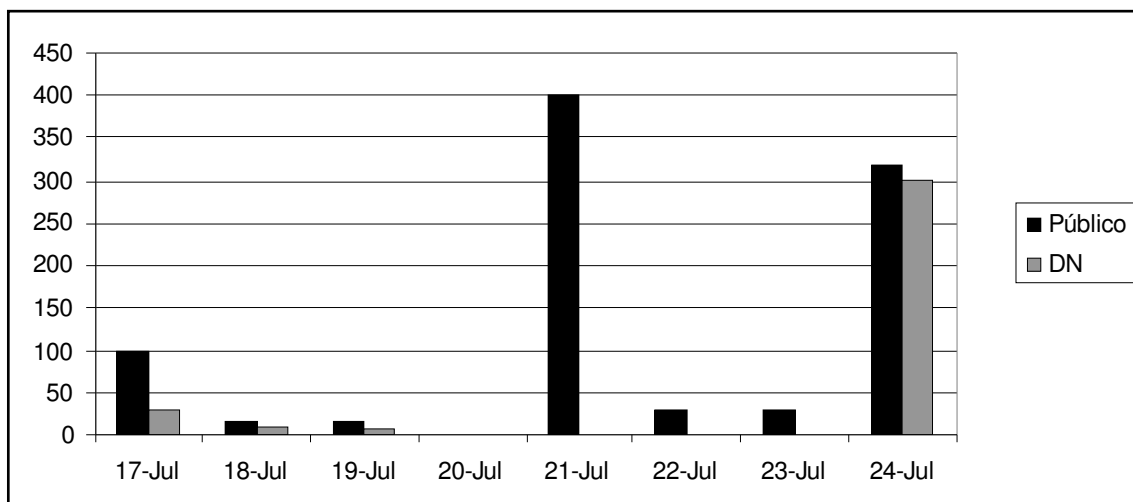
Evolução das chamadas sobre o golpe à primeira página

	Dias com chamadas à primeira página							
	17 Julho	18 Julho	19 Julho	20 Julho	21 Julho	22 Julho	23 Julho	24 Julho
<i>Público</i>	X	X	X		X	X	X	X
DN	X	X	X					X

Com X assinalam-se os dias em que o golpe foi chamado às primeiras páginas.

**Gráfico 6**

**Evolução do espaço redactorial consagrado ao golpe nas primeiras páginas**



**Gráfico 7**

**Evolução diária do espaço de informação sobre o golpe nas primeiras páginas no espaço da informação internacional nas primeiras páginas (*Público*)**

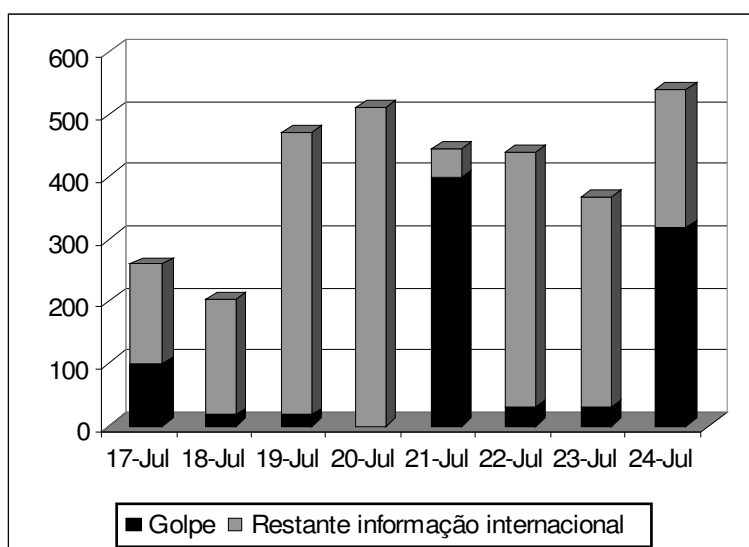
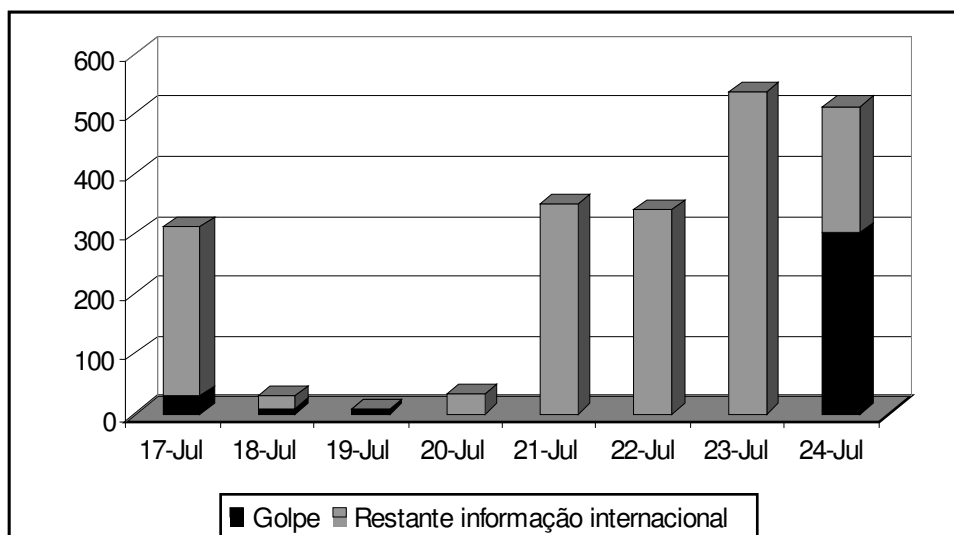


Gráfico 8

**Evolução diária do espaço de informação sobre o golpe nas primeiras páginas no espaço da informação internacional nas primeiras páginas (*Diário de Notícias*)**



A tabela 5 e os gráficos 6, 7 e 8 mostram que o golpe foi presença constante nas primeiras páginas do *Público* ao longo de todo o período em análise (com excepção do dia 20 de Julho, data em que o grande assunto internacional no Ocidente foi o suicídio do cientista britânico David Kelly) e sempre com maior destaque do que no DN. Em parte, isso ocorreu porque, a partir do dia 21, o *Público* passou a dispor de enviados a São Tomé (o peso da chamada é elucidativo: a presença dos enviados funciona como critério de noticiabilidade e *cabide noticioso*<sup>1</sup> para se dar mais destaque à informação sobre o golpe). No dia 21 de Julho, começaram a publicar-se os contributos dos enviados do *Público* a São Tomé e Príncipe. A figura do enviado representa um *prolongamento da rede de captura dos acontecimentos (news net)* do órgão jornalístico em causa. Surpreende o peso da celebração da figura do enviado especial, reflectido no destaque dado ao golpe na primeira página (no dia anterior nem sequer tinha sido feita qualquer chamada, pelo que a surpresa do dia 21 é maior). O enviado especial é um trunfo que irrompe na esfera da noticiabilidade, especialmente quando a concorrência directa não tem lá ninguém. Isto é, a presença do enviado especial no local do acontecimento funcionou como um importante critério de noticiabilidade. A informação disponibilizada pelo enviado e a *informação de que o enviado está lá* subverteram o espaço que

<sup>1</sup> Traquina (1988) fala da actualidade como *cabide noticioso*. Por exemplo, o Dia Mundial do Ambiente pode ser aproveitado para uma reportagem sobre o estado do ambiente em Portugal. A ideia de Traquina não é totalmente similar à interpretação que aqui é dada, mas, à falta de melhor terminologia, optou-se por usar a mesma designação de Nelson Traquina.

seria rotineiramente consagrado aos acontecimentos. A presença do enviado, no *Público*, acabou mesmo por dar à informação por este remetida um destaque na "um" que nem sequer o regresso do Presidente a São Tomé (noticiado a 24 de Julho) teve. A interpretação atrás formulada ganha valor explicativo pelo facto de o peso da informação sobre o golpe na primeira página a 21 de Julho não ter tido correspondência notória no interior do jornal, pois apenas se registou um ligeiro aumento do volume de informação (ver tabela 4) – o que mais interessou foi anunciar à audiência "atenção, temos gente nossa lá para lhe contar a história, temos gente lá a trabalhar para si".

No DN, o golpe foi notícia realçada com chamada à "um" nos três primeiros dias (surpresa) e só voltou a ter honras de primeira página quando ocorre o desenlace da história: o Presidente regressou a São Tomé, a democracia triunfou. O *happy end* funcionou como um critério de noticiabilidade: o regresso do Presidente a São Tomé e Príncipe suscitou mais atenção nas primeiras páginas do que a notícia do próprio golpe. O público foi sendo preparado para o desenlace, tal e qual como num romance, e teve oportunidade de seguir a história até ao "final". O final teve de ser em grande, por isso em grande foi a presença do golpe na primeira página. Evidencia-se, também, o triunfo do valor da normalidade. Celebrou-se a normalidade constitucional, a paz, o triunfo da democracia. Neste caso, o positivo triunfou sobre o negativo. Se as más notícias fazem alguma informação, as boas notícias também contam, e bastante, especialmente quando vêm na sequência das más notícias e correspondem a felizes desenlaces destas últimas.

### Gráfico 9

#### Evolução diária do espaço de informação sobre o golpe no espaço da informação internacional (*Público*)

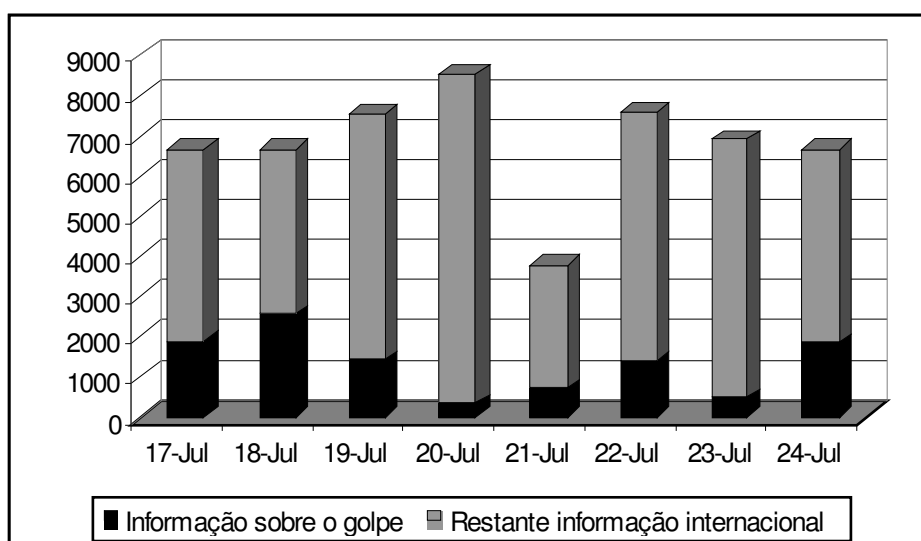
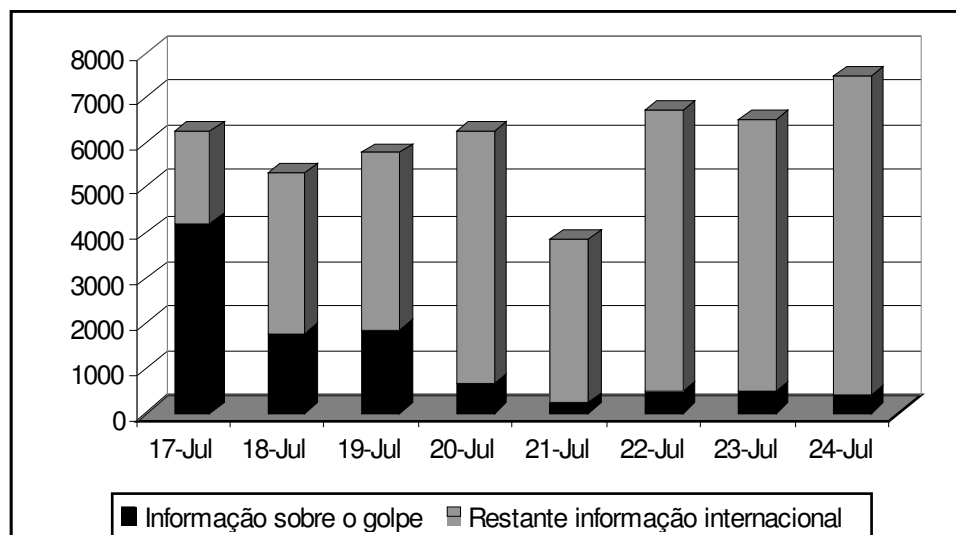


Gráfico 10

**Evolução diária do espaço de informação sobre o golpe no espaço da informação internacional**  
(*Diário de Notícias*)



Os gráficos 9 e 10 mostram que a história do golpe alimentou os jornais durante todo o período de análise, tendo mesmo adquirido, no contexto da informação internacional, uma certa dimensão, em particular nos três primeiros dias, mas nunca chegou a ser um assunto hegemónico, até porque nesse período, como já se disse, ocorreram dois outros factos marcantes na cena internacional, relacionados com a crise iraquiana: o suicídio de David Kelly e a morte dos filhos de Saddam Hussein. O facto de São Tomé e Príncipe ser um estado de reduzida dimensão e estar situado em África, um continente que tem rimado com instabilidade, contribuiu para a redução da surpresa, para a redução do impacto da notícia, para a atenuação da noticiabilidade e, em consequência, para a redução do espaço redactorial que foi consagrado ao golpe. Investigação posterior poderá mesmo aferir o espaço consagrado ao golpe na imprensa estrangeira não lusófona, que será previsivelmente reduzido, pois, provavelmente, o critério da *proximidade* só terá contribuído para que o golpe tenha sido bastante destacado na imprensa lusófona, em particular na imprensa portuguesa, e na imprensa dos países vizinhos de São Tomé.

Destaque para o maior volume de informação sobre o golpe publicado nos últimos quatro dias do período em análise no *Público*, quando comparado com o do DN, devido à acção dos enviados do primeiro destes jornais.

**Tabela 11**

**Temáticas da informação sobre o golpe na imprensa diária**

	<i>Público</i>				<i>Diário de Notícias</i>			
	N.º peças	%	Espaço (cm <sup>2</sup> )	%	N.º peças	%	Espaço (cm <sup>2</sup> )	%
<b>Evolução da situação em São Tomé/reportagens em São Tomé (percepções locais)</b>	9	<b>31</b>	4 295	<b>40,2</b>	10	<b>27,8</b>	2 291	<b>22,7</b>
<b>Acções e repercussões internacionais/mediação</b>	8	<b>27,6</b>	1 912	<b>17,9</b>	13	<b>36,1</b>	3 711	<b>36,7</b>
<b>Contexto</b>	6	<b>20,7</b>	1 615	<b>15,1</b>	4	<b>11,1</b>	883	<b>8,7</b>
<b>Perfis dos golpistas</b>	0	<b>0</b>	0	<b>0</b>	0	<b>0</b>	0	<b>0</b>
<b>Perfis dos governantes</b>	0	<b>0</b>	0	<b>0</b>	1	<b>2,8</b>	624	<b>6,2</b>
<b>Posicionamento editorial e argumentação em geral</b>	2	<b>6,9</b>	438	<b>4,1</b>	4	<b>11,1</b>	768	<b>7,6</b>
<b>Outros assuntos</b>	0	<b>0</b>	0	<b>0</b>	2	<b>5,5</b>	470	<b>4,7</b>
<b>Temáticas mistas</b>	4	<b>13,8</b>	2 427	<b>22,7</b>	2	<b>5,5</b>	1 355	<b>13,4</b>
<b>TOTAL</b>	<b>29</b>	<b>100</b>	<b>10 687</b>	<b>100</b>	<b>36</b>	<b>100</b>	<b>10 102</b>	<b>100</b>

Há algumas semelhanças na cobertura que os dois jornais fizeram do golpe. A evolução da situação em São Tomé e as acções e repercussões internacionais constituíram o eixo de cobertura, sendo dada pouca atenção ao contexto, à interpretação e à opinião. O factor tempo (Schlesinger, 1977), o papel da cronamentalidade na cultura jornalística (Schudson, 1986), o ciclo temporal diário de produção rotineira de informação, que culmina no fecho (Traquina, 2001), as expectativas da audiência (Sousa, 2000; 2003) direccionam o processo jornalístico para os acontecimentos e não para as problemáticas (Tuchman, 1978). Por outro lado, e apesar de o *Público* ter assumido uma postura pró-activa quando mandou enviados para o terreno e de ambos os diários terem idêntica postura quando produzem informação através de *canais de iniciativa* (Sigal, 1973), como acontece nas entrevistas, a cobertura jornalística do golpe foi *essencialmente reactiva*, já que fundamentalmente reportou aquilo que acontecia. Tal como escreve Traquina (2001: 136), "a cobertura jornalística não é [fundamentalmente] pró-activa, mas reactiva".

A acção dos enviados do *Público* fez-se sentir, permitindo a este jornal destacar-se na cobertura da situação no terreno. Pode concluir-se, deste ponto de vista, que a presença de enviados especiais no terreno é um trunfo estratégico que amplifica a rede de captura de acontecimentos (Tuchman, 1978), em particular quando os jornalistas não têm os seus movimentos tolhidos. De destacar que, contingencialmente, o DN deu mais espaço do que o *Público* à cobertura das acções e repercussões internacionais provavelmente devido ao facto de não ter enviados no terreno. Assim, restou-lhe



rotinizar o inesperado (Tuchman, 1978) e integrar a cobertura do golpe na cobertura da conferência dos ministros dos Negócios Estrangeiros da CPLP, em particular nos primeiros dias.

Ambos os jornais concederam um espaço significativo da cobertura às peças de contexto, análise e argumentação. Os jornais apresentaram um certo equilíbrio quando às peças de enquadramento publicadas, quando as matérias contextuais são somadas às peças argumentativas. Se bem que o DN tenha dado mais espaço do que o *Público* às peças argumentativas, o *Público* deu mais espaço à informação sobre o contexto da situação e de São Tomé e Príncipe.

As diferenças entre os jornais podem explicar-se pela diferenciação estratégica num mercado concorrencial, o que conduziu a elevados índices de produção própria de informação sobre o golpe em ambos os jornais (ver tabela 16).

**Tabela 12**

**Enquadramento dominante da informação que abordava as razões do golpe na imprensa diária**

	<i>Público</i>				<i>Diário de Notícias</i>			
	N.º peças	%	Espaço (cm <sup>2</sup> )	%	N.º peças	%	Espaço (cm <sup>2</sup> )	%
<b>O golpe deveu-se à miséria, à corrupção e à má-governança</b>	5	50	2 710	71,7	3	37,5	1 213	37,6
<b>O golpe deveu-se aos interesses que orbitam a descoberta de petróleo</b>	1	10	201	5,3	2	25	1 064	33
<b>O golpe deveu-se aos "Búfalos"</b>	2	20	208	5,5	1	12,5	168	5,2
<b>O golpe deveu-se a várias das razões anteriores</b>	2	20	659	17,4	2	25	779	24,2
<b>Outras explicações</b>	0	0	0	0	0	0	0	0
<b>TOTAL</b>	<b>10</b>	<b>100</b>	<b>3 778</b>	<b>100</b>	<b>8</b>	<b>100</b>	<b>3 224</b>	<b>100</b>

Os enquadramentos noticiosos, como as razões avançadas pela imprensa para o golpe em São Tomé, correspondem, como se viu, a padrões de interpretação e definição da realidade social (Gamson, 1989; Gitlin, 1980; Tuchman, 1976). Como argumenta Wolsfeld (1991: 18), os acontecimentos, como o golpe de estado, necessitam de explicações, o que os torna muitas vezes ponto de partida para a construção de enquadramentos noticiosos. Ou, como salienta Traquina (2001: 160), "as notícias acontecem no cruzamento de acontecimentos e textos", o que as torna simultaneamente enquadráveis e enquadradas.

Os jornais foram *consonantes* na exploração das razões do golpe, o que terá contribuído para a passagem desses enquadramentos para a agenda pública. A má-governança, a miséria e a corrupção são apontadas por ambos os jornais como as principais razões para o golpe. Mas o conjunto de razões que vão da má-governança, miséria e corrupção e se alargam aos interesses que orbitam a descoberta de petróleo e o descontentamento dos "Búfalos" também é referenciado. Destaque, aliás, para a importância que, em termos de superfície ocupada, o DN concedeu aos interesses que orbitam a descoberta de petróleo no arquipélago no conjunto das motivações para o golpe. Não se encontram outros enquadramentos justificativos do golpe nos diários. Também não se notou a existência de contra-argumentação política para as críticas à situação multifacetada que terá estado na origem do golpe. Deste ponto de vista, os jornais não funcionaram como arena pública, antes terão contribuído para gerar consensos, já que, conforme notou McCombs (1992), os enquadramentos dados às notícias, estando reunidas várias condições, entre as quais a *consonância*, influenciam a formação de correntes de opinião. De certa forma, os políticos reconheceram a responsabilidade pela situação e a sua defesa, como veremos na análise qualitativa, reside unicamente na ideia de que o golpe militar não é forma de resolver os problemas. Uma outra linha de defesa constrói-se com base no argumento de que o golpe foi provocado por causa das pessoas pensarem que já há dinheiro do petróleo, quando na realidade ainda nem sequer se sabe se o petróleo existente vale mesmo a pena ser explorado. Esta argumentação política tenta devolver a legitimidade do poder aos políticos, contribuindo, com estas *ilusões necessárias* (terminologia de Chomsky, 1989), para o *fabrico do consentimento*, na expressão de Chomsky e Herman (1988). Realce, ainda, para o facto de os contrastes de enquadramentos não se terem verificado nas mesmas peças, mas sim em matérias separadas, por vezes em dias diferentes. Ou seja, os jornalistas procuraram construir um noticiário equilibrado e contrastado, conforme as regras de conduta ética e deontológica da profissão, mas o equilíbrio foi conseguido pela totalidade da cobertura e não pelas matérias isoladas.

**Tabela 13****Tipologia da informação sobre o golpe na imprensa diária**

	<i>Público</i>				<i>Diário de Notícias</i>			
	N.º peças	%	Espaço (cm <sup>2</sup> )	%	N.º peças	%	Espaço (cm <sup>2</sup> )	%
<b>Descritiva, narrativa e citada</b>	24	<b>82,8</b>	9 444	<b>88,4</b>	27	<b>75</b>	8 357	<b>82,7</b>
<b>Interpretativa e argumentativa</b>	3	<b>10,3</b>	639	<b>6</b>	6	<b>16,7</b>	1 590	<b>15,7</b>
<b>Documental</b>	2	<b>6,9</b>	604	<b>5,6</b>	3	<b>8,3</b>	155	<b>1,5</b>
<b>TOTAL</b>	<b>29</b>	<b>100</b>	<b>10 687</b>	<b>100</b>	<b>36</b>	<b>100</b>	<b>10 102</b>	<b>100</b>

Os jornais analisados seguiram, na cobertura do golpe, um modelo essencialmente descritivo, narrativo, citado e noticioso de jornalismo. A interpretação e a opinião foram subalternizadas por ambos os jornais, em especial pelo *Público*, pelas razões já expressas na interpretação dos dados da tabela 11. As peças documentais rarearam. Isto não significa que os jornais não procuraram explicações para o golpe. Pelo contrário, procuraram-nas, mas não foi o jornalista a dá-las, foram fontes externas. Os jornais recorreram aos *canais de iniciativa* (Sigal, 1973) para produzirem informação. Não foi, portanto, seguido predominantemente um modelo analítico de cobertura, em que o jornalista se substitui às fontes externas na busca de explicações para os factos, ao contrário do que algumas tendências do jornalismo contemporâneo para a especialização e análise (Barnhurst e Mutz, 1997; Pinto, 1997) poderiam levar a supor. Não deve ser esquecido, porém, que as categorias criadas dizem respeito ao carácter dominante das matérias analisadas. Na realidade, encontraram-se exemplos de configuração de cenários e micro-análises feitas pelos jornalistas nas peças predominantemente descritivas, narrativas e citadas, como se verá no estudo qualitativo, mas este modelo não predomina nessas mesmas matérias, razão pela qual elas não foram contabilizadas como analíticas na tabela 13.

**Tabela 14****Géneros jornalísticos aplicados na informação sobre o golpe na imprensa diária**

	<i>Público</i>				<i>Diário de Notícias</i>			
	N.º peças	%	Espaço (cm <sup>2</sup> )	%	N.º peças	%	Espaço (cm <sup>2</sup> )	%
<b>Notícia breve</b>	2	<b>6,9</b>	135	<b>1,3</b>	8	<b>22,2</b>	548	<b>5,4</b>
<b>Notícia ou reportagem</b>	21	<b>72,5</b>	8 780	<b>82,2</b>	14	<b>38,9</b>	4 880	<b>48,3</b>
<b>Entrevista</b>	1	<b>3,4</b>	602	<b>5,6</b>	4	<b>11,1</b>	2 305	<b>22,8</b>
<b>Documento</b>	3	<b>10,3</b>	732	<b>6,8</b>	4	<b>11,1</b>	779	<b>7,7</b>
<b>Editorial, coluna, comentário ou artigo</b>	2	<b>6,9</b>	438	<b>4,1</b>	6	<b>16,7</b>	1 590	<b>15,7</b>
<b>Outro género</b>	0	<b>0</b>	0	<b>0</b>	0	<b>0</b>	0	<b>0</b>
<b>TOTAL</b>	<b>29</b>	<b>100</b>	<b>10 687</b>	<b>100</b>	<b>36</b>	<b>100</b>	<b>10 102</b>	<b>100</b>

Em consonância com os dados das tabelas 11 e 13, a tabela 14 demonstra que a cobertura do golpe se baseou em notícias e reportagens, géneros propícios à informação descritiva, citada e narrativa; à orientação da produção jornalística de informação para os acontecimentos e não para as problemáticas (ver tabela 11; Tuchman, 1978; Traquina, 2001; 2002); e ainda à prevalência dos *canais de rotina* em detrimento dos *canais informais* e dos *canais de iniciativa* (Sigal, 1973). O DN recorreu significativamente mais a entrevistas do que o *Público*, como *canal de iniciativa táctico* para a obtenção de informações e explicações.

**Tabela 15**

**Localização da produção de informação sobre o golpe na imprensa diária**

	<i>Público</i>				<i>Diário de Notícias</i>			
	N.º peças	%	Espaço (cm <sup>2</sup> )	%	N.º peças	%	Espaço (cm <sup>2</sup> )	%
<b>Portugal</b>	19	<b>65,5</b>	6 274	<b>58,7</b>	30	<b>83,3</b>	9 268	<b>91,7</b>
<b>São Tomé e Príncipe</b>	8	<b>27,6</b>	4 218	<b>39,5</b>	0	<b>0</b>	0	<b>0</b>
<b>Outro país</b>	1	<b>3,4</b>	140	<b>1,3</b>	2	<b>5,5</b>	203	<b>2</b>
<b>Vários países</b>	0	<b>0</b>	0	<b>0</b>	0	<b>0</b>	0	<b>0</b>
<b>Não identificado nem identificável</b>	1	<b>3,4</b>	55	<b>0,5</b>	3	<b>8,3</b>	631	<b>6,3</b>
<b>TOTAL</b>	<b>29</b>	<b>100</b>	<b>10 687</b>	<b>100</b>	<b>36</b>	<b>100</b>	<b>10 102</b>	<b>100</b>

A tabela 15 mostra que ambos os jornais produziram maioritariamente a informação sobre o golpe a partir de Portugal, sendo esta situação particularmente evidente no *Diário de Notícias*, já que o *Público* enviou correspondentes para o terreno. O fabrico da informação internacional tende, aparentemente, a ser deslocado do local onde a notícia radica para o local onde o jornal está sedado.

**Tabela 16**

**Origem da informação sobre o golpe na imprensa diária**

	<i>Público</i>				<i>Diário de Notícias</i>			
	N.º peças	%	Espaço (cm <sup>2</sup> )	%	N.º peças	%	Espaço (cm <sup>2</sup> )	%
<b>Produção própria</b>	27	<b>93</b>	10 424	<b>97,5</b>	28	<b>77,8</b>	9 028	89,4
<b>Agência Lusa</b>	1	<b>3,5</b>	208	<b>2</b>	0	<b>0</b>	0	0
<b>Outras agências de notícias</b>	0	<b>0</b>	0	<b>0</b>	1	<b>2,8</b>	221	2,2
<b>Outros órgãos jornalísticos</b>	0	<b>0</b>	0	<b>0</b>	0	<b>0</b>	0	0
<b>Outras fontes</b>	0	<b>0</b>	0	<b>0</b>	0	<b>0</b>	0	0
<b>Não identificado nem identificável</b>	1	<b>3,5</b>	55	<b>0,5</b>	7	<b>19,4</b>	853	8,4
<b>TOTAL</b>	<b>29</b>	<b>100</b>	<b>10 687</b>	<b>100</b>	<b>36</b>	<b>100</b>	<b>10 102</b>	<b>100</b>

Ambos os jornais analisados apostaram claramente na produção própria de informação, mesmo que as matérias produzidas tenham tido por base informações de agências (raramente ou nunca referenciadas). Esta opção reflecte novamente estratégias de diferenciação no contexto de um mercado competitivo. Reflecte também o *brio profissional*, já que a ideologia jornalística é das ideologias profissionais que mais valoriza o desempenho competitivo (desejo de bater a concorrência externa e, por vezes, interna – ver Sousa, 1997; Sousa, 2000 a; Sousa, 2003). Os dados evidenciam também que as velhas hipóteses de trabalho (por exemplo: Siebert et al., 1956) que enfatizavam a dependência informativa das grandes agências noticiosas parecem estar desajustadas das actuais realidades mediáticas, em particular do modo de funcionamento da imprensa de referência ocidental.

**Tabela 17**

**Nacionalidade das fontes usadas na informação sobre o golpe na imprensa diária**

	<i>Público</i>				<i>Diário de Notícias</i>			
	N.º de referências	%	Períodos / frases	%	N.º de referências	%	Períodos / frases	%
<b>São-tomenses</b>	59	<b>51,3</b>	126	<b>60,6</b>	14	<b>38,9</b>	125	<b>80,6</b>
<b>Portugueses</b>	17	<b>14,8</b>	25	<b>12</b>	14	<b>38,9</b>	19	<b>12,3</b>
<b>Outras fontes lusófonas</b>	17	<b>14,8</b>	27	<b>13</b>	5	<b>13,9</b>	6	<b>3,9</b>
<b>Fontes de outras nacionalidades</b>	11	<b>9,6</b>	20	<b>9,6</b>	1	<b>2,8</b>	3	<b>1,9</b>
<b>Fontes internacionais não lusófonas</b>	6	<b>5,2</b>	5	<b>2,4</b>	1	<b>2,8</b>	1	<b>0,6</b>
<b>Indeterminadas</b>	5	<b>4,3</b>	5	<b>2,4</b>	1	<b>2,8</b>	1	<b>0,6</b>
<b>TOTAL</b>	<b>115</b>	<b>100</b>	<b>208</b>	<b>100</b>	<b>36</b>	<b>100</b>	<b>155</b>	<b>100</b>

**Nota:** não se considerou o produtor da informação como fonte. Não se consideraram documentos como fontes.

Os jornais recorreram essencialmente a fontes são-tomenses, o que traduz interesse pela "visão autóctone". Mesmo quando fontes portuguesas e são-tomenses se equivalem em número de referências, caso do DN, em número de períodos/frases citadas as fontes são-tomenses ficam longe das portuguesas. No entanto, é de relevar que algumas das fontes são-tomenses estavam em Portugal (reunião dos ministros dos Negócios Estrangeiros dos países da CPLP) ou habitam e trabalham em Portugal. O *acesso*, neste caso, foi facilitado pela proximidade e pela convivência, de onde se conclui que o *índice de polifonia* depende das *condições de acesso* às fontes. O mesmo se pode dizer, de resto, de outras fontes lusófonas citadas, que estavam em Portugal por ocasião da já

referida reunião da CPLP. O olhar sobre o golpe foi, genericamente, *lusofonocêntrico*. Este estudo de caso reforça a ideia de *enviamento lusocêntrico* na cobertura da realidade internacional. De realçar que a cobertura do *Público* foi mais polifónica do que a do DN.

**Tabela 18**

**Tipo de fontes usadas na informação sobre o golpe na imprensa diária**

	<i>Público</i>				<i>Diário de Notícias</i>			
	N.º de referências	%	Períodos / frases	%	N.º de referências	%	Períodos / frases	%
<b>Políticos, diplomatas e altos funcionários</b>	55	<b>47,8</b>	111	<b>53,4</b>	27	<b>75</b>	138	<b>89</b>
<b>Instituições internacionais</b>	9	<b>7,8</b>	15	<b>7,2</b>	2	<b>5,6</b>	3	<b>1,9</b>
<b>Militares</b>	20	<b>17,4</b>	33	<b>15,9</b>	4	<b>11,1</b>	7	<b>4,5</b>
<b>Populares</b>	12	<b>10,4</b>	15	<b>7,2</b>	1	<b>2,8</b>	2	<b>1,3</b>
<b>Especialistas e comentadores civis/civis de destaque</b>	14	<b>12,2</b>	29	<b>13,9</b>	1	<b>2,8</b>	4	<b>2,6</b>
<b>Outras fontes</b>	5		5	<b>2,4</b>	1	<b>2,8</b>	1	<b>0,6</b>
<b>TOTAL</b>	<b>115</b>	<b>100</b>	<b>208</b>	<b>100</b>	<b>36</b>	<b>100</b>	<b>155</b>	<b>100</b>
<b>Total de fontes "oficiais"</b>	69	<b>60</b>	102	<b>49</b>	31	<b>86,1</b>	86	<b>55,5</b>
<b>Total de fontes oficiosas e anónimas</b>	10	<b>8,7</b>	11	<b>5,3</b>	1	<b>2,8</b>	1	<b>0,6</b>
<b>Total de outras fontes</b>	36	<b>31,3</b>	95	<b>45,7</b>	4	<b>11,1</b>	68	<b>43,9</b>

**Nota:** não se considerou o produtor da informação como fonte. Não se consideraram documentos como fontes.

O jornalismo atenta, sobretudo, naquilo que determinados actores fazem e dizem, daí que a maioria das notícias, incluindo as notícias sobre o golpe, sejam uma *colectânea de factos e citações*. É preciso, portanto, observar quem é citado e em que condições é citado.

Apesar do golpe ter assumido um carácter militar, os jornais citaram essencialmente políticos, diplomatas e outros altos funcionários (ou então militares travestidos de políticos, como aconteceu com os "Búfalos", reunidos em torno da Frente Democrata-Cristã são-tomense). Por um lado, os militares golpistas estavam longe; por outro lado, os políticos estavam mais perto (reunião da CPLP) e havia movimentações de mediação negocial. Confirma-se, em consequência, que o *acesso* é condição importante, talvez mesmo condição primeira, para a polifonia jornalística, quer se fale de canais de iniciativa, quer se fale de canais de rotina ou mesmo de canais informais na obtenção de informação.

Tal como a literatura do jornalismo faria prever (por exemplo: Santos, 1997; Schudson, 1986; Tuchman, 1978; Molotch e Lester, 1974; Hall et al., 1978...), as fontes "oficiais" dominaram a informação sobre o golpe, devido à sua representatividade e ao seu posicionamento hierárquico. Além disso, o direccionamento da informação para as "pessoas de elite" permite ganhos de noticiabilidade (a referência a "pessoas de elite" é um critério de valor-notícia). Como diz Traquina (2001: 136), "os acontecimentos específicos ganham noticiabilidade se envolverem actores com notoriedade ou fontes autorizadas". Mas não é só isso que é visível – *Os critérios de noticiabilidade são postos em jogo não apenas para seleccionar a informação disponível, mas também para fabricar informação de iniciativa própria e para seleccionar fontes de informação. As vozes alternativas*, como lhes chama Traquina (2001: 147), que neste estudo correspondem aos *populares*, não tiveram grande representatividade, pouco conseguindo intervir na produção jornalística. Em parte, isso também se explica pela dificuldade de acesso – repare-se que o *Público*, que enviou jornalistas a São Tomé, recolheu mais citações de populares do que o DN.

Apesar da prevalência das fontes oficiais, os enquadramentos justificativos do golpe apontaram em grande medida para a má-governança e para os interesses que orbitam em torno do petróleo (tabela 12), o que não seria de esperar. Deve-se assinalar, assim, que *a interpretação jornalística e a coluna ou o comentário do especialista ou comentador subsistem no campo de uma relativa esfera de liberdade interpretativa e argumentativa. Por outras palavras, o predomínio das fontes oficiais não determina de imediato o predomínio dos enquadramentos oficiais*, mesmo se a atenção dada às fontes "oficiais" represente e fortaleça simbolicamente as estruturas sociais de governação e "dominação" (Hall et al., 1978; Van Dijk, 1990: 174...).

**Tabela 19**

**Inserção de fotografias jornalísticas sobre o golpe na imprensa diária**

<i>Público</i>			<i>Diário de Notícias</i>		
N.º de fotos sobre o golpe	Espaço ocupado pelas fotos sobre o golpe	% do espaço dedicado ao golpe ocupado por fotografias	N.º de fotos sobre o golpe	Espaço ocupado pelas fotos sobre o golpe	% do espaço dedicado ao golpe ocupado por fotografias
18 (média por edição: 2,25)	3 328 (média por edição: 416)	<b>31,1</b>	16 (média por edição: 2)	1 991 (média por edição: 248,9)	<b>19,7</b>

A tabela 19 mostra que, no que respeita à cobertura do golpe, o *Público* deu mais espaço do que o DN ao fotojornalismo enquanto modalidade discursiva própria e identitária do jornalismo impresso. Como as fotografias tendem a assinalar e destacar os enunciados verbais, pode dizer-se que a

cobertura que o *Público* fez do golpe foi mais enfática, no sentido de que as imagens contribuíram para reforçar simultaneamente a importância do acontecimento e da cobertura.

**Tabela 20**

**Conteúdos da cobertura fotojornalística do golpe na imprensa diária**

	<i>Público</i>				<i>Diário de Notícias</i>			
	N.º de fotos	%	Espaço (cm <sup>2</sup> )	%	N.º de fotos	%	Espaço (cm <sup>2</sup> )	%
<b>Políticos e acções políticas</b>	9	<b>50</b>	1 406	<b>42,2</b>	9	<b>56,2</b>	1 342	<b>67,4</b>
<b>Militares e acções militares</b>	6	<b>33,3</b>	1 269	<b>38,1</b>	3	<b>18,8</b>	254	<b>12,8</b>
<b>Populares e acções populares</b>	3	<b>16,7</b>	653	<b>19,6</b>	1	<b>6,3</b>	179	<b>9</b>
<b>Espaços/paisagens</b>	0	<b>0</b>	0	<b>0</b>	2	<b>12,5</b>	79	<b>4</b>
<b>Conteúdos mistos</b>	0	<b>0</b>	0	<b>0</b>	1	<b>6,3</b>	137	<b>6,9</b>
<b>TOTAL</b>	<b>18</b>	<b>100</b>	<b>3 328</b>	<b>100</b>	<b>16</b>	<b>100</b>	<b>1 991</b>	<b>100</b>

Os dados da tabela 20 permitem concluir que, em ambos os diários analisados, as fotografias reforçaram a ênfase política da cobertura do golpe, secundarizando os militares e as acções militares e os populares. O enquadramento do discurso fotojornalístico, no caso estudado, favoreceu o entendimento do golpe como um acontecimento mais político do que militar. A predominância dos políticos é particularmente forte no *Diário de Notícias*, enquanto solução de recurso (arquivo e fotografia dos políticos em Portugal). Como o *Público* teve um fotojornalista em São Tomé a partir do dia 21 de Julho, a cobertura fotojornalística diversificou-se e deu-se mais espaço a populares e militares. A presença do enviado no terreno do acontecimento foi, assim, a vantagem estratégica que proporcionou a diversificação da produção fotojornalística, promovendo o interesse da/pela cobertura.

**Tabela 21**

**Actantes principais das fotografias jornalísticas sobre o golpe inseridas na imprensa diária**

	<i>Público</i>		<i>Diário de Notícias</i>	
	N.º	%	N.º	%
<b>Políticos</b>	19	<b>36,5</b>	14	<b>43,8</b>
<b>Militares</b>	23	<b>44,2</b>	12	<b>37,5</b>
<b>Populares</b>	10	<b>19,2</b>	6	<b>18,8</b>
<b>TOTAL</b>	<b>52</b>	<b>100</b>	<b>32</b>	<b>100</b>

**Nota:** não foram contabilizadas as pessoas que numa foto de arquivo assistiam a um comício de Fradique de Menezes durante a campanha eleitoral para a Presidência da República de São Tomé e Príncipe (no DN).



Apesar de no *Público* as fotografias reforçarem a associação do golpe aos políticos e suas acções (ver tabela 20), em número de actantes os militares constituem o primeiro grupo representado nas fotos inseridas por esse jornal. Os políticos, porém, também se encontram bem representados nas fotos do *Público*, em número de actantes (36,5%). No DN a situação inverte-se, com os políticos a sobreporem-se aos militares. Os populares são os menos representados nos dois jornais.

Como conclusão, pode dizer-se que a macro-presença política nas fotografias enfatiza a componente política do golpe, ou, se quisermos, o enquadramento político do golpe e das respectivas circunstâncias.

Os militares são frequentemente fotografados em grupo, o que diminui a sua importância individual e acentua a sua importância enquanto força (*massa*) armada. É também a esta razão que se deve a sua proliferação no discurso fotojornalísticos enquanto actantes fotográficos.

**Tabela 22**

**Nacionalidade dos actantes principais das fotografias jornalísticas sobre o golpe inseridas na imprensa diária**

	<i>Público</i>		<i>Diário de Notícias</i>	
	N.º	%	N.º	%
<b>Portugueses</b>	3	<b>5,8</b>	4	<b>12,5</b>
<b>São-Tomenses</b>	42	<b>80,8</b>	27	<b>84,4</b>
<b>Outros lusófonos</b>	3	<b>5,8</b>	0	<b>0</b>
<b>Outros</b>	3	<b>5,8</b>	1	<b>3,1</b>
<b>Indeterminados</b>	1	<b>1,9</b>	0	<b>0</b>
<b>TOTAL</b>	<b>52</b>	<b>100</b>	<b>32</b>	<b>100</b>

**Nota:** não foram contabilizadas as pessoas que numa foto de arquivo assistiam a um comício de Fradique de Menezes durante a campanha eleitoral para a Presidência da República de São Tomé e Príncipe (no DN).

A presença dominante de são-tomenses nas fotografias jornalísticas inseridas em ambos os jornais contribuiu para potenciar o interesse pela "visão autóctone" e para reforçar a ideia (enquadramento) de que o golpe foi essencialmente um acontecimento que dizia respeito aos são-tomenses, algo já acentuado pela nacionalidade das fontes citadas (tabela 17).

**Tabela 23**

**Local de obtenção das fotografias jornalísticas sobre o golpe na imprensa diária**

	<i>Público</i>				<i>Diário de Notícias</i>			
	N.º de fotos	%	Espaço (cm <sup>2</sup> )	%	N.º de fotos	%	Espaço (cm <sup>2</sup> )	%
<b>Portugal</b>	2	<b>11,1</b>	330	<b>9,9</b>	4	<b>25</b>	667	<b>33,5</b>
<b>São Tomé</b>	11	<b>61,1</b>	2 456	<b>73,8</b>	10	<b>62,5</b>	899	<b>45,2</b>
<b>Outra localização lusófona</b>	0	<b>0</b>	0	<b>0</b>	0	<b>0</b>	0	<b>0</b>
<b>Outra localização</b>	0	<b>0</b>	0	<b>0</b>	0	<b>0</b>	0	<b>0</b>
<b>Não identificável</b>	5	<b>27,8</b>	542	<b>16,3</b>	2	<b>12,5</b>	425	<b>21,3</b>
<b>TOTAL</b>	<b>18</b>	<b>100</b>	<b>3 328</b>	<b>100</b>	<b>16</b>	<b>100</b>	<b>1 991</b>	<b>100</b>

Nota: não foi contabilizada como fotografia uma imagem retirada de uma emissão de TV (DN) que ocupava cerca de 14cm<sup>2</sup> e que representava uma dirigente política.

As fotos inseridas pelos dois diários reforçaram os referentes da enunciação textual: São Tomé foi o espaço omnipresente nas fotografias, pois foi lá que o acontecimento teve lugar, independentemente das repercussões internacionais. As imagens mostram-nos que o golpe e as suas motivações disseram respeito, em primeiro lugar, aos são-tomenses.

**Tabela 24**

**Produção das fotografias jornalísticas sobre o golpe na imprensa diária**

	<i>Público</i>				<i>Diário de Notícias</i>			
	N.º de fotos	%	Espaço (cm <sup>2</sup> )	%	N.º de fotos	%	Espaço (cm <sup>2</sup> )	%
<b>Própria</b>	11	<b>61,1</b>	2 218	<b>66,6</b>	4	<b>25</b>	667	<b>33,5</b>
<b>Não própria nacional</b>	2	<b>11,1</b>	487	<b>14,6</b>	5	<b>31,25</b>	712	<b>35,8</b>
<b>Não própria estrangeira ou internacional</b>	2	<b>11,1</b>	585	<b>17,6</b>	6	<b>37,5</b>	599	<b>30,1</b>
<b>Não mencionada</b>	3	<b>16,7</b>	38	<b>1,1</b>	1	<b>6,25</b>	13	<b>0,6</b>
<b>TOTAL</b>	<b>18</b>	<b>100</b>	<b>3 328</b>	<b>100</b>	<b>16</b>	<b>100</b>	<b>1 991</b>	<b>100</b>

Nota: não foi contabilizada como fotografia uma imagem retirada de uma emissão de TV (DN) que ocupava cerca de 14cm<sup>2</sup> e que representava uma dirigente política são-tomense.

O *Público*, que inclusivamente enviou um fotojornalista para São Tomé, foi o jornal que mais apostou na produção própria de foto-informação. A diversificação da cobertura diferenciou o *Público* e tornou-o menos permeável às agências fotográficas e aos serviços fotográficos das agências noticiosas. O DN revelou uma maior dependência de produtores externos de foto-informação, precisamente porque não tinha fotojornalistas no principal terreno dos acontecimentos.

Assim, aparentemente quanto mais estreita for a malha da rede de captura de informação (neste caso, de foto-informação) que um jornal estende e quanto mais extensa for essa rede, maior é a probabilidade de esse jornal diversificar, aumentar e diferenciar qualitativamente a informação (incluindo a foto-informação).

Realce para que em nenhum dos jornais a produção própria de fotografias jornalísticas ter alcançado os mesmos valores percentuais da produção própria de texto (ver tabela 16), o que evidencia a secundarização da fotografia ao texto.

#### 4.2 Análise quantitativa da imprensa semanal

**Tabela 25**

**Destaque dado ao golpe de estado são-tomense na imprensa semanal**

	<i>Visão</i>	<i>Expresso</i>
Total de peças	244	369
Média semanal de peças	122	184,5
Peças sobre o golpe	5	10
Média semanal de peças sobre o golpe	2,5	5
<b>% de peças sobre o golpe no total de peças</b>	<b>2</b>	<b>2,7</b>
Espaço redactorial total (cm <sup>2</sup> )	98 820	115 242
Média semanal de espaço redactorial (cm <sup>2</sup> )	49 410	57 621
Espaço ocupado por peças sobre o golpe (cm <sup>2</sup> )	2 545	3 495
Média semanal do espaço ocupado por peças sobre o golpe (cm <sup>2</sup> )	1 273	1 747,5
<b>% do espaço redactorial ocupado por peças sobre o golpe</b>	<b>2,6</b>	<b>3</b>
Número de chamadas à primeira página	7	66*
Média semanal de chamadas à primeira página	3,5	33*
Número de chamadas à primeira página sobre o golpe	0	3*
Média semanal de chamadas à primeira página sobre o golpe	0	1,5*
<b>% de chamadas à primeira página sobre o golpe no total de chamadas à primeira página</b>	<b>0</b>	<b>4,5*</b>
Espaço redactorial em primeiras páginas (cm <sup>2</sup> )	980	7 128*
Média semanal de espaço redactorial nas primeiras páginas (cm <sup>2</sup> )	490	3 564*
Espaço sobre o golpe nas primeiras páginas (cm <sup>2</sup> )	0	243*

Média semanal de espaço redactorial ocupado por chamadas sobre o golpe nas primeiras páginas (cm <sup>2</sup> )	0	122*
<b>% do espaço redactorial em primeiras páginas ocupado por peças sobre o golpe</b>	<b>0</b>	<b>3,4*</b>

\*Inclui capa do segundo caderno, que funciona como uma segunda primeira página.

A imprensa semanal de referência teve, a exemplo dos jornais diários, um comportamento relativamente semelhante, tendo sido relativamente reduzido o destaque dado ao golpe de estado em São Tomé no total da informação. Porém, o *Expresso*, ao contrário da *Visão*, chamou várias vezes o golpe à primeira página (à "um" ou à primeira página do segundo caderno). Provavelmente, *as questões de espaço e paginação influenciaram os critérios editoriais de selecção*: o *Expresso* pode chamar muitos temas à primeira página, multiplicada, aliás, pela primeira página do segundo caderno; a *Visão* tem apenas uma página de tamanho próximo do A4, onde necessita de destacar o tema forte. Esta interpretação reforça os dados de várias investigações nas quais se conclui que o *formato interfere nos conteúdos*. Reforça também a ideia realçada na análise dos dados dos diários: a *política de vitrina* é um instrumento de diferenciação estratégica, mesmo quando os periódicos em causa não são estritamente concorrentes, como é o caso do *Expresso* e da *Visão*.

**Tabela 26**

**Destaque dado ao golpe de estado são-tomense no conjunto da informação internacional na imprensa semanal**

	<i>Visão</i>	<i>Expresso</i>
Total de peças internacionais	59	78
Média semanal de peças internacionais	29,5	39
Peças sobre o golpe	5	10
Média semanal de peças sobre o golpe	2,5	5
<b>% de peças sobre o golpe no total de peças internacionais</b>	<b>8,5</b>	<b>12,8</b>
Espaço redactorial com informação internacional (cm <sup>2</sup> )	20 358	30 104
Média semanal de espaço redactorial com informação internacional (cm <sup>2</sup> )	10 179	15 052
Espaço ocupado por peças sobre o golpe (cm <sup>2</sup> )	2 545	3 495
Média semanal do espaço ocupado por peças sobre o golpe (cm <sup>2</sup> )	1 273	1 747,5
<b>% do espaço redactorial internacional ocupado por peças sobre o golpe</b>	<b>12,5</b>	<b>11,6</b>

Número de chamadas internacionais à primeira página	0	20*
Média semanal de chamadas internacionais à primeira página	0	10*
Número de chamadas à primeira página sobre o golpe	0	3*
Média semanal de chamadas à primeira página sobre o golpe	0	1,5*
<b>% de chamadas à primeira página sobre o golpe no total de chamadas internacionais à primeira página</b>	<b>0</b>	<b>15*</b>
Espaço redactorial internacional em primeiras páginas (cm <sup>2</sup> )	0	2 054*
Média semanal de espaço redactorial internacional nas primeiras páginas (cm <sup>2</sup> )	0	1 027*
Espaço sobre o golpe nas primeiras páginas (cm <sup>2</sup> )	0	243*
Média semanal de espaço redactorial ocupado por chamadas sobre o golpe nas primeiras páginas (cm <sup>2</sup> )	0	122*
<b>% do espaço redactorial internacional em primeiras páginas ocupado por peças sobre o golpe</b>	<b>0</b>	<b>11,8*</b>

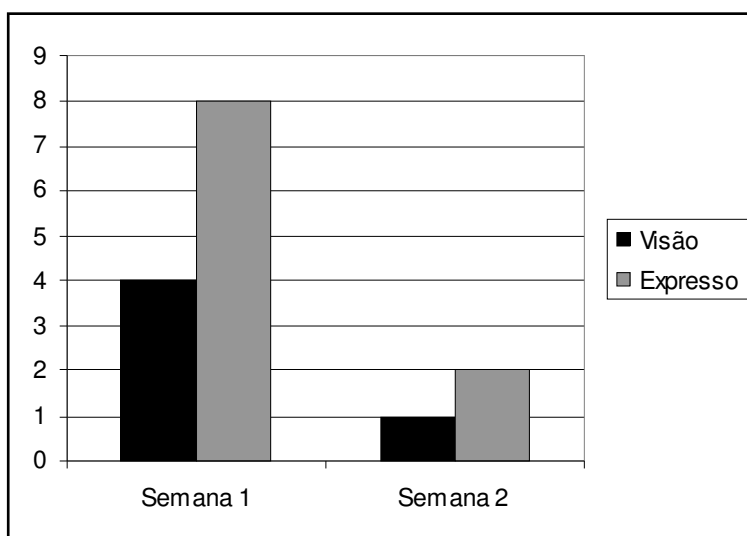
\*Inclui capa do segundo caderno, que funciona como uma segunda primeira página.

Cerca de um décimo da informação internacional em ambos os periódicos resultou directa ou indirectamente da cobertura do golpe, em número de peças e espaço ocupado. A percentagem é sensivelmente metade daquela que foi alcançada pelos diários. Os diários necessitam de acompanhar o devir diário das situações. A surpresa de um acontecimento inesperado impõe a notícia imediata, por um lado, e a busca imediata de esclarecimentos, por outro. Isto implica um reforço do número de matérias e resulta numa maior necessidade de espaço. Os semanários, por seu turno, podem fazer sùmulas dos desenvolvimentos dos assuntos, lembrar sinteticamente os principais enquadramentos explicativos, etc. *A periodicidade de um órgão de comunicação impresso afecta, aparentemente, a dimensão morfológica da cobertura de um acontecimento. A política de vitrina foi diferente na Visão e no Expresso. A Visão nunca chamou o golpe à primeira página. Aliás, nos números analisados a Visão não inseriu uma única chamada à primeira página de temas internacionais. A amostra é demasiado pequena para se concluir que a Visão secundariza os temas internacionais, mas é suficiente para o colocar por hipótese, até porque no período de análise foram vários os temas internacionais de destaque, como já se disse. Pelo contrário, o Expresso expõe bastante as temáticas internacionais, embora se sirva da segunda vitrina que constitui a página de rosto do segundo caderno.*

As diferenças no formato explicaram também as diferenças no espaço concedido ao golpe e à informação em geral. O *Expresso*, um jornal de formato clássico, tem dimensão suficiente para incluir bastante informação, ao contrário da *Visão*, que tem um formato sensivelmente A4.

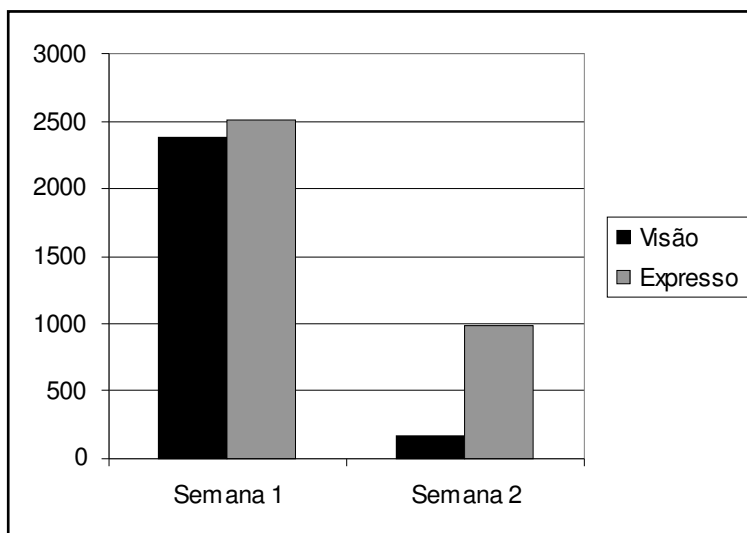
**Gráfico 27**

**Evolução semanal do número de peças sobre o golpe na *Visão* e no *Expresso***



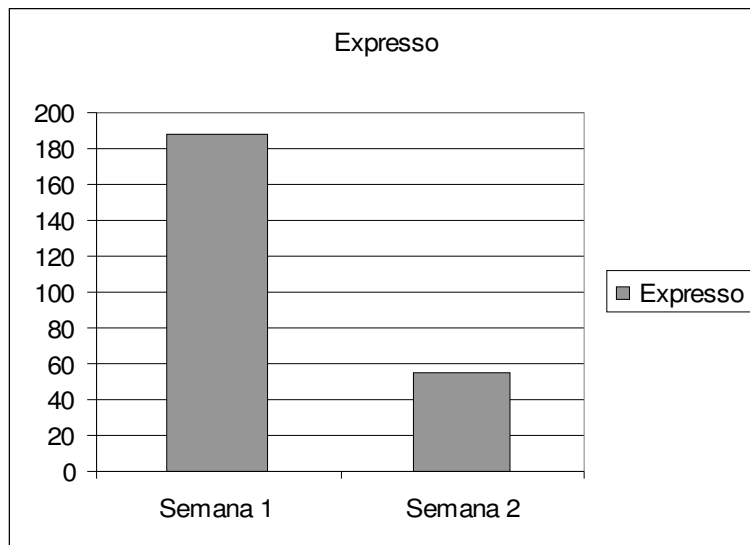
**Gráfico 28**

**Evolução semanal do espaço redactorial consagrado ao golpe na *Visão* e no *Expresso***



**Gráfico 29**

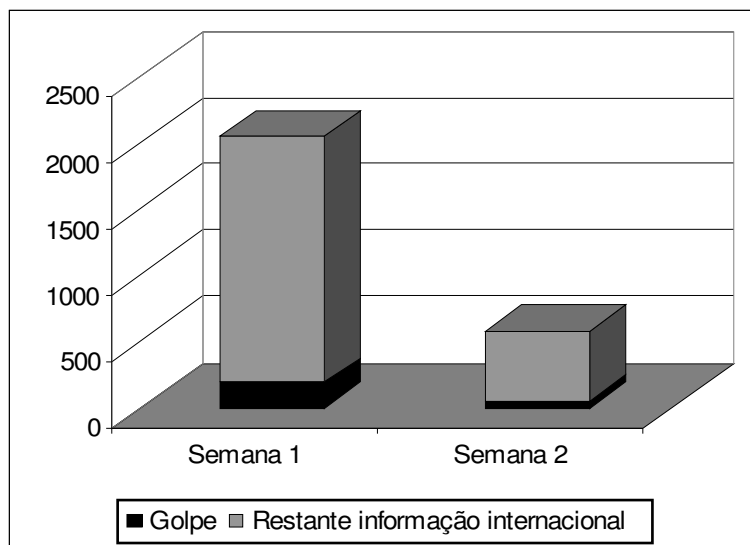
**Evolução semanal do espaço redactorial consagrado ao golpe nas primeiras páginas**



**Nota: apenas o *Expresso* fez chamadas sobre o golpe à primeira página**

**Gráfico 30**

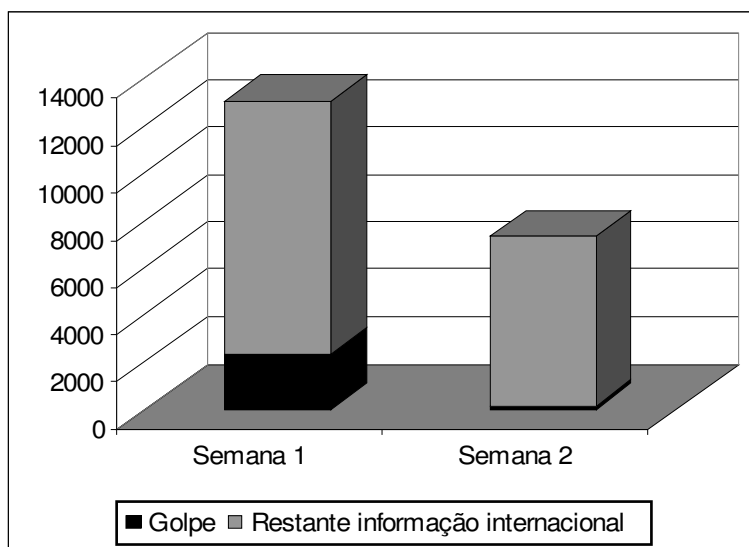
**Evolução semanal do espaço de informação sobre o golpe nas primeiras páginas no espaço da informação internacional nas primeiras páginas (*Expresso*)**



**Nota: apenas o *Expresso* fez chamadas sobre o golpe à primeira página**

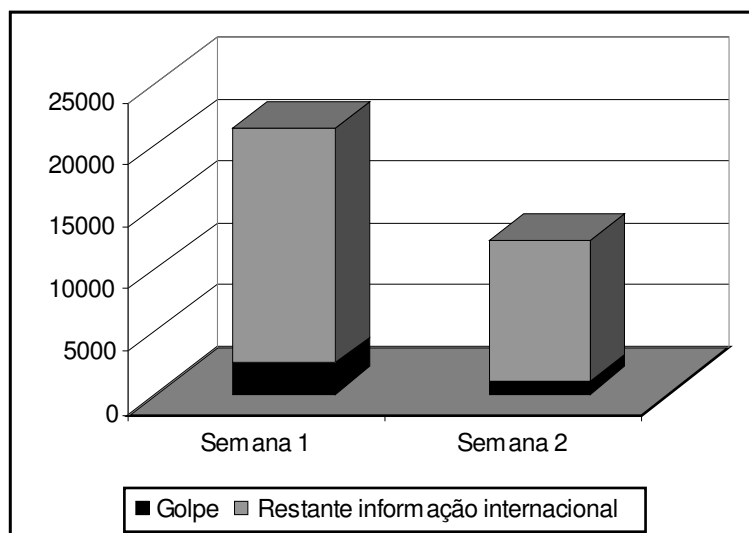
**Gráfico 31**

**Evolução semanal do espaço de informação sobre o golpe no espaço da informação internacional (*Visão*)**



**Gráfico 32**

**Evolução semanal do espaço de informação sobre o golpe no espaço da informação internacional (*Expresso*)**



Os seis gráficos anteriores mostram que a atenção consagrada ao golpe, em número de matérias e em espaço informativo ocupado, se reduziu substancialmente da primeira para a segunda semana. Essa diminuição ocorreu quer no interior dos periódicos analisados, quer entre a informação internacional, quer ainda nas primeiras páginas (caso do *Expresso*).



O regresso do Presidente a São Tomé e Príncipe foi, também nos semanários, o *happy end* que encerrou a macro-narrativa. São Tomé deixou rapidamente de ser notícia, ou quase, quando a intentona militar se resolveu. Porém, o golpe serviu como *cabide* para se noticiar São Tomé. Assim, dois jornais, a pretexto do golpe, regressaram a São Tomé para coberturas mais aprofundadas, já depois do período analisado neste estudo: o *Público*, entre os diários (revista de domingo, dia 3 de Agosto); e o *Expresso*, entre os semanários (revista do dia 23 de Agosto).

Os gráficos permitem reforçar a ideia de que o golpe em São Tomé se diluiu no conjunto de temas internacionais que os semanários noticiaram em jeito de *balancetes* de cada semana.

**Tabela 33**

**Temáticas da informação sobre o golpe na imprensa semanal**

	<i>Visão</i>				<i>Expresso</i>			
	N.º peças	%	Espaço (cm <sup>2</sup> )	%	N.º peças	%	Espaço (cm <sup>2</sup> )	%
<b>Evolução da situação em São Tomé/reportagens em São Tomé (percepções locais)</b>	1	20	168	6,6	3	30	1 862	53,3
<b>Acções e repercussões internacionais/mediação</b>	0	0	0	0	3	30	863	24,7
<b>Contexto</b>	2	40	319	12,5	3	30	647	18,5
<b>Perfis dos golpistas</b>	0	0	0	0	1	10	123	3,5
<b>Perfis dos governantes</b>	0	0	0	0	0	0	0	0
<b>Posicionamento editorial e argumentação em geral</b>	1	20	275	10,8	0	0	0	0
<b>Outros assuntos</b>	0	0	0	0	0	0	0	0
<b>Temáticas mistas</b>	1	20	1 783	70,1	0	0	0	0
<b>TOTAL</b>	<b>5</b>	<b>100</b>	<b>2 545</b>	<b>100</b>	<b>10</b>	<b>100</b>	<b>3 495</b>	<b>100</b>

A tabela 33 mostra que enquanto a *Visão* optou, em jeito de balancete, por uma cobertura sincrética em torno de uma peça forte que referia vários assuntos (sendo de considerar que os dois números da revista que foram analisados se referem às duas semanas após o golpe), o *Expresso* segmentou a informação em várias peças com conteúdos diferenciados. Como seria de esperar dos semanários, há também várias peças de contexto nos dois periódicos analisados. O *Expresso* não inseriu qualquer peça de teor argumentativo sobre o golpe, o que contraria as expectativas de quem vê nos semanários essencialmente espaços de balanço, interpretação e reflexão.

**Tabela 34**

**Enquadramento dominante da informação que abordava as razões do golpe  
na imprensa semanal**

	<i>Visão</i>				<i>Expresso</i>			
	N.º peças	%	Espaço (cm <sup>2</sup> )	%	N.º peças	%	Espaço (cm <sup>2</sup> )	%
<b>O golpe deveu-se à miséria, à corrupção e à má- governança</b>	0	0	0	0	0	0	0	0
<b>O golpe deveu-se aos interesses que orbitam a descoberta de petróleo</b>	1	33,3	275	12,3	1	50	263	58,2
<b>O golpe deveu-se aos "Búfalos"</b>	1	33,3	184	8,2	1	50	189	41,8
<b>O golpe deveu-se a várias das razões anteriores</b>	1	33,3	1 783	79,5	0	0	0	0
<b>Outras explicações</b>	0	0	0	0	0	0	0	0
<b>TOTAL</b>	<b>3</b>	<b>100</b>	<b>2 242</b>	<b>100</b>	<b>2</b>	<b>100</b>	<b>452</b>	<b>100</b>

O *Expresso* explorou menos do que a *Visão* as razões do golpe, ao contrário do que seria de esperar num jornal de formato clássico, sobretudo quando se está a comparar o seu comportamento com o de uma revista. De facto, na *Visão*, a mistura explosiva da miséria, má-governança e corrupção com o descontentamento dos Búfalos e com os interesses que orbitam a descoberta de petróleo foi apresentada como a razão do golpe, embora outras peças relembrem unicamente o descontentamento dos Búfalos e os interesses petrolíferos. No *Expresso*, apenas foram aprofundados dois enquadramentos nas peças analisadas: o descontentamento dos Búfalos e os interesses petrolíferos.

A principal conclusão a extrair dos dados atrás apresentados é que a imprensa diária e semanal foi *consonante* na apresentação dos enquadramentos motivadores do golpe, o que, a crer na hipótese do *agenda-setting*, terá contribuído para o inculcamento desses enquadramentos na agenda pública. Realce ainda para o facto de nos semanários não se encontrarem enquadramentos alternativos para justificar o golpe. Por outro lado, a defesa dos políticos, a exemplo do que ocorreu nos diários, assentou, nos semanários, quase unicamente na ideia de que um golpe de estado militar não é uma acção legítima nem legal para resolver problemas económicos, sociais, militares ou políticos.

**Tabela 35****Tipologia da informação sobre o golpe na imprensa semanal**

	<i>Visão</i>				<i>Expresso</i>			
	N.º peças	%	Espaço (cm <sup>2</sup> )	%	N.º peças	%	Espaço (cm <sup>2</sup> )	%
<b>Descritiva, narrativa e citada</b>	3	<b>60</b>	2 135	<b>83,9</b>	9	<b>90</b>	3 232	<b>92,5</b>
<b>Interpretativa e argumentativa</b>	1	<b>20</b>	275	<b>10,8</b>	1	<b>10</b>	263	<b>7,5</b>
<b>Documental</b>	1	<b>20</b>	135	<b>5,3</b>	0	<b>0</b>	0	<b>0</b>
<b>TOTAL</b>	<b>5</b>	<b>100</b>	<b>2 545</b>	<b>100</b>	<b>10</b>	<b>100</b>	<b>3 495</b>	<b>100</b>

Tal como aconteceu nos diários, a imprensa semanal também optou por uma cobertura centrada na descrição/narração e nas citações, em detrimento das peças documentais e interpretativas. Em suma, os periódicos analisados seguiram, na cobertura do golpe, um modelo essencialmente descritivo, narrativo, citado e noticioso de jornalismo, centrado nos acontecimentos e não nas problemáticas. A interpretação e a opinião foram subalternizadas em ambos os periódicos. As peças documentais rarearam. A exemplo dos diários, isto não significa que os jornais não procuraram explicações para o golpe, mas apenas que foram fontes externas, que são citadas, a fornecer essas explicações, e não os jornalistas. Ao contrário do que algumas tendências do jornalismo contemporâneo poderiam levar a supor, também não foi seguido pelos semanários um modelo predominantemente analítico de cobertura, em que o jornalista se substitui às fontes externas na busca de explicações para os factos. Não deve ser esquecido, porém, que, tal como aconteceu para os diários, as categorias criadas para análise quantitativa do discurso dizem respeito ao carácter dominante das matérias analisadas. Na realidade, encontram-se nas peças predominantemente descritivas, narrativas e citadas editadas pelos semanários exemplos de configurações de cenários e micro-análises feitas pelos jornalistas, como se verá no estudo qualitativo, mas este modelo não predomina nessas mesmas matérias, razão pela qual essas peças não foram classificadas como analíticas na tabela 35.

**Tabela 36****Géneros jornalísticos aplicados na informação sobre o golpe na imprensa semanal**

	<i>Visão</i>				<i>Expresso</i>			
	N.º peças	%	Espaço (cm <sup>2</sup> )	%	N.º peças	%	Espaço (cm <sup>2</sup> )	%
<b>Notícia breve</b>	0	<b>0</b>	0	<b>0</b>	8	<b>80</b>	2 981	<b>85,3</b>
<b>Notícia ou reportagem</b>	3	<b>60</b>	2 135	<b>83,9</b>	0	<b>0</b>	0	<b>0</b>
<b>Entrevista</b>	0	<b>0</b>	0	<b>0</b>	1	<b>10</b>	251	<b>7,2</b>
<b>Documento</b>	1	<b>20</b>	135	<b>5,3</b>	0	<b>0</b>	0	<b>0</b>

<b>Editorial, coluna, comentário ou artigo</b>	1	20	275	10,8	0	0	0	0
<b>Outro género</b>	0	0	0	0	1	10	263	7,5
<b>TOTAL</b>	<b>5</b>	<b>100</b>	<b>2 545</b>	<b>100</b>	<b>10</b>	<b>100</b>	<b>3 495</b>	<b>100</b>

A quase totalidade da cobertura dos semanários analisados foi feita com base em notícias e reportagens, géneros que reforçam a tendência narrativa, descritiva, citada, noticiosa e centrada nos acontecimentos da cobertura, conforme os dados da tabela 35.

**Tabela 37**

**Localização da produção de informação sobre o golpe na imprensa semanal**

	<i>Visão</i>				<i>Expresso</i>			
	N.º peças	%	Espaço (cm <sup>2</sup> )	%	N.º peças	%	Espaço (cm <sup>2</sup> )	%
<b>Portugal</b>	5	100	2 545	100	6	60	1 491	42,7
<b>São Tomé e Príncipe</b>	0	0	0	0	0	0	0	0
<b>Outro país</b>	0	0	0	0	0	0	0	0
<b>Vários países</b>	0	0	0	0	3	30	1 815	51,9
<b>Não identificado nem identificável</b>	0	0	0	0	1	10	189	5,4
<b>TOTAL</b>	<b>5</b>	<b>100</b>	<b>2 545</b>	<b>100</b>	<b>10</b>	<b>100</b>	<b>3 495</b>	<b>100</b>

Toda a informação sobre o golpe de estado em São Tomé difundida pela *Visão* foi produzida a partir de Portugal. No caso do *Expresso*, embora a maioria das matérias sobre o golpe tenha sido produzida em Portugal, as peças produzidas a partir de contributos de jornalistas posicionados em vários países ocuparam mais espaço. Porém, é preciso dizer-se que embora a superfície informativa ocupada pelas matérias sobre o golpe produzidas simultaneamente a partir de vários países tivesse sido maioritária, entre esses países encontram-se São Tomé e Portugal. Por isso, não fica comprometida a validade da ideia de que o fabrico da informação internacional tende, aparentemente, a ser deslocado do local onde a notícia radica para o local onde o jornal está sediado, pelo menos na imprensa portuguesa (pelo menos foi o que aconteceu na cobertura do golpe em São Tomé).

**Tabela 38**

**Origem da informação sobre o golpe na imprensa semanal**

	<i>Visão</i>				<i>Expresso</i>			
	N.º peças	%	Espaço (cm <sup>2</sup> )	%	N.º peças	%	Espaço (cm <sup>2</sup> )	%
<b>Produção própria</b>	5	100	2 545	100	9	90	3 306	94,6

Agência Lusa	0	0	0	0	0	0	0	0
Outras agências de notícias	0	0	0	0	0	0	0	0
Outros órgãos jornalísticos	0	0	0	0	0	0	0	0
Outras fontes	0	0	0	0	0	0	0	0
Não identificado nem identificável	0	0	0	0	1	10	189	5,4
<b>TOTAL</b>	<b>5</b>	<b>100</b>	<b>2 545</b>	<b>100</b>	<b>10</b>	<b>100</b>	<b>3 495</b>	<b>100</b>

Tal como os diários, os semanários analisados apostaram claramente na produção própria de informação, mesmo que as matérias produzidas tenham tido por base informações de agências (raramente ou nunca referenciadas). Esta opção reflecte estratégias de diferenciação no contexto de um mercado competitivo e também brio profissional, traço marcante da ideologia profissional dos jornalistas.

**Tabela 39**

**Nacionalidade das fontes usadas na informação sobre o golpe na imprensa semanal**

	<i>Visão</i>				<i>Expresso</i>			
	N.º de referências	%	Períodos / frases	%	N.º de referências	%	Períodos / frases	%
São-tomenses	16	94,1	23	95,8	11	64,7	19	46,3
Portugueses	0	0	0	0	2	11,8	6	14,6
Outras fontes lusófonas	0	0	0	0	3	17,6	15	36,6
Fontes internacionais não lusófonas	1	5,9	1	4,2	0	0	0	0
Fontes de outras nacionalidades	0	0	0	0	0	0	0	0
Indeterminadas	0	0	0	0	1	5,9	1	2,4
<b>TOTAL</b>	<b>17</b>	<b>100</b>	<b>24</b>	<b>100</b>	<b>17</b>	<b>100</b>	<b>41</b>	<b>100</b>

**Nota:** não se considerou o produtor da informação como fonte. Não se consideraram documentos como fontes.

Quer o *Expresso* quer a *Visão* recorreram essencialmente a fontes são-tomenses, sendo que a *Visão* nem sequer recorreu a fontes portuguesas ou lusófonas. A cobertura dos semanários foi direccionada para a "visão autóctone", mesmo que tenha sido facilitada pela presença em Portugal de políticos e altos funcionários são-tomenses por ocasião da reunião dos ministros dos Negócios Estrangeiros da CPLP. Em resumo, a cobertura do golpe feita pela imprensa semanal não se pode considerar lusocêntrica, embora seja lusofonocêntrica. As *deadlines* dilatadas da imprensa semanal poderão ter-lhe dado tempo suficiente para selecção e auscultação de fontes autóctones.

**Tabela 40**

**Tipo de fontes usadas na informação sobre o golpe na imprensa semanal**

	<i>Visão</i>				<i>Expresso</i>			
	N.º de referências	%	Períodos / frases	%	N.º de referências	%	Períodos / frases	%
<b>Políticos, diplomatas e altos funcionários</b>	10	<b>58,8</b>	14	<b>58,3</b>	10	<b>58,8</b>	26	<b>63,4</b>
<b>Instituições internacionais</b>	1	<b>5,9</b>	1	<b>4,2</b>	0	<b>0</b>	0	<b>0</b>
<b>Militares</b>	3	<b>17,6</b>	3	<b>12,5</b>	1	<b>5,9</b>	1	<b>2,4</b>
<b>Populares</b>	1	<b>5,9</b>	2	<b>8,3</b>	0	<b>0</b>	0	<b>0</b>
<b>Especialistas e comentadores civis/civis de destaque</b>	2	<b>11,8</b>	4	<b>16,7</b>	6	<b>35,3</b>	14	<b>34,2</b>
<b>Outras fontes</b>	0	<b>0</b>	0	<b>0</b>	0	<b>0</b>	0	<b>0</b>
<b>TOTAL</b>	<b>17</b>	<b>100</b>	<b>24</b>	<b>100</b>	<b>17</b>	<b>100</b>	<b>41</b>	<b>100</b>
<b>Total de fontes "oficiais"</b>	13	<b>76,5</b>	17	<b>70,8</b>	10	<b>58,8</b>	26	
<b>Total de fontes oficiosas e anónimas</b>	1	<b>5,9</b>	1	<b>4,2</b>	1	<b>5,9</b>	1	
<b>Total de outras fontes</b>	3	<b>17,6</b>	6	<b>25</b>	6	<b>35,3</b>	14	

**Nota:** não se considerou o produtor da informação como fonte. Não se consideraram documentos como fontes.

A imprensa semanal fez uma opção similar à imprensa diária na escolha das fontes: preferiu os políticos, diplomatas e altos funcionários, apesar do golpe de estado ter assumido um figurino essencialmente militar. Destaque ainda para a citação de especialistas e comentadores civis e de civis de destaque, em particular pelo *Expresso*. Por isso, embora as fontes oficiais tenham predominado no discurso, em especial na *Visão*, as fontes não oficiais também se encontram bem representadas, o que pode indicar que os semanários procuram investigar mais do que os diários ou pelo menos ter uma cobertura mais polifónica dos acontecimentos, até porque não estão tão constrangidos pelo tempo. A propósito, é de registar que em número de períodos/frases citadas, a representatividade do conjunto das fontes não oficiais e das fontes oficiosas e anónimas no *Expresso* foi superior à das fontes oficiais.

Também na imprensa semanal, apesar do predomínio das fontes oficiais os enquadramentos justificativos do golpe apontaram em grande medida para a má-governança e para os interesses que orbitam em torno do petróleo, o que não seria de esperar. Reforça-se, assim, a ideia de que a interpretação jornalística e a coluna ou o comentário do especialista ou comentador subsistem no campo de uma relativa esfera de liberdade interpretativa e argumentativa. Ou seja, como atrás foi

enunciado, o predomínio das fontes oficiais não determina de imediato o predomínio dos enquadramentos oficiais.

**Tabela 41**

**Inserção de fotografias jornalísticas sobre o golpe na imprensa semanal**

<i>Visão</i>			<i>Expresso</i>		
N.º de fotos sobre o golpe	Espaço ocupado pelas fotos sobre o golpe	% do espaço dedicado ao golpe ocupado por fotografias	N.º de fotos sobre o golpe	Espaço ocupado pelas fotos sobre o golpe	% do espaço dedicado ao golpe ocupado por fotografias
8 (média por edição: 4)	672 (média por edição: 336)	<b>26,4</b>	7 (média por edição: 3,5)	1 158 (média por edição: 579)	<b>33,1</b>

Observa-se que ambos os semanários consagraram uma percentagem significativa do espaço dedicado ao golpe à foto-informação sobre o acontecimento. Esta opção representa, em primeiro lugar, uma valorização do fotojornalismo enquanto actividade susceptível de contribuir para o enriquecimento da cobertura de um acontecimento. Em segundo lugar, representa uma valorização noticiosa do golpe devido à ênfase que as fotografias dão ao assunto.

**Tabela 42**

**Conteúdos da cobertura fotojornalística do golpe na imprensa semanal**

	<i>Visão</i>				<i>Expresso</i>			
	N.º de fotos	%	Espaço (cm <sup>2</sup> )	%	N.º de fotos	%	Espaço (cm <sup>2</sup> )	%
<b>Políticos e acções políticas</b>	4	<b>50</b>	211	<b>31,4</b>	4	<b>57,1</b>	699	<b>60,4</b>
<b>Militares e acções militares</b>	3	<b>37,5</b>	367	<b>54,6</b>	3	<b>42,9</b>	459	<b>39,6</b>
<b>Populares e acções populares</b>	1	<b>12,5</b>	94	<b>14</b>	0	<b>0</b>	0	<b>0</b>
<b>Espaços/paisagens</b>	0	<b>0</b>	0	<b>0</b>	0	<b>0</b>	0	<b>0</b>
<b>Conteúdos mistos</b>	0	<b>0</b>	0	<b>0</b>	0	<b>0</b>	0	<b>0</b>
<b>TOTAL</b>	<b>8</b>	<b>100</b>	<b>672</b>	<b>100</b>	<b>7</b>	<b>100</b>	<b>1 158</b>	<b>100</b>

O *Expresso* teve um comportamento semelhante ao da imprensa diária no que respeita à cobertura fotojornalística do golpe, uma vez que realça a actividade política e diplomática e os seus autores em detrimento dos militares, protagonistas do acontecimento. Os políticos e diplomatas roubaram aos militares protagonismo na cena internacional e no acesso aos *media* e esse domínio reflectiu-se na cobertura do golpe de estado em São Tomé. Além disso, a facilidade no acesso às fontes (e

obtenção das respectivas fotografias) em Portugal tirou espaço (embora pouco – ver tabela 45) a quem estava em São Tomé. Mesmo em arquivo existiriam essencialmente as fotografias dos líderes políticos. Por outro lado, como Gans (1979) identificou, a *moderação* funciona como um critério de noticiabilidade e, por isso, a imprensa realçou os esforços de mediação diplomática, o que se reflectiu no protagonismo fotojornalístico dos líderes políticos.

A *Visão* teve um comportamento ambivalente. Privilegiou as fotografias das actividades militares e dos militares protagonistas do golpe em espaço informativo, mas há mais fotografias representativas dos políticos e das acções políticas e diplomáticas.

Tal como aconteceu na imprensa diária, os populares, provavelmente as maiores vítimas da miséria e da instabilidade, tiveram, na imprensa semanal, uma representação residual na cobertura fotojornalística do acontecimento.

**Tabela 43**

**Actantes principais das fotografias jornalísticas sobre o golpe inseridas na imprensa semanal**

	<i>Visão</i>		<i>Expresso</i>	
	N.º	%	N.º	%
<b>Políticos</b>	5	<b>19,2</b>	10	<b>32,3</b>
<b>Militares</b>	17	<b>65,4</b>	19	<b>61,3</b>
<b>Populares</b>	4	<b>15,4</b>	2	<b>6,5</b>
<b>TOTAL</b>	<b>26</b>	<b>100</b>	<b>31</b>	<b>100</b>

Apesar de os políticos serem os protagonistas da maioria das fotografias, os militares são o grupo mais representado enquanto actantes fotográficos em ambos os periódicos, em parte porque em várias fotografias surgem em grupos. Este facto contribuiu para realçar o papel dos militares na história do golpe e acentua o seu papel como força armada. Os populares também tiveram uma presença residual na imprensa semanal, em especial no *Expresso* – um semanário conhecido por centrar as atenções na política e na economia.

**Tabela 44**

**Nacionalidade dos actantes principais das fotografias jornalísticas sobre o golpe inseridas na imprensa semanal**

	<i>Visão</i>		<i>Expresso</i>	
	N.º	%	N.º	%
<b>Portugueses</b>	0	<b>0</b>	2	<b>6,5</b>
<b>São-Tomenses</b>	25	<b>96,1</b>	27	<b>87</b>
<b>Outros lusófonos</b>	1	<b>3,8</b>	2	<b>6,5</b>
<b>Outros</b>	0	<b>0</b>	0	<b>0</b>
<b>Indeterminados</b>	0	<b>0</b>	0	<b>0</b>
<b>TOTAL</b>	<b>26</b>	<b>100</b>	<b>31</b>	<b>100</b>



A maioria dos actantes fotográficos nas fotografias sobre o golpe é são-tomense, o que reforçou os enunciados textuais, que já privilegiavam as fontes são-tomenses. Assim, solidificou-se a autoctonização da cobertura.

**Tabela 45**

**Local de obtenção das fotografias jornalísticas sobre o golpe na imprensa semanal**

	<i>Visão</i>				<i>Expresso</i>			
	N.º de fotos	%	Espaço (cm <sup>2</sup> )	%	N.º de fotos	%	Espaço (cm <sup>2</sup> )	%
<b>Portugal</b>	0	<b>0</b>	0	<b>0</b>	2	<b>28,6</b>	150	<b>13</b>
<b>São Tomé</b>	6	<b>75</b>	613	<b>91,2</b>	4	<b>57,1</b>	828	<b>71,5</b>
<b>Outra localização lusófona</b>	0	<b>0</b>	0	<b>0</b>	0	<b>0</b>	0	<b>0</b>
<b>Outra localização</b>	0	<b>0</b>	0	<b>0</b>	0	<b>0</b>	0	<b>0</b>
<b>Não identificável</b>	2	<b>25</b>	59	<b>8,8</b>	1	<b>14,3</b>	180	<b>15,5</b>
<b>TOTAL</b>	<b>8</b>	<b>100</b>	<b>672</b>	<b>100</b>	<b>7</b>	<b>100</b>	<b>1 158</b>	<b>100</b>

A atenção mediática assentou no local onde o golpe ocorreu, no seu espaço imediato – São Tomé e Príncipe. As fotografias inseridas na imprensa semanal reforçaram, assim, a ideia de que o golpe foi um assunto que respeitou essencialmente aos são-tomenses, apesar das repercussões internacionais.

**Tabela 46**

**Produção das fotografias jornalísticas sobre o golpe na imprensa semanal**

	<i>Visão</i>				<i>Expresso</i>			
	N.º de fotos	%	Espaço (cm <sup>2</sup> )	%	N.º de fotos	%	Espaço (cm <sup>2</sup> )	%
<b>Própria</b>	0	<b>0</b>	0	<b>0</b>	2	<b>28,6</b>	162	<b>14</b>
<b>Não própria nacional</b>	6*	<b>75</b>	613	<b>91,2</b>	1	<b>14,3</b>	394	<b>34</b>
<b>Não própria estrangeira ou internacional</b>	0	<b>0</b>	0	<b>0</b>	2	<b>28,6</b>	549	<b>47,4</b>
<b>Não mencionada</b>	2	<b>25</b>	59	<b>8,8</b>	2	<b>28,6</b>	53	<b>4,6</b>
<b>TOTAL</b>	<b>8</b>	<b>100</b>	<b>672</b>	<b>100</b>	<b>7</b>	<b>100</b>	<b>1 158</b>	<b>100</b>

\*Estas fotos foram realizadas por um fotojornalista do mesmo grupo a que pertence a *Visão*. Houve um aproveitamento de sinergias intra-grupo.

A imprensa semanal mostrou, na cobertura do golpe, e ao contrário do que sucedeu com a produção textual (ver tabela 38), uma total (*Visão*) ou grande (*Expresso*) dependência da produção fotojornalística externa, provavelmente porque a rede interna de captura de acontecimentos fotojornalisticamente noticiáveis era insuficiente.

As agências noticiosas e fotográficas aumentam o alcance dos órgãos jornalísticos, pois complementam a sua produção informativa, suprimem falhas e ampliam as suas redes de captura de acontecimentos.

### 4.3 Análise qualitativa

#### 4.3.1 Espaço

Não é apenas a chamada à primeira página que indicia o grau de valorização jornalística de uma informação. A localização da informação no corpo de um jornal também dá pistas acerca da valorização que os editores e chefias dão a um determinado tema. O quadro seguinte dá conta da evolução da localização das informações sobre o golpe no corpo dos jornais diários:

<i>Público</i>	<i>Diário de Notícias</i>
<b>17 de Julho</b>	
Páginas 2 e 3	Páginas 2 a 6 e 8
<b>18 de Julho</b>	
Páginas 2 a 4	Páginas 12 e 13 e última
<b>19 de Julho</b>	
Páginas 4, 14 e 15	Páginas 10 e 11 e 22
<b>20 de Julho</b>	
Página 20	Página 25
<b>21 de Julho</b>	
Página 16	Página 7
<b>22 de Julho</b>	
Páginas 14 e 15	Página 7
<b>23 de Julho</b>	
Página 11	Páginas 7 e 10
<b>24 de Julho</b>	
Páginas 2 e 3	Página 7

Numa análise macroscópica, a primeira coisa que salta à atenção é o facto de, em ambos os diários, o golpe ter, simbolicamente, perdido importância e notoriedade em favor de outros assuntos quentes da actualidade à medida que os dias iam passando. Imediatamente após o golpe as notícias surgiram nas páginas de destaque e depois foram remetidas para o interior do jornal. Só o regresso do Presidente a São Tomé mereceu uma revalorização simbólica do assunto no *Público*, jornal talvez influenciado pela presença dos seus enviados especiais no terreno.

### 4.3.2 Informações

É interessante observar que se a análise quantitativa revelou a consonância (repetição) de enquadramentos, uma análise qualitativa macroscópica revela, nos diários, a repetição de informações nos diferentes dias, embora a aposta na produção própria tenha impedido a estrita repetição de notícias (não foram detectadas notícias repetidas nos diários – mesmo que algumas notícias tenham provindo de agências noticiosas ou outros órgãos jornalísticos, terão sido submetidas a um processo de *reescrita e recombinação* com outras informações, o que as transfigurou):

#### Temas repetidos

##### **Dia 17 de Julho**

*Notícia do golpe, da formação da Junta Militar e da prisão dos líderes políticos são-tomenses.*

*Intervenção dos Búfalos/FDC no golpe.*

*Posição da CPLP acerca do golpe.*

*Posição do Governo português acerca do golpe.*

*Chamada de atenção para os interesses em jogo devido à descoberta de petróleo.*

*Recuperação histórica do golpe de 15 de Agosto de 1995.*

##### **Dia 18 de Julho**

*Intervenção da CPLP na mediação.*

*Posição do primeiro-ministro português, Durão Barroso, e apelo aos golpistas.*

##### **Dia 19 de Julho**

*Regresso dos turistas portugueses que estavam em São Tomé.*

*Actuação da CPLP e outras movimentações diplomáticas.*

##### **Dia 20 de Julho**

*Movimentações diplomáticas e actuação da CPLP.*

##### **Dia 21 de Julho**

*Reuniões diplomáticas entre a Junta Militar e representantes da CPLP e da Comunidade dos Estados da África Central.*

##### **Dia 22 de Julho**

*Movimentações diplomáticas. Libertação dos líderes políticos ainda detidos.*

##### **Dia 23 de Julho**

*Acordo possível até ao final da semana.*

##### **Dia 24 de Julho**

*O Presidente Fradique de Menezes regressa a São Tomé.*

As rotinas, a facilidade de acesso e a possibilidade de obter informação autorizada e credível impuseram o contacto com as fontes "oficiais", que, além do mais, serão tidas como necessitando

sempre de ser ouvidas (o Governo, a CPLP). Daí a inserção em ambos os periódicos das reacções da CPLP e do Governo português ao golpe, por exemplo. Por seu turno, a reunião da CPLP em Portugal permitiu o aproveitamento do acesso aos ministros dos Negócios Estrangeiros dos países lusófonos e a essa organização como um todo, o que teve por consequência uma grande representação simbólica da Comunidade dos Países de Língua Portuguesa e de alguns dos ministros dos Negócios Estrangeiros desses países na informação sobre o golpe. A reunião da CPLP, que já estava a ser coberta, possibilitou uma rápida rotinização da cobertura do golpe (*rotinização do inesperado*) e um melhor aproveitamento dos meios.

Nota-se também que várias informações acerca da evolução da situação no terreno foram partilhadas por ambos os jornais. As fontes terão sido as mesmas ou do mesmo tipo. Porém, como veremos abaixo, raramente os jornais indiciam ao leitor como obtiveram essa informação. O "jornalês" (Philips, 1976) por vezes oculta o processo jornalístico de obtenção de informações, outras vezes clarifica-o (caso da referência a fontes).

É de evidenciar que, no dia após o golpe, os jornais foram consonantes na referência aos jogos que envolvem a descoberta de petróleo como um dos detonadores da intentona militar. O *Público* titulava: "*O petróleo como origem do descontentamento*", recuperando informação que tinha sido disponibilizada pelo periódico no início do mês de Julho. O DN vaticinava, fazendo futurologia, que a "*Miragem do petróleo inicia época de instabilidade*".

Outras semelhanças no comportamento de ambos os periódicos no primeiro dia, que podem indiciar a recepção de despachos de agência, são as referências aos Búfalos/FDC ("*Um partido de raízes militares por detrás do golpe*", DN; *Ex-membros do Batalhão ' Búflo' entre os golpistas*", *Público*) e a recuperação da informação histórica sobre o golpe de 1995 ("*Primeiro golpe durou uma semana*", DN; "*O golpe falhado contra Miguel Trovoada*", *Público*). A recuperação do golpe de 1995 aparece no contexto da cobertura do golpe de 2003 com novo enquadramento, já que serve para reafirmar a *instabilidade* dos países africanos, provando que "as velhas também são novas". Detecta-se também a existência de várias matérias exclusivas individualizadas e autónomas, resultantes da iniciativa jornalística (que poderemos denominar *iniciativas exclusivas*), que diferenciaram os jornais no que respeita à cobertura do golpe:

<i>Público</i>	<i>Diário de Notícias</i>
<b>17 de Julho</b>	
	• Entrevista ao ex-Presidente de São Tomé e Príncipe, Miguel Trovoada.
<b>18 de Julho</b>	
• Entrevista ao primeiro Presidente de São Tomé e Príncipe, Pinto da Costa.	• Entrevista ao ex-ministro dos Negócios Estrangeiros de São Tomé e Príncipe, Paulo Jorge Espírito Santo.

<b>19 de Julho</b>	
	<ul style="list-style-type: none"> <li>• Entrevista ao ministro dos Negócios Estrangeiros de São Tomé, Mateus Meira Rita.</li> <li>• Entrevista ao director executivo do Programa Alimentar Mundial, James T. Morris.</li> </ul>
<b>20 de Julho</b>	
<b>21 de Julho</b>	
• Reportagem em São Tomé (ambiente local).	
<b>22 de Julho</b>	
<ul style="list-style-type: none"> <li>• Reportagem em São Tomé (quartel dos golpistas)</li> <li>• Notícia de São Tomé (ministros libertados continuam sob vigilância militar).</li> </ul>	
<b>23 de Julho</b>	
• Reportagem em São Tomé (acção da Junta).	
<b>24 de Julho</b>	
• Reportagem em São Tomé (Centro Hospitalar de São Tomé).	

É visível, pelos dados expostos no quadro anterior, que as iniciativas jornalísticas exclusivas do DN se traduziram essencialmente na realização de várias entrevistas com líderes políticos, passíveis de serem realizadas em Portugal ou a partir de Portugal. Pelo contrário, o *Público* apostou especialmente nas reportagens no terreno, recorrendo ao envio de jornalistas para o espaço dos acontecimentos. Uma outra diferença reside nos critérios temporais. As entrevistas exclusivas do DN foram publicadas nos três dias a seguir ao golpe, assistindo-se, posteriormente, a uma desvalorização simbólica do golpe pela ausência de iniciativas exclusivas. As reportagens do *Público* começaram a sair alguns dias após o golpe, que funcionou como *pretexto* ou *cabide noticioso* para São Tomé e Príncipe se tornar um país noticiável. O golpe de estado em São Tomé persistiu simbolicamente como um assunto relevante da actualidade mais tempo no *Público* do que no DN.

De qualquer maneira, a história do golpe na imprensa diária foi essencialmente uma *coleção de factos e comentários de jornalistas, políticos e especialistas*, pese embora a iniciativa do *Público*, que enviou jornalistas a São Tomé para desvelarem o sentimento e os problemas da população e dos golpistas.

#### 4.3.3 Atribuição das notícias e das informações

As histórias são normalmente atribuídas aos jornalistas através da assinatura. No *Público* foram assinadas 23 matérias sobre o golpe (79,3%) e no DN foram assinadas 16 (44,4%). Contabilizam-se ainda 15 fotografias jornalísticas assinadas no *Público* (83,3%) e no DN (93,75%), o que parece

indiciar que, contrariamente ao que sucedia há alguns anos atrás (Sousa, 1997), a noção de *autoria* e de respeito pelos direitos do autor tem crescido no fotojornalismo em detrimento do jornalismo redactorial. A abdicação da assinatura nos textos também pode ser uma forma de ocultar a origem de alguma informação, que pode ter sido externa, mesmo quando sujeita a reescrita.

Registe-se, porém, que, enquanto as matérias eminentemente factuais nem sempre foram assinadas, as matérias interpretativas ou mistas foram-no sempre. Transparece dessa opção um dos traços da ideologia profissional dos jornalistas: os factos são sagrados e, de alguma maneira, são vistos como valendo por si. As interpretações não o são, sendo necessário que quem as faz assuma claramente as responsabilidades, mesmo quando há mistura de factos e de interpretações (análise).

Em certas matérias não assinadas sobre o golpe encontram-se indícios linguísticos de aproveitamento de informações de agência (entre os diários, mais necessitados desse tipo de informação, encontram-se mais indícios no DN no que no *Público*):

<b>Indício</b>	<b>Jornal</b>	<b>Matéria</b>	<b>Dia</b>	<b>Página</b>
citados pelas agências de informação	DN	Governantes continuam detidos	18	13
O mesmo foi confirmado à AFP	DN	Principia diálogo em São Tomé	21	7
disse uma fonte diplomática à AFP	DN	Principia diálogo em São Tomé	21	7
adiantou à AFP	DN	Principia diálogo em São Tomé	21	7
numa entrevista à Lusa	DN	Mediadores já estão em São Tomé	20	25
justificou-se à AFP	Público	Golpistas já foram amnistiados	24	2

Em matérias assinadas, o aproveitamento de informações de outros órgãos de comunicação social foi, de alguma forma, clarificado como sendo parte da iniciativa jornalística (os jornalistas investigaram para obter essas informações):

<b>Indício</b>	<b>Jornal</b>	<b>Matéria</b>	<b>Dia</b>	<b>Página</b>
segundo o diário digital Têla Non (Nossa Terra)	Público	Junta Militar de Salvação Nacional tomou o poder em São Tomé	17	2
declarou à RDP África	Público	Trovoada convencido de que Menezes recupará o seu lugar	20	20
o jornal sul-africano Sunday Times disse	Público	Ex-membros do batalhão "Búfalo" entre os golpistas	17	2
o jornal sul-africano Sunday Times noticiou	Visão	A revolta dos "Búfalos"	24	60

Igualmente nas matérias assinadas, a iniciativa jornalística própria também foi relevada. Nestas situações, por vezes desvendou-se o processo de obtenção de informações (2º, 3º e 4º exemplos), noutras ocultou-se ou semi-ocultou-se esse mesmo processo (1º e 5º exemplos):

<b>Indício</b>	<b>Jornal</b>	<b>Matéria</b>	<b>Dia</b>	<b>Página</b>
comentava ontem à tarde ao Público	Público	Trovoada convencido de que Menezes reocupará o seu lugar	20	20
contactado telefonicamente pelo Público para São Tomé	Público	Junta Militar de Salvação Nacional tomou o poder em São Tomé	17	2
disse o antigo Chefe de Estado num contacto telefónico a partir de Lisboa	Público	Trovoada convencido de que Menezes reocupará o seu lugar	20	20
declarou ontem à tarde ao Público, pelo telefone	Público	Ministros detidos encontram-se bem	18	3
sabendo o DN	DN	Ultimato lusófono	18	12

Em algumas situações, a origem da informação ficou um pouco obscurecida (no caso a seguir apresentado, não se sabe qual foi a rádio nem como foi escutada):

<b>Indício</b>	<b>Jornal</b>	<b>Matéria</b>	<b>Dia</b>	<b>Página</b>
declarou pela rádio	Público	Junta Militar de Salvação Nacional tomou o poder em São Tomé	17	2

Pontualmente, ocorreu simultaneamente a ocultação do processo de obtenção das informações e a ocultação da origem destas, mesmo em situações de incerteza:

<b>Indício</b>	<b>Jornal</b>	<b>Matéria</b>	<b>Dia</b>	<b>Página</b>
<i>sabe-se</i> , foi este o ponto que dominou o diálogo entre a junta e partidos	DN	Quase pronto o acordo final em São Tomé	23	7
ontem à noite <i>era aguardada</i> uma primeira declaração formal de Fradique de Menezes	DN	Militares descansam ao 7º dia	24	7
<i>Admite-se</i> que os revoltosos	DN	Ultimato lusófono	18	12
A forte presença da Nigéria <i>foi interpretada</i> como um importante apoio que o Presidente desta potência regional pretende dar a Fradique de Menezes	Público	Nigéria apadrinha regresso de Fradique de Menezes a São Tomé	24	2
Circularam já várias hipóteses	Público	Ministros libertados continuam sob "controlo militar"	22	15
o golpe (...) foi imediatamente associado ao descontentamento dos militares	Visão	Anatomia de um golpe	24	58
O próprio envolvimento de tantas delegações na negociação do regresso à normalidade em São Tomé (...) <i>é visto</i> como um sinal dos apetites despertados pelo petróleo.	Visão	Anatomia de um golpe	24	61
[Fradique de Menezes] <i>tem sido</i> acusado	Visão	Anatomia de um golpe	24	62
<i>admitindo-se a possibilidade</i> de rápido regresso ao país do Presidente Fradique de Menezes	Expresso	Solução à vista em São Tomé	19	1

Rotineiramente, os jornalistas procuraram atribuir as informações às fontes, de forma clara e inequívoca, o que constitui uma das vertentes do processo de objectivização do discurso enquanto ritual estratégico, conforme salientou Tuchman (1978). As entrevistas "pergunta-resposta" são o exemplo mais acabado dessa estratégia de defesa dos jornalistas, mas também se podem dar outros

exemplos (entre muitos) da responsabilização da fonte pelas informações noutros géneros jornalísticos, nomeadamente em notícias e reportagens, sob a forma de atribuição directa ou paráfrase:

<b>Indício</b>	<b>Jornal</b>	<b>Matéria</b>	<b>Dia</b>	<b>Página</b>
"É inconcebível que a maioria da população esteja a viver no limiar da pobreza e que um grupo de gente esteja com uma vida de luxo, rindo da desgraça dos outros", afirmou o líder dos golpistas, major Fernando Pereira, também conhecido por "Cobó".	DN	Militares lançam SOS sobre situação do país e prometem eleições	17	4
O primeiro-ministro, José Manuel Durão Barroso, fez ontem um apelo ao rápido regresso da normalidade a São Tomé e Príncipe, realçando que "nenhum problema pode ser resolvido a não ser pela via do diálogo".	DN	Durão apela ao diálogo para resolução da crise	18	13
O ministro dos Negócios Estrangeiros português, António Martins da Cruz, condenou ontem o golpe de Estado em São Tomé e Príncipe, poucas horas depois de este ser conhecido, apelando aos revoltosos para a necessidade de diálogo e pedindo o regresso imediato "à legalidade constitucional".	Público	Governo português à espera do evoluir da situação	17	3
"Não é só o problema dos militares que está em causa. É o problema do país. Os militares têm sido o parente pobre do regime democrático mas não são só os militares, é um conjunto de situações que se arrasta há vários anos", disse Sabino dos Santos, membro da Junta dos golpistas, ao Público.	Público	Isolados internacionalmente golpistas tardam em apresentar solução para São Tomé	18	2
O líder rebelde, major Pereira, explicou desta forma a tomada do poder: "É inconcebível que a maioria da população viva no limiar da pobreza enquanto um grupo de pessoas ostenta uma vida de luxo, rindo-se da miséria dos outros". Segundo o comunicado lido pela Junta, a acção foi para "acabar com a corrupção e a incompetência do Governo".	Visão	Anatomia de um golpe	24	60
Em declarações ao Expresso, Martins da Cruz considerou "extremamente importante" que a CPLP tenha sido "o primeiro dos mediadores", bem como "muito útil a participação dos EUA" e o facto de a Nigéria, a grande potência da região, ser "incontornável na resolução da crise". O ministro sublinhou que o acordo não significa "nem o reconhecimento da Junta nem da sublevação",	Expresso	CPLP avança para S. Tomé e Príncipe	19	Última

Os exemplos acima evidenciam ainda que as fontes poderosas surgiram nas notícias sobre o golpe com legitimidade representativa (mesmo quando acusam), com autoridade e exercendo o poder. A população em geral surgiu pouco nas notícias sobre o golpe, como se viu pelos dados quantitativos, e quando surgiu foi como testemunha, "correio", analista ou simplesmente queixosa, sem poder para



mudar seja o que for (por vezes, as pessoas em geral não foram sequer identificadas pelo nome ou mesmo pelo nome completo, ao contrário do que sucedeu com as fontes de poder):

<b>Indício</b>	<b>Jornal</b>	<b>Matéria</b>	<b>Dia</b>	<b>Página</b>
De acordo com familiares (...) ministros e ministras estão numa mesma sala do campo militar e, ao fim de quase 48 horas de detenção, as condições começam a deteriorar-se.	DN	Governantes continuam detidos	18	13
uma das portuguesas retidas no arquipélago, Isabel Santiago, funcionária do Ministério da Saúde, declarou (...) ter recebido a informação de que a Air Luxor, com a qual viajara para São Tomé, só iria agora ali no próximo domingo, tendo cancelado o seu voo semanal previsto para ontem à noite.	Público	Turistas portugueses e estrangeiros retidos no arquipélago	18	3
"No aeroporto pediram-me para dizer que as famílias podiam estar descansadas, que não havia problema nenhum", disse Alberta Marques Fernandes.	DN	Turistas portugueses regressam em segurança	19	10
o professor universitário e analista político Armando Aguiar considerou que o golpe foi "um reflexo da situação que se vive há algum tempo, com muitos problemas de falta de emprego, sobretudo entre os jovens (...)."	Público	Junta Militar de Salvação Nacional tomou o poder em São Tomé	17	2
"Há abertura, embora com uma certa desconfiança porque não há segurança total", disse um empresário são-tomense contactado pelo Público.	Público	Alguns turistas voltaram, outros não	19	15
"Uma pessoa habituada a ver tudo parado não sente o parado que o país está agora", diz Luís, funcionário público que se tornou taxista porque "não era possível viver com 400 mil dobras por mês", cerca de 40 euros. "Não podemos continuar a viver tão mal", diz (...). "Ninguém tem dinheiro para comprar nada", sublinha.	Público	São Tomé   "Não podemos continuar a viver tão mal"	21	16
"A democracia perdeu", escreve o editorialista do jornal "Independente". Mas há fundamento para as razões dos golpistas, acrescenta, devido a "um grave problema de corrupção no país".	Público	São Tomé   "Não podemos continuar a viver tão mal"	21	16
"A situação há muito tempo que não estava bem, mas nunca esteve tão má. Para onde vão tantas ajudas internacionais que o país tem recebido?" [populares]	Público	São Tomé   "Não podemos continuar a viver tão mal"	21	16
"Neste momento, está tudo difícil. Em termos de vestuário, calçado. Não há botas para todos", diz apontando para os pés descalços. "Nem fardas que cheguem". [soldado golpista]	Público	No quartel dos golpistas de São Tomé   "Não sabia quando, mas sabia que um dia isto ia acontecer"	22	14
"Os filhos dos pobres morrem às 10 da manhã, porque acordam com fome e tentam subir à árvore para apanhar fruta-pão (...), mas estão fracos e caem. Os filhos dos ricos morrem entre o meio-dia e as 2 porque comem muito e têm congestão". Foi a forma como Luís Fernandes, um antigo fuzileiro são-tomense, agora proprietário de um restaurante na capital, contou a situação à jornalista portuguesa Cláudia Alegria.	Visão	Anatomia de um golpe	24	61

<p>"Estava em calções e nem sequer me queriam deixar vestir", conta [Maximino Carlos, director da Rádio Nacional de São Tomé, detido pelos golpistas]. (...) Acusado de pertencer ao Governo deposto, Maximino ficou sob prisão. O jipe arrancou em direcção à Rádio Nacional com o objectivo de ler o primeiro comunicado oficial. Ameaçado com uma arma apontada à cabeça, recusa. Quem lê o comunicado é outro jornalista. "Expliquei-lhes que não queria ficar associado ao golpe. Disse-lhes que apesar de ser director da rádio, não nado em dinheiro e apenas cumpro a minha função. Pedi-lhes que nos deixassem continuar a trabalhar", diz.</p>	<p>Expresso</p>	<p>Tudo ainda em aberto</p>	<p>19</p>	<p>27</p>
--	-----------------	-----------------------------	-----------	-----------

Acentua-se, face aos dados anteriores, a sensação de que a população, mesmo quando figura nas notícias, tende a ser representada sem poder, quando nos estados democráticos é a ela que cabe o poder supremo de decisão sobre as lideranças políticas através do voto.

#### 4.3.4 Estilo e significação

Os jornalistas, cultural e transorganizacionalmente, procuram, com intenção de verdade, ser objectivos e distinguir os factos dos comentários nos seus relatos, tal e qual como nos sugere a literatura do campo dos estudos jornalísticos (Traquina, 2002; Sousa, 2000; Schiller, 1979; Marzolf, 1984; Ferenczi, 1993). Na cobertura do golpe essa intenção é notória a um nível macroscópico. Em primeiro lugar, as peças com passagens interpretativas foram sempre assinadas em ambos os jornais. Em segundo lugar, procurou-se sempre separar os comentários dos factos, "a opinião da informação". Por exemplo, no dia 17 o DN publicou, na página 5, uma análise da situação, intitulada "*Contágio e intervenção*", da autoria de José Gonçalves. Essa peça vinha separada das restantes por uma caixa e inseria logo à cabeça a designação "*Comentário*". No dia 18, o jornalista Armando Rafael escreveu um comentário a uma entrevista que ele mesmo fez ao ex-ministro dos Negócios Estrangeiros de São Tomé e Príncipe. Este comentário, intitulado "*Corrupção, só corrupção*", surge também isolado do fundo por uma caixa, cuja cabeça ostenta a identificação "*Comentário*", tal e qual como o que foi publicado no dia 17. Enquanto na entrada da entrevista o jornalista procurou ser factual, escrevendo "Antigo ministro dos governos de Posser da Costa, quando Miguel Trovoada estava na Presidência da República, aponta saídas para o golpe e defende uma ampla remodelação governamental no país", no comentário o mesmo jornalista já se permite opinar, escrevendo coisas como: "O antigo ministro Paulo Jorge [repare-se na desvalorização simbólica do entrevistado quando se escreve apenas o respectivo nome próprio: é como tratar o

Presidente da República português por Jorge e não por Jorge Sampaio] não o diz, como nenhum político são-tomense o dirá. Pelo menos publicamente. Mas por detrás das sucessivas crises e do golpe de estado que se verificou em São Tomé e Príncipe existe um grave problema de corrupção no país".

No *Público*, encontram-se exemplos parecidos: no dia 19 de Julho, em editorial, o director do jornal escreveu: "O golpe de Estado, condenável e inaceitável, foi recebido com indiferença por uma população cansada de viver na miséria e ver os seus líderes enriquecer". Na mesma data, porém, os textos noticiosos tendiam para a factualidade: "*CPLP assume mediação mas insiste na reposição da ordem constitucional*" e "*Junta aceita negociar e não exclui regresso do Presidente a São Tomé*" foram os títulos de duas das notícias do dia. No mesmo jornal, a 22 de Julho, o jornalista José Sousa Dias, da agência Lusa, escrevia um comentário intitulado "*Malditas elites*", no qual opinava: "É "chato" ser africano e não pertencer às elites. É "chato" querer vir à tona de água e ser forçado a levar as sistemáticas "amonas" que impedem de respirar. Mas é ainda mais vergonhoso ver os que estão no poder a servir-se do dinheiro que está destinado a melhorar o nível de vida da população". Contudo, os textos noticiosos eram factuais, conforme indiciado no título: "*Ministros libertados continuam sob controlo militar*".

Como realçou Tuchman (1978), os procedimentos rotineiros de objectividade e factualidade usados pelos jornalistas são, simultaneamente, uma consequência da ideologia e da cultura profissional dos jornalistas e uma estratégia defensiva (*objectividade como ritual estratégico*) em relação a possíveis críticas e outros dissabores mais graves, como os processos judiciais. Nas notícias sobre o golpe, a intenção de objectividade e factualidade evidenciou-se em várias rotinas enunciativas:

- intenção de obediência das notícias aos *elementa narrationis* da retórica clássica – as circunstâncias de sujeito, objecto, causa, maneira, lugar e tempo–, que os americanos modernizaram no princípio dos seis W, as seis perguntas a que as notícias devem dar resposta: "quem?", "o quê?", "quando?", "onde?", "como?" e "porquê?";
- rede de facticidade construída em redor (1) das *citações*, (2) da *identificação das fontes*, (3) das *descrições* ou *narrações* onde intencionalmente se procura a *neutralidade verbal* (em que pontifica a *ausência de adjetivos*), (4) da tentativa de *destrinça entre factos e opiniões*, que resulta num *afastamento da vontade opinativa*, etc.;

- mecanismos enunciativos de defesa explícita dos jornalistas, observável na utilização de palavras como "alegada".

Entre muitos indícios dessas intenções de factualidade, objectividade e verdade discursivas atrás referenciadas, podem ser dados os seguintes exemplos, extraídos das matérias sobre o golpe de estado em São Tomé:

Indício	Jornal	Matéria	Dia	Página
O ministro dos Negócios Estrangeiros português, António Martins da Cruz, condenou ontem o golpe de Estado em São Tomé e Príncipe, poucas horas depois de este ser conhecido, apelando aos revoltosos para a necessidade de diálogo e pedindo o regresso imediato "à legalidade constitucional".	Público	Governo português à espera do evoluir da situação	17	3
A Junta Militar de Salvação Nacional ontem constituída em São Tomé e Príncipe (...) declarou pela rádio ter destituído todos os órgãos de soberania do país (...). Os golpistas disseram que não há mortos nem feridos, tendo justificado a sua intervenção pelas "difíceis condições sócio-económicas que o país atravessa" e pela "instabilidade política instaurada pelo poder cessante" (...).	Público	Junta Militar de Salvação Nacional tomou o poder em São Tomé	17	2
O ministro português dos Negócios Estrangeiros, António Martins da Cruz, afirmou ontem em Coimbra que Lisboa iria assegurar a segurança de cerca de 40 turistas portugueses e 42 estrangeiros retidos em São Tomé e Príncipe devido ao golpe de Estado de quarta-feira. Segundo ele, a maioria dos 82 turistas são da União Europeia, pelo que ao abrigo das convenções em vigor compete a Portugal protegê-los.	Público	Turistas portugueses e estrangeiros retidos no arquipélago	18	3
O anterior Presidente da República de São Tomé e Príncipe, Miguel Trovoada (...), declarou ontem ao Público estar convencido de que o seu sucessor, Fradique de Menezes, recuperará o lugar de que na quarta-feira foi afastado por uma Junta de Salvação Nacional dirigida pelo major Fernando Pereira. (...) "Há fortes indícios de que seja recolocada a normalidade constitucional", disse o antigo chefe de Estado num contacto telefónico a partir de Lisboa.	Público	Trovoada convencido de que Menezes reocupará o seu lugar	20	20
A junta militar que ontem tomou o poder em São Tomé e Príncipe justificou o golpe de Estado com a <i>alegada</i> corrupção que grassa no país. "É inconcebível que a maioria da população esteja a viver no limiar da pobreza e que um grupo de gente esteja com uma vida de luxo, rindo da desgraça dos outros", afirmou o líder dos golpistas, major Fernando Pereira (...). Por isso, afirmou, decidiram "lançar um SOS à comunidade internacional".	DN	Militares lançam SOS sobre situação do país e prometem eleições	17	4

O primeiro-ministro, José Manuel Durão Barroso, fez ontem um apelo ao rápido regresso da normalidade a São Tomé e Príncipe, realçando que "nenhum problema pode ser resolvido a não ser pela via do diálogo".	DN	Durão apela ao diálogo para resolução da crise	18	12
Chegou ontem a São Tomé e Príncipe uma missão diplomática que vai negociar com a Junta Militar que na terça-feira tomou o poder naquele país africano. A delegação foi enviada pela Comunidade de Países de Língua Portuguesa (CPLP) e Comunidade Económica dos Estados da África Central (CEEAC). Chefia a missão o ministro dos Negócios Estrangeiros do Gabão, Jean Ping.	DN	Mediadores já estão em São Tomé	20	25
O ministro dos Negócios Estrangeiros, Martins da Cruz, mostrou-se ontem com esperança "numa rápida evolução" em São Tomé e Príncipe. O ministro falava à margem do Conselho de Assuntos Gerais da UE, em Bruxelas, onde informou os restantes ministros dos Negócios Estrangeiros sobre a evolução mais recente da crise.	DN	Governo pode acabar sacrificado e os revoltosos serão amnistiados	22	7
"Sugerimos-lhe que demitisse o Governo e até apresentámos alternativas", conta Sabino dos Santos. "Respondeu-nos que o país precisava de estabilidade para não perder o dinheiro da venda dos blocos petrolíferos e os investimentos das companhias norte-americanas. Só que não temos a certeza de que o dinheiro do petróleo vá para o povo e não para carros de 30 mil dólares para os senhores dirigentes", aponta.	Visão	Anatomia de um golpe	24	61
"Uma negociação com uma forte componente africana era incontornável e foi a chave para o sucesso", comentou a propósito o ministro português dos Negócios Estrangeiros, Martins da Cruz.	Expresso	Uma "batata quente" para os políticos	26	15

Por vezes, os jornalistas socorrem-se de especialistas, eventualmente para dizerem aquilo que eles próprios gostariam de dizer (Traquina, 1988), mas também para credibilizar os enquadramentos noticiosos e fornecer explicações autorizadas para os acontecimentos:

<b>Indício</b>	<b>Jornal</b>	<b>Matéria</b>	<b>Dia</b>	<b>Página</b>
"Estão criadas as condições para a apropriação ilícita dos recursos do país", sustentou Ricardo Soares de Oliveira, investigador português a leccionar em Cambridge.	Público	O petróleo como origem do descontentamento	17	3
um relatório do (...) FMI já referia em 2002 uma evidente "falta de transparência" [nos acordos petrolíferos] com a atribuição à norte-americana ERHC de "uma receita substancial das possíveis receitas petrolíferas" do país.	Público	O petróleo como origem do descontentamento	17	3

(...) sucessivas gerações de políticos são-tomenses (...) [persistem] em considerar como seu grande parte das ajudas internacionais a São Tomé e Príncipe. Com a cumplicidade da comunidade internacional. Para o atestar basta conhecer o país. Quem não o conhece, só precisa de ler a investigação feita por Gerhard Seibert, que até está publicada em português – <i>Camaradas, Clientes e Compadres</i> . Está lá tudo, incluindo nomes.	DN	Corrupção, só corrupção	18	13
"Quando a Junta diz que as pessoas são obrigadas a viver de esquemas, é verdade", refere António Aguiar, 42 anos, empresário e antigo presidente da Câmara de Comércio e Indústria de São Tomé. "A autoridade do Estado bateu no fundo, os tribunais funcionam pessimamente, há um elevado nível de corrupção e a administração pública é ineficiente. O país tem vivido sob a ameaça de greves. As pessoas estão cada vez mais pobres, enquanto há uma classe dirigente que ostenta riqueza", assinala este consultor são-tomense.	Visão	Anatomia de um golpe	24	61
Segundo os analistas locais, o golpe é mais um episódio dramático da disputa pelo controlo da futura receita do petróleo, que nos últimos anos tem agitado a vida política são-tomense.	Expresso	Tudo ainda em aberto	19	27

Há formatos jornalísticos que são rotineiramente recuperados, como acontece com as formas de atribuição das informações às fontes: "afirmou que", "disse que", "salientou que", etc. Mas os jornalistas também recuperam formatos literários. Várias passagens nas matérias sobre a cobertura do golpe mostram como os jornalistas não se coíbem de enveredar pela linguagem de recorte literário, por vezes figurativa, mostrando que as fronteiras entre *arte e técnica*, entre *jornalismo e literatura* são, por vezes, ténues, já que os géneros jornalísticos são essencialmente recuperações reformatadas dos géneros literários (Schudson, 1988; 1995). Vejam-se, por exemplo, as seguintes *descrições cinematográficas*, intensificadoras dos sentidos, da emoção, do *interesse humano*:

- "Em São Tomé, o domingo amanhece como outro qualquer. Ou quase. Há poucos militares nas ruas. E os que circulam fazem-no de bicicleta, sem arma. Em pose descontraída, percorrem a marginal quase vazia." (*Público*, 21 de Julho, p. 16)
- "No meio do verde da ilha, ergue-se imponente mas deslavado o Quartel-General das Forças Armadas são-tomenses. De qualquer uma das janelas partidas, vê-se o mar muito azul, a cidade branca em fundo. (...) De um rádio a pilhas, ininterruptamente ligado, saem ritmos que convidam à descontração. Está calor. Nenhuma ventoinha funciona.

Os recrutas do serviço obrigatório descansam. Não sabem o que esperar nem esperavam o que aconteceu." (*Público*, 22 de Julho, p. 14)

- "A mãe chega, com o bebé às costas, um balde numa mão, um saco cheio de coisas na outra. Vem do posto de Santana, não muito longe da cidade de São Tomé, mas vem aflita. Entrega um papel na Urgência para dar entrada na Pediatria do Hospital Central porque o menino tem paludismo. No saco, um prato para a refeição, uma garrafa vazia para a água, fraldas e algumas peças de roupa." (*Público*, 24 de Julho, p. 3)

A preocupação com a informação contextual também se observa com frequência nas reportagens e notícias longas. Veja-se, por exemplo, o seguinte excerto da *Visão* (24 de Julho, p. 60):

- "São Tomé chegou a ser o primeiro produtor mundial de cacau, durante o período colonial português, mas o sector foi-se afundando após a independência de 1975. Hoje, o país é um dos mais pobres do mundo, sobrevivendo das cada vez mais escassas exportações de cacau, da prestação de serviços portuários e do aluguer de linhas telefónicas a operadores eróticos, para além de algum turismo (sector asfixiado pelo receio da malária) e de uma ajuda de 30 milhões de dólares de Taiwan que as autoridades são-tomenses "pagam" através do reconhecimento internacional daquele território. São Tomé importa 90% dos produtos consumidos pelos seus habitantes e o seu orçamento depende em mais de 80% da ajuda internacional. A sua dívida externa é uma das maiores do mundo. Quase 80% da população vive na pobreza. O salário médio de um funcionário público anda entre 25 e 30 euros, que mal dão para cmer. Os pensionistas recebem entre 10 e 15 euros por mês. O desemprego é de 45% e a assistência estatal é mínima, valendo a presença de algumas ONG' s."

O recurso a uma linguagem expressiva, por vezes figurativa (veja-se o recurso a figuras de estilo como a metonímia e a metáfora), também é observável nas matérias sobre o golpe de estado:

<b>Indício</b>	<b>Modalidade expressiva/figura de estilo</b>	<b>Jornal</b>	<b>Matéria</b>	<b>Di a</b>	<b>Página</b>
o jornal sul-africano Sunday Times disse	Metonímia (sinédoque): o todo (jornal) pela parte (alguém disse)	Público	Ex-membros do batalhão "Búfalo" entre os golpistas	17	2
sabendo o DN	Metonímia (sinédoque): o todo (jornal) pela parte (alguém sabe)	DN	Ultimato lusófono	18	12
comunicado lido pela Junta	Metonímia (sinédoque): o todo (Junta) pela parte (porta-voz)	Visão	Anatomia de um golpe	24	60
Lisboa condena golpe	Metonímia: a parte (Lisboa) pelo todo (Portugal) e ao mesmo tempo o todo (Lisboa) pela parte (governo, ministro) – sinédoque.	Público	Governo português à espera do evoluir da situação	17	3
O golpe de Estado (..) foi recebido com indiferença por uma população cansada de viver na miséria e ver os seus líderes enriquecer.	Metonímia: o todo (população) pela parte (os são-tomenses que estão cansados da miséria). Comparação: a população vive na miséria enquanto os políticos enriquecem	Público	São Tomé, um drama africano	19	4
Golpe de estado deu força à população para exigir que governo mude	Metonímia (sinédoque): o todo (população) pela parte (os são-tomenses que querem que o governo mude).	Público	"Situação em São Tomé nunca esteve tão má"	21	1
O golpe falhado contra Miguel Trovoada	Metonímia (a parte, Miguel Trovoada, pelo todo, Governo são-tomense)/ Personalização	Público	O golpe falhado contra Miguel Trovoada	17	3
Militares lançam SOS sobre situação do país	Metáfora (SOS pela declaração dos golpistas)	DN	Militares lançam SOS sobre situação do país e prometem eleições	17	4



Militares descansam ao 7º dia	Intertextualidade (recuperação de velhos enquadramentos para novos conteúdos: Militares descansam ao 7º dia/Deus descansou ao 7º dia). Ironia/sarcasmo	DN	Militares descansam ao 7º dia	24	7
Ver para crer em São Tomé	Intertextualidade e jogo de palavras com a denominação do país (Ver para crer em São Tomé/São Tomé teve de ver para crer)	DN	Ver para crer em São Tomé	19	10
Anatomia de um golpe	Intertextualidade (filme Anatomia do golpe)	Visão	Anatomia de um golpe	24	58
Uma "batata quente" para os políticos	Metáfora	Expresso	Uma "batata quente" para os políticos	26	15
agora que o caldo está entornado	Metáfora	Expresso	Novo recuo na ilha	19	27
continuar a apertar o cinto	Metáfora	Expresso	Novo recuo na ilha	19	27
Curiosamente, ganhou na corrida a Manuel Pinto da Costa, o homem que o trouxera para a política	Metáfora (corrida/eleições) e adverbiação (curiosamente)	DN	As manchas de petróleo	17	2
difícil cenário político	Adjectivação	Expresso	Uma "batata quente" para os políticos	26	15
revoltosos liderados por um dos oficiais <i>mais respeitados</i> do país	Adjectivação superlativa e interpretativa	Visão	Anatomia de um golpe	24	58
Governantes continuam detidos	Supressão do sujeito na frase (no título)	DN	Governantes continuam detidos	18	7
O país está sem governo, sem Presidente, sem rumo.	Repetição	Público	São Tomé   "Não podemos continuar a viver tão mal"	21	16
ninguém no final podia garantir que era mesmo o acto final	Repetição e linguagem figurativa (antonomásia: o conceito "acto final" é tomado emprestado do teatro)	DN	Ver para crer em São Tomé	19	10
Ergue-se imponente mas deslavado o Quartel-General das Forças Armadas são-tomenses. De qualquer uma das janelas partidas vê-se o mar muito azul.	Antítese e paradoxo	Público	No quartel dos golpistas de São Tomé   "Não sabia quando, mas sabia que um dia isto ia acontecer"	22	14
Não sabem o que esperar nem esperavam o que aconteceu.	Ironia/sarcasmo	Público	No quartel dos golpistas de São Tomé   "Não sabia quando, mas sabia que um dia isto ia acontecer"	22	14

De um rádio a pilhas (...) saem ritmos que convidam à descontração. Está calor.	Descrição sinestésica	Público	No quartel dos golpistas de São Tomé   "Não sabia quando, mas sabia que um dia isto ia acontecer"	22	14
"Quem poderá ser o mediador do conflito que opõe, desde a madrugada de ontem, os militares revoltosos às autoridades de São Tomé e Príncipe?"	Interrogação retórica	DN	A carta da mediação	17	3
Como o Público noticiou no início do mês	Recuperação história (relato não cronológico)	Público	O petróleo como origem do descontentamento	17	3
Especialistas contactados na altura	Recuperação história (relato não cronológico)	Público	O petróleo como origem do descontentamento	17	3
À memória dos são-tomenses assomaram (...) imagens de um outro golpe que depôs o Presidente Miguel Trovoada, em 1995 (...).	Recuperação história (relato não cronológico)	Visão	Anatomia de um golpe	24	58
O primeiro contacto com a enfermeira é como um ritual repetido várias vezes por dia.	Comparação	Público	Quando a morte chega sob a forma de paludismo	24	3
Um pequeno país prestes a receber os primeiros milhões do petróleo. Militares revoltados por promessas não cumpridas. Um grupo que lutou contra a ditadura e que se sente marginalizado. E o mal-estar de uma população que empobrece a olhos vistos enquanto a classe dirigente ostenta sinais de riqueza. Eis as partes da intrincada equação em que se resolve o golpe em São Tomé e Príncipe.	Síntese	Visão	Anatomia de um golpe	24	58
Contágio e intervenção	Título enigmático	DN	Contágio e intervenção	17	5
Ultimato lusófono	Título enigmático	DN	Ultimato lusófono	18	12
Manchas de petróleo	Título enigmático	DN	Manchas de petróleo	17	2

<p>A mãe chega, com o bebé às costas, um balde numa mão um saco cheio de coisas na outra. Vem do posto de Santana, não muito longe da cidade de São Tomé, mas vem aflita. Entrega um papel da Urgência para dar entrada na Pediatria do Hospital Central porque o menino tem paludismo. No saco, um prato para a refeição, uma garrafa vazia para a água, fraldas e algumas peças de roupa. (...). O contacto com a enfermeira é como um ritual repetido várias vezes por dia. "Vomitou?" "Não." "Convulsionou?" "Não." "Tem febre? Sim e já não está a comer nada."</p> <p>De cabeça pendurada e olhos fechados, enrolada num pano agarrado às costas da mãe, a criança não reage. Está inconsciente.</p> <p>"Até ontem brincava normalmente", diz a mãe. "Hoje deixou de comer."</p> <p>Mas o alto nível de parasitemia na análise indica que a doença já tem vários dias. A mãe ainda não sabe. Mas poderá ter chegado tarde de mais.</p>	<p>Descrição cinematográfica/ Personalização/ Intensificação do interesse humano/ Particularização antes de alargar ao caso geral</p>	<p>Público</p>	<p>Quando a morte chega sob a forma de paludismo</p>	<p>24</p>	<p>3</p>
--	---	----------------	--	-----------	----------

Entre os elementos estruturantes do discurso jornalístico impresso, os títulos são aqueles onde mais se pode notar a tensão entre a necessidade de chamar a atenção, "obrigando" a ler, e a necessidade de informar. Nas notícias<sup>2</sup> sobre o golpe, encontram-se nos mesmos jornais e nos mesmos dias títulos tendencialmente informativos (a maioria), títulos tendencialmente emotivos (que *dramatizam a realidade*) e títulos que procuram equilibrar a sensação emotiva com a informação:

Título	Tendência	Jornal	Dia	Página
Junta Militar de Salvação Nacional tomou o poder em São Tomé	Informativa	Público	17	2
Quase três décadas de miséria	Misto	Público	17	2
CPLP e PALOP condenam o golpe "com firmeza"	Informativa	Público	17	3
Quando a morte chega sob a forma de paludismo	Emotiva	Público	24	3
Acordo prevê formação de novo governo e transparência no dossier petróleo	Informativo	Público	24	2

<sup>2</sup> Só foram considerados os títulos de matérias noticiosas. Excluíram-se os títulos de comentários e matérias similares, onde a latitude interpretativa e expressiva é, por definição, mais ampla, o que se nota nos títulos.

Nigéria apadrinha regresso de Fradique de Menezes a São Tomé	Informativo-interpretativo	Público	24	2
Militares lançam SOS sobre situação do país e prometem eleições	Informativo	Público	17	4
Ultimato lusófono	Emotivo-informativo	DN	18	12
Governantes continuam detidos	Informativo	DN	18	13
Durão apela ao diálogo para resolução da crise	Informativo	DN	18	12
Ver para crer em São Tomé	Emotivo	DN	19	10
Durão Barroso não pactua com militares golpistas	Informativo-interpretativo	DN	19	10
Anatomia de um golpe	Emotiva	Visão	24	58
Golpistas indignados	Misto	Visão	31	62
Uma "batata quente" para os políticos	Emotivo-interpretativo	Expresso	26	15

Apesar da intenção de objectividade e factualidade, os jornalistas, como vimos acima, tomam liberdades expressivas para "salgar" e promover os seus enunciados. Mas para além disso, conforme identificaram autores como Pinto (1997) ou Barnhurst e Mutz (1997), o jornalismo tem evoluído no sentido da interpretação e da análise, estando o jornalista especializado a substituir-se ao especialista. Obviamente, a tendência analítica é notória nos comentários e editoriais, a que já se fez referência, mas também ocorre na *notícia comentada*, na *notícia interpretada*. Na cobertura do golpe em São Tomé ocorrem várias situações em que se evidencia nas notícias<sup>3</sup> essa *deriva para a análise*, esse *esforço interpretativo*, que de forma simples se pode classificar como a interpretação e correlação de factos e a antevisão de consequências. No entanto, esse fenómeno ocorreu menos vezes do que o previsto. Os jornalistas foram bastante refreados na produção analítica noticiosa, preferindo, nas notícias, deixar o território da análise para os especialistas, militares e políticos citados nas matérias.

Eis alguns exemplos da deriva para a análise (sempre em matérias assinadas) evidenciada nos vários periódicos analisados:

<sup>3</sup> Só foram consideradas as matérias noticiosas. Excluíram-se matérias onde a latitude interpretativa e expressiva é mais ampla.

<b>Indício</b>	<b>Jornal</b>	<b>Matéria</b>	<b>Dia</b>	<b>Página</b>
<p>"Certo é que Portugal, que já condenou o golpe liderado pelo major Fernando Pereira, tenciona remeter-se ao papel de "facilitador do diálogo", idêntico àquele que ocorreu em 1995, quando um grupo de militares tentou derrubar o Presidente Miguel Trovoada. Na altura, Lisboa desenvolveu um discreto, mas eficiente trabalho de bastidores, deixando todo o protagonismo para o então responsável pela democracia angolana, Venâncio de Moura, entretanto falecido.</p> <p>Agora, Luanda poderá voltar a desempenhar o mesmo papel, beneficiando do peso que dispõe no continente africano e ainda das relações privilegiadas que mantém com o Gabão e com a Nigéria, dois estados próximos de São Tomé e Príncipe, com quem irão partilhar, de resto, parte da exploração do petróleo ali descoberto."</p>	DN	A carta da mediação	17	3
<p>Oficialmente, a missão acabou por ser designada por "missão de bons ofícios" mas ficou evidente tratar-se somente da escolha de sinónimos. Na verdade, o desfecho da crise são-tomense condiciona a Cimeira de Chefes de Estado e Governo [da CPLP] marcada para 2004 e que assinalaria a presidência de São Tomé da organização e mais proximamente fará depender a visita do Presidente Lula da Silva, prevista para Agosto e com parte da comitiva (empresários e o Itamaraty comercial) a fazer planos com o petróleo e o turismo que o país suscita como principal atractivo de negócios seguros."</p>	DN	Ver para crer em São Tomé	19	10
Talvez para compensar essa falta de aderência [dos oficiais ao golpe]...	Público	Trovoada convencido de que Menezes reocupará o seu lugar	20	20
O país está sem governo, sem Presidente, sem rumo.	Público	São Tomé   "Não podemos continuar a viver tão mal"	21	16
Chega gente ao aeroporto, sinal de que não há medo.	Público	São Tomé   "Não podemos continuar a viver tão mal"	21	16
Nigéria <i>apadrinha</i> regresso de Fradique de Menezes a São Tomé	Público	Nigéria <i>apadrinha</i> regresso de Fradique de Menezes a São Tomé	24	2
Mas num sinal que pode, de facto, indicar progressos	Público	Junta são-tomense proíbe manifestações e reforça a presença militar nos ministérios	23	11

<p>Quando (...) se colocou a hipótese de uma intervenção militar para repor a legalidade, foi para Abuja que as atenções se viraram. Analistas não hesitaram em associar (...) essa eventual disponibilidade da Nigéria (...) aos interesses petrolíferos que este país tem no pequeno arquipélago lusófono. O interesse não resultará tanto da produção associada à exploração conjunta, uma vez que a Nigéria é já o primeiro produtor da África subsariana, mas sobretudo aos interesses de empresas nigerianas em contratos com São Tomé.</p> <p>Os dois países ainda no ano passado tinham um diferendo relativo à partilha de um bloco na zona de exploração conjunta. São Tomé aproximou-se nessa altura da Administração Bush, e não negou por completo a eventualidade de vir a construir-se uma base naval norte-americana no arquipélago. O Presidente são-tomense chegou a invocar ameaças externas, referindo-se implicitamente a barcos nigerianos. (...)</p> <p>Hoje, embora o diferendo entre os dois estados tenha sido por completo ultrapassado, com a ratificação do tratado de exploração conjunta, a empresa que conseguiu assinar com São Tomé alguns dos acordos mais prejudiciais de toda a África é controlada por capitais de um empresário nigeriano, próximo do poder em Abuja.</p> <p>O à-vontade que o Presidente da Nigéria e a sua comitiva demonstraram nesta manifestação de apoio a Fradique de Menezes não passou despercebido aos são-tomenses.</p>	Público	Nigéria apadrinha regresso de Fradique de Menezes a São Tomé	24	2
<p>São Tomé adquiriu valor estratégico após a descoberta recente de um vasto potencial petrolífero nas suas águas territoriais.</p>	Visão	Anatomia de um golpe	24	58
<p>São Tomé e Príncipe sonha em ser o Koweit do Golfo da Guiné. Embora não haja ainda a certeza de haver petróleo –a possibilidade é indicada apenas por estudos sísmicos– o crude ocupa já o centro da luta política no país. (...) O próprio envolvimento de tantas delegações na negociação do regresso à normalidade em São Tomé –estão representantes da CPLP, da Comunidade Económica de Estados da África Central, da Nigéria, dos EUA, entre outros– é visto como um sinal dos apetites despertados pelo petróleo.</p>	Visão	Anatomia de um golpe	24	61

<p>A ministra das Finanças de S. Tomé e Príncipe (...) tinha anunciado há uma semana que o Banco Mundial iria "perdoar" (...) 86% da dívida externa do país (...) na condição de continuar a apertar o cinto e implementar as reformas macroeconómicas iniciadas em 2001. E (...) o erário público poderia contar com os "bónus" de exploração das nove primeiras concessões petrolíferas (...). O golpe de estado (...) comprometeu (...) as perspectivas (...) e é pouco provável que a comunidade internacional, que condenou unanimemente os golpistas, esteja disposta a conceder-lhes o benefício da dúvida – mesmo que muitos reconheçam que os militares não fizeram mais do que dar vos (e força) ao descontentamento popular, latente em amplos sectores do funcionalismo público, as "classes médias" do minúsculo estado. A "explosão" de 16 de Abril, quando manifestantes enfurecidos assaltaram o Palácio do Governo (...), foi o primeiro aviso de tempestade. O Governo (...) não pôde ou não soube interpretá-lo a tempo.</p>	Expresso	Novo recuo na ilha	19	27
<p>A mando do ainda invisível beneficiário político deste movimento militar, o major –a quem já chamaram "David"– conseguiu, perante o "Golias" das representações internacionais recriar o difícil cenário político no arquipélago.</p>	Expresso	Uma "batata quente" para os políticos	26	15
<p>Na tarde de quarta-feira, o Presidente Fradique de Menezes regressou ao país, acompanhado pelo seu homólogo nigeriano, Olusegun Obasanjo, que assim entendeu "capitalizar", interna e externamente, o bom sucesso do fim da crise.</p>	Expresso	Uma "batata quente" para os políticos	26	15

Pelos exemplos atrás, é perceptível também que para os jornalistas a análise não corresponde a uma mera opinião, pois os jornais, como se viu acima, tentaram separar as meras opiniões –comentários e editoriais– das informações, fossem estas estritamente factuais ou interpretadas.

#### 4.3.5 Jogo de enquadramentos

Os enquadramentos das matérias dão aos leitores pistas para a compreensão dos acontecimentos. Por outras palavras, os enquadramentos contribuem para a construção de significados para os acontecimentos. Por isso, os actores sociais lutam para que os seus enquadramentos sejam apresentados de forma privilegiada na comunicação social (Tuchman ,1976; Goffman, 1974; Gamson, 1989; Gitlin, 1980; Traquina, 2001; 2002; Wolsfeld, 1991).

No caso da cobertura do golpe, os diferentes actores sociais foram dissonantes na apresentação de enquadramentos. Os golpistas e os seus apoiantes da Frente da Democracia Cristã esgrimiram o argumento da miséria, do desemprego e da corrupção para justificar o golpe, no que foram secundados por alguns jornalistas, analistas e comentadores e mesmo pela população em geral, quando escutada. O binómio petróleo-riqueza/petróleo-corrupção e miséria é várias vezes referenciado por esses actores sociais, o que parece fundamentar a ideia, sugerida Lévi-Strauss (cit. por Santos, 1998), de que os processos estruturais de comunicação em sociedade em grande medida assentam em oposições binárias.

Os políticos são-tomenses não se defenderam directamente das críticas que lhes foram feitas e em alguns casos parecem aceitá-las. A sua defesa foi indirecta, tendo assentado unicamente na ideia de que um golpe de estado não é forma de resolver problemas e é ilegítimo e ilegal dentro de um contexto democrático e na ideia de que as pessoas pensam que já há dinheiro do petróleo, quando na realidade ainda nem sequer se sabe se o petróleo poderá ser explorado. Os políticos, governantes e altos funcionários representantes de instituições internacionais e de países terceiros alinharam pelo mesmo diapasão dos políticos são-tomenses, no que foram acompanhados por alguns jornalistas. A democracia foi colocada na arena pública como um valor (já Gans, em 1979, tinha chamado a atenção para o facto de a democracia ser entendida como um valor jornalístico). Mas também se encontraram jornalistas a enfatizar as justificações dos golpistas para o golpe, até porque constituem *explicações plausíveis* para o acontecimento. Observem-se alguns exemplos do que atrás foi dito:

Indício	Jornal	Matéria	Dia	Página
<b>Os políticos e as instituições políticas</b>				
A situação económica e social está degradada e isso provoca descontentamento nas pessoas. O comunicado da Junta Militar diz que foi esse descontentamento que levou a esta acção, mas isso não pode de forma alguma servir de pretexto para um golpe de Estado. Não é desta forma que se poderão resolver os problemas do país, mas sim através do diálogo (...).	DN	Miguel Trovoada, ex-Presidente de São Tomé e Príncipe   Solução para a crise tem de ser ampla e dialogada	17	5



Só vejo uma razão [para o golpe]: a sucessiva e contínua degradação das condições de vida, aliada à falta de credibilidade das instituições. (...) Quando isso acontece, a culpa só pode ser dos governantes. O país vive a obsessão do petróleo. Ainda não estamos a produzir, e assiste-se já à deterioração dos outros sectores de produção. (...) [Mas] Não há nada que possa justificar a subversão das regras. (...) a democracia foi a melhor coisa que aconteceu a São Tomé e Príncipe. Deste ponto de vista, o golpe é um retrocesso. Não será aceite pela comunidade internacional (...). A ordem constitucional terá de ser reposta e os órgãos de soberania terão de ser restabelecidos.	DN	Paulo Jorge Espírito Santo, ex-ministro dos Negócios Estrangeiros de São Tomé e Príncipe   "É preciso ouvir os militares revoltosos e não prendê-los"	18	13
Um pré-ultimato aos revoltosos de São Tomé para o "retorno imediato e incondicional ao normal funcionamento das instituições democráticas" foi o que ontem os chefes de diplomacia da Comunidade de Países de Língua Portuguesa (CPLP) decidiram (..)	DN	Ultimato lusófono	18	12
O primeiro-ministro, José Manuel Durão Barroso, fez ontem um apelo ao rápido regresso da normalidade a São Tomé e Príncipe, realçando que "nenhum problema pode ser resolvido a não ser pela via do diálogo". (...) "Faço um apelo aos militares revoltosos para que se empenhem no diálogo, para que tão depressa quanto possível regresse a normalidade e a ordem constitucional e democrática a São Tomé e Príncipe".	DN	Durão apela ao diálogo para resolução da crise	18	12
As pessoas pensam que já há muito dinheiro com vendas de petróleo. A verdade é que nem sequer temos ainda o petróleo à vista.	DN	Mateus Meira Rita, ministro dos Negócios Estrangeiros de São Tomé   As pessoas pensam que já há dinheiro do petróleo	19	11
Para o primeiro-ministro, "não se deve desejar uma intervenção militar mas sim uma solução que permita restabelecer a ordem democrática constitucional".	DN	Durão Barroso não pactua com militares golpistas	19	10
Para Martins da Cruz, "as crises resolvem-se pelo diálogo". O governo apelou ao bom senso dos dirigentes da sublevação, para que seja possível regressar "à legalidade constitucional e democrática".	DN	Mediadores já estão em São Tomé	20	25
"Condenamos o golpe e exigimos que os seus autores restitua a ordem constitucional", disse Joaquim Chissano, Presidente de Moçambique e da UA.	Público	Junta Militar de Salvação Nacional tomou o poder em São Tomé	17	2
"foi com grande preocupação que o Governo da República Popular de Angola tomou conhecimento da ocorrência de um movimento militar que interrompeu a legalidade constitucional e ordem democrática na República de São Tomé e Príncipe"	Público	Junta Militar de Salvação Nacional tomou o poder em São Tomé	17	2
"Reconhecemos que há problemas sociais e económicos, mas o poder ganha-se nas urnas e não pela violência", afirmou o ministro [dos Negócios Estrangeiros são-tomense].	Público	Junta Militar de Salvação Nacional tomou o poder em São Tomé	17	2

O ministro dos Negócios Estrangeiros português, António Martins da Cruz, condenou ontem o golpe de Estado em São Tomé e Príncipe (...), apelando aos revoltosos para a necessidade de diálogo e pedindo o regresso imediato à "legalidade constitucional".	Público	Governo português à espera do evoluir da situação	17	3
O ministro da Presidência português, Nuno Morais Sarmiento, reiterou (...) a condenação do golpe por parte do Governo e reafirmou "a via do diálogo" como forma de "resolver os problemas e restabelecer a ordem constitucional".	Público	Governo português à espera do evoluir da situação	17	3
A Comunidade de Países de Língua Portuguesa (CPLP) condenou ontem "com firmeza" o golpe de Estado (...) e manifestou a sua total solidariedade para com o Governo do arquipélago. (...) [Os] ministros dos Negócios Estrangeiros dos PALOP (...) "apelaram para a observância e reposição imediata e sem pré-condições da ordem constitucional vigente, o respeito pelos órgãos de soberania legitimamente constituídos e a preservação da integridade física dos representantes legítimos do povo são-tomense".	Público	CPLP e PALOP condenam golpe "com firmeza"	17	3
O primeiro-ministro português, Durão Barroso, apelou ontem aos militares revoltosos em São Tomé e Príncipe para que se empenhem num diálogo que permita ultrapassar a crise resultante do golpe de Estado de quarta-feira. Isto "para que tão depressa quanto possível se regresse à ordem, à paz e à normalidade constitucional".	Público	Durão Barroso apela ao diálogo	18	4
O Comité Permanente da CPLP (...) tinha dado o mote (...), condenando o golpe.	Expresso	Um exercício de concertação	19	26
<b>Os militares golpistas e seus apoiantes</b>				
A junta militar que ontem tomou o poder em São Tomé e Príncipe justificou o golpe de estado com a alegada corrupção que grassa no país. "É inconcebível que a maioria da população esteja a viver no limiar da pobreza e que um grupo de gente esteja com uma vida de luxo, rindo da desgraça dos outros", afirmou o líder dos golpistas, major Fernando Pereira (...). Por isso, afirmou, decidiram "lançar um SOS à comunidade internacional".	DN	Militares lançam SOS sobre situação do país e prometem eleições	17	4
O líder rebelde, major Pereira, explicou desta forma a tomada do poder: "É inconcebível que a maioria da população viva no limiar da pobreza enquanto um grupo de pessoas ostenta uma vida de luxo, rindo-se da miséria dos outros". Segundo o comunicado lido pela Junta, a acção foi para "acabar com a corrupção e a incompetência do Governo".	Visão	Anatomia de um golpe	24	60
Os golpistas (...) [justificaram] a sua intervenção pelas "difíceis condições sócio-económicas que o país atravessa" e pela "instabilidade política instaurada pelo poder cessante".	Público	Junta Militar de Salvação Nacional tomou o poder em São Tomé	17	2

Os golpistas (...) acusaram o regime de corrupção e dizem querer pôr fim "à situação extrema a que se chegou" no país, indo ao encontro de um crescente descontentamento da população, face aos visíveis sinais de enriquecimento de uma pequena elite.	Público	Isolados internacionalmente golpistas tardam em apresentar solução para São Tomé	18	2
"Não é só o problema dos militares que está em causa. É o problema do país. Os militares têm sido o parente pobre do regime democrático mas não são só os militares, é um conjunto de situações que se arrastam há vários anos", disse Sabino dos Santos [da FDC]. "A comunidade internacional tem que saber que o voto em São Tomé é a dinheiro", acrescentou (...).	Público	Isolados internacionalmente golpistas tardam em apresentar solução para São Tomé	18	2
"Porque nós todos vivemos numa situação péssima. (...) Em temos do país em geral".	Público	No quartel dos golpistas de São Tomé   "Não sabia quando, mas sabia que um dia isto ia acontecer"	22	14
os militares golpistas (...) expuseram os motivos que os levaram a tomar o poder: degradação do nível de vida, corrupção dos governantes e depredação dos bens públicos.	Expresso	Tudo ainda em aberto	19	27
<b>Os jornalistas e comentadores</b>				
A instabilidade política instalou-se em São Tomé e Príncipe quando se tornou óbvio que o arquipélago ia beneficiar de vastas riquezas petrolíferas. (...) Mas o dinheiro tarda e São Tomé já sofre com o forte impacto económico das expectativas. (...) Nos últimos meses os preços dispararam e as exportações tradicionais caíram de forma abrupta. Isto levou a uma crescente impaciência da população, apesar da economia crescer a um ritmo anual de 5 por cento.	DN	Miragem do petróleo inicia época de instabilidade	17	4
A mobilização popular contra o golpe é uma obrigação dos partidos políticos democráticos e da sociedade civil	DN	Contágio e intervenção	17	5
O ano passado, mais de 60 cidadãos (...) acusaram o Presidente de obter benefícios pessoais com o petróleo do arquipélago. O Presidente não o negou, confirmou-o (...) numa entrevista (...).	DN	As manchas de petróleo	17	2
por detrás (...) do golpe (...) existe um grave problema de corrupção no país. (...) Que é muito anterior à expectativa das receitas provenientes da exploração do petróleo e que se torna particularmente grave num país de pequenas dimensões, com poucos recursos, onde todos se conhecem e onde tudo se sabe. (...) Agora o que é extraordinário é que sucessivas gerações de políticos são-tomenses não tenham aprendido com os erros do passado, persistindo em considerar como seu grande parte das ajudas internacionais concedidas a São Tomé e Príncipe. Com a cumplicidade da comunidade internacional.	DN	Corrupção, só corrupção	18	13
Um dos motivos na base do descontentamento social que terá levado ao golpe de Estado (...) passa pelo carácter desfavorável dos acordos petrolíferos recentemente renegociados pelo Governo de São Tomé e Príncipe.	Público	O petróleo como origem do descontentamento	17	3

O arquipélago de São Tomé e Príncipe já conheceu quase três décadas de miséria, desde que em Julho de 1975 se tornou independente (...).	Público	Quase três décadas de miséria	17	2
o drama que ali se vive [em São Tomé] (...) não é um problema do povo, é um problema dos dirigentes (...) com décadas. (...) No passado São Tomé sofreu do mal da corrupção e hoje continua a sofrer do mal da corrupção. Os seus dirigentes (...) actuam como se os apoios internacionais fossem coisa sua e, como agora se verifica no caso do petróleo, fecham negócios ruinosos para o país (mas, eventualmente, não para eles próprios (...)). (...) infelizmente, São Tomé e Príncipe parece condenado a seguir a regra trágica da África subsariana onde, como recentemente explicava Saskia Sassen, professor da London School of Economics, "o petróleo teve sempre um efeito devastador para o desenvolvimento, pois concentrou a riqueza e desincentivou outro tipo de investimentos". Os rebeldes não são, ao que parece, gente recomendável e o golpe é inaceitável – mas a indiferença com que foi recebido é sinal do cansaço da população miserável, do seu desencanto face a um poder permanentemente enredado nas malhas que a corrupção tece.	Público	São Tomé, um drama africano	19	4

<p>As palavras do líder dos golpistas são-tomenses (...) foram claras: já chega de corrupção e de violações dos direitos dos cidadãos (...). Mais: justificar o golpe de Estado que visa "lançar um SOS à comunidade internacional" para a trágica situação da população são-tomense chega, por si só, para lembrar ao mundo que a democracia não se esgota em eleições democráticas, livres e justas.</p> <p>(...)</p> <p>As justificações do comandante "Cobó" para o golpe podem não ser objectivas aos olhos da comunidade internacional, mas são incisivas quanto baste para lembrar a "hipocrisia" (...) do "politicamente correcto". Se, por um lado, a democracia não se esgota em eleições, por outro, a boa governação é um prolongamento da própria ideologia, coisa que, infelizmente, em São Tomé e Príncipe, parece não existir.</p> <p>(...)</p> <p>Condenado pela totalidade da comunidade internacional (...), a verdade é que "David" tem razão, independentemente das razões evocadas pelo resto do mundo, embora seja condenável o uso da força para resolver desigualdades. Mesmo que invoquem que o diálogo é a melhor forma de ultrapassar impasses (comunidade internacional "dixit", a verdade é que a paciência terá sempre os seus limites e a pena de morte, a morte daqueles que morrem à fome, acaba por vir ao cimo, mas nunca será considerada uma violação à Constituição. Os africanos (...) sabem o que é sobreviver no meio da miséria, enquanto as elites (...) enriquecem (...).</p> <p>É "chato" ser africano e não pertencer às elites. (...) Mas é ainda mais vergonhoso ver os que estão no poder servir-se do dinheiro que está destinado a melhorar o nível de vida da população.</p>	Público	"Malditas elites"	22	15
<p>São Tomé e Príncipe sonha em ser o Koweit do Golfo da Guiné. (...) O (...) envolvimento de tantas delegações na negociação do regresso à normalidade em São Tomé (...) é visto como um sinal dos apetites despertados pelo petróleo.</p>	Visão	Anatomia de um golpe	24	61
<p>O petróleo podia ser a salvação mas é a desgraça de África. Sempre que nalgum país existe ouro negro ou acontecem regras fratricidas ou golpes de estado. Calhou agora a vez de São Tomé com os golpistas, constituídos como convém em Junta de Salvação Nacional, a dizerem que querem tirar o país da miséria e do descalabro total. Pois...</p> <p>(...) E, como sempre, foi a avidez de uma súbita riqueza que pôs as armas em movimento.</p>	Expresso	A desgraça de África	19	2
<b>Os especialistas</b>				

"Estão criadas as condições para a apropriação ilícita dos recursos petrolíferos do país", sustentou Ricardo Soares de Oliveira, investigador português a leccionar em Cambridge, co-autor de uma investigação sobre negócios e política em São Tomé que identificou várias irregularidades na condução da política petrolífera. "Alianças com companhias inviáveis" e "instituições não credíveis" resultaram nos "contratos mais desvantajosos do golfo da Guiné".	Público	O petróleo como origem do descontentamento	17	3
o professor universitário e analista político Armando Aguiar considerou que o golpe foi "um reflexo da situação que se vive desde há algum tempo, com muitos problemas de falta de emprego, sobretudo entre os jovens. Setenta a 80 por cento da população vive na miséria".	Público	Junta Militar de Salvação Nacional tomou o poder em São Tomé	17	2
"Quando a Junta diz que as pessoas são obrigadas a viver de esquemas, é verdade"	Visão	Anatomia de um golpe	24	61
"A autoridade do Estado bateu no fundo, os tribunais funcionam pessimamente, há um nível elevado de corrupção e a administração pública é ineficiente. O país tem vivido sob a ameaça de greves. As pessoas estão cada vez mais pobres, enquanto há uma classe dirigente que ostenta riqueza"	Visão	Anatomia de um golpe	24	61
<b>Os jornalistas são-tomenses</b>				
"A democracia perdeu (...). Mas há fundamento para as razões dos golpistas (...) [devido a] um grave problema de corrupção no país".	Público	São Tomé   "Não podemos continuar a viver tão mal"	21	16
"Eles [golpistas] dizem que estão fartos da miséria em que vive o nosso povo. Também eu."	Expresso	Tudo ainda em aberto	19	27
<b>A população em geral</b>				
"Uma pessoa habituada a ver tudo parado não sente o parado que o país agora está", diz Luís, funcionário público que se tornou taxista porque "não era possível viver com 400 mil dobras por mês" (...). "Não podemos continuar a viver tão mal", diz (...). "Ninguém tem dinheiro para comprar nada", sublinha.	Público	São Tomé   "Não podemos continuar a viver tão mal"	21	16
"(...) as pessoas estão de acordo com estes acontecimentos" [popular são-tomense].	Público	São Tomé   "Não podemos continuar a viver tão mal"	21	16
"É preciso pensar na população e na classe trabalhadora. O Governo devia sair." [Populares são-tomenses]	Público	São Tomé   "Não podemos continuar a viver tão mal"	21	16
"A situação há muito tempo que não estava bem, mas nunca esteve tão má. Para onde vão tantas ajudas internacionais que o país tem recebido?"	Público	São Tomé   "Não podemos continuar a viver tão mal"	21	16
"Os filhos dos pobres morrem às 10 da manhã, porque acordam com fome, tentam subir à árvore para apanhar fruta-pão [base da alimentação são-tomense], mas estão fracos e caem. Os filhos dos ricos morrem entre o meio-dia e as 2, porque comem muito e têm congestão"	Visão	Anatomia de um golpe	24	61

É interessante notar, no quadro acima, que nas matérias analisadas a *Visão* não referenciou enquadramentos relevantes sobre o golpe derivados dos "políticos dominantes". Por seu turno, o *Expresso* não lançou para a arena pública enquadramentos oriundos dos populares em geral. Registe-se, finalmente, que a recuperação de informação histórica sobre o golpe de Agosto de 1995 ("*Primeiro golpe durou uma semana*", DN, 17 de Julho de 2003, p. 5; "*O golpe falhado contra Miguel Trovoada*", *Público*, 17 de Julho de 2003, p. 3) reforça a ideia de que São Tomé e Príncipe é um país instável, igualmente saliente em títulos como "*Miragem do petróleo inicia época de instabilidade*" (DN, 17 de Julho, p. 4 – este título, ademais, faz futurologia). O comentário de José Gonçalves no DN (17 de Julho de 2003, p. 5) generaliza esse enquadramento a toda a África: "O golpe em São Tomé é o terceiro deste ano em África (...). O problema é que os golpes parecem contagiosos [em África] (...). Este caso [o golpe em São Tomé] é ainda mais sensível, na medida em que o país se localiza na África Central, hoje a região mais instável do continente, onde as tentações golpistas nos Grandes Lagos são constantes."

A referir, finalmente, o macro-enquadramento de toda a história do golpe. As notícias são essencialmente histórias (Tuchman, 1976), narrativas construídas no seio de uma gramática da cultura (Colby, 1975; Schudson, 1988; 1995), com validade interna (Tuchman, 1976). As notícias mobilizam, assim, determinados enquadramentos, mitos e lendas perenes na nossa cultura. O regresso do Presidente Menezes a São Tomé é como o feliz desenlace do conto de fadas. Os militares foram os maus da fita, mas transfiguraram-se em bons, redimiram-se (pecado-redenção, na simbologia cristã) quando aceitaram libertar os presos, aceitar o regresso do Presidente e permitir a normalização democrática.

#### **4.3.6 As fotografias**

As fotografias sobre o golpe publicadas nos diários foram em grande medida retratos de políticos, falando entre eles ou com a comunicação social ou ainda em ocasiões de estado. São imagens que reforçaram a presença política nos enunciados, com pouco a transmitir.

No *Público*, chama a atenção uma fotografia de militares em parada (17 de Julho, p. 2), embora seja insuficiente para evocar o ambiente do golpe, tratando-se de uma solução de recurso para ilustrar o jornal – o golpe foi militar, havia que desencantar uma fotografia de militares. Outra foto, esta de políticos, evoca o ambiente da reunião da CPLP (18 de Julho, p. 4).

No *Público* de 19 de Julho, uma foto de um soldado que com uma expressão mista entre a firmeza e a ironia barrava a passagem para o palácio presidencial são-tomense, por trás de um portão fechado

a cadeado, contrapunha-se ao título que afirmava que a Junta Militar admitia o regresso do Presidente a São Tomé. Um discurso algo esquizofrénico, uma tensão entre texto e imagem, mas sem perigo de originar descodificações aberrantes.

No *Público* de 21 de Julho, a capa mostrava um soldado sentado por cima de um velho canhão, a olhar para o fora-de-campo. Cores suaves, a acentuar a ideia de descanso e expectativa, eventualmente de derrotismo, em tempo de fim de intentona. O título registava que a situação em São Tomé era a pior de sempre, coisa que a foto não deixava antever, e o sub-título sublinhava que o golpe deu força à população para exigir mudanças governamentais, mas a foto, mais uma vez, não casava com a palavra. Lá dentro, na página 16, aparece uma das fotos mais expressivas da miséria são-tomense, mas uma foto que recupera ideias já usadas: o olhar selectivo do fotojornalista mostra uma menina descalça agarrada às saias da mãe, rodeada de pernas anónimas, descalças ou calçadas com chinelos, sobre terra batida e suja.

No dia 22, na página 14, surgiu no *Público* mais uma imagem representativa da miséria são-tomense. Trata-se de uma foto do decrepito interior do quartel dos golpistas. Um único soldado, deitado num beliche, vestido apenas com um calção, recorda que não se trata de um espaço abandonado. A foto contrasta com outra, mais pequena, na mesma página, onde militares aperaltados nos seus uniformes de campanha e em pose orgulhosa, alguns deles armados, se agrupam ao redor de uma pick-up. O discurso exclusivamente fotojornalístico também pode ser contrapontístico.

Dia 23, foi publicada a única foto que o *Público* inseriu sobre o golpe centrada no seu líder, o major Fernando Pereira. Em uniforme de combate, apressado, ele parece sair de uma conferência de imprensa –os jornalistas foram o seu auditório imediato– onde declarou que o que estava em causa era o país. Uma saída apressada que antecipou a sua saída de cena. No dia seguinte, 24 de Julho, o *Público* já mostrava na página um o recém-regressado Presidente são-tomense, efusivamente abraçado sob o olhar complacente do Presidente nigeriano, Obasanjo. A fotografia casava bem com o título do *happy end*: *Acabou o golpe em São Tomé*. Os protagonistas habituais recuperavam a sua habitual presença sorridente nas páginas dos jornais. Nova foto dos dois líderes, desta vez na página 2, sublinhava o título interpretativo *Nigéria apadrinha regresso de Fradique de Menezes a São Tomé*. Mas o mundo político e diplomático, todo sorridente, contrastava chocantemente com as fotografias da página 3, que evocavam a outra realidade, a da miséria, neste caso nos hospitais, despojados de tudo ou quase, onde as crianças morrem de paludismo e as mães se angustiam com a doença dos filhos. O título que regia a reportagem era, aliás, elucidativo e casava perfeitamente com as imagens: *"Quando a morte chega sob a forma de paludismo"*.



O DN também enfatizou fotojornalisticamente a presença política em várias fotos, evocando as mesmas pessoas e ambientes já referidas na análise do *Público*. As exceções são, no dia 17, a inclusão na página 3 da mesma foto de militares são-tomenses que o *Público* publicava na página 2. No DN a foto surge em dimensões mais reduzidas mas a cores. Tal como no *Público*, tratou-se da solução de recurso para ilustrar superficialmente, ou até para apenas recordar, o carácter militar do golpe. Na página 4, a fotografia de Fradique de Menezes é de um cartaz da campanha eleitoral (foto de arquivo). A mesma solução ilustrativa repetiu-se no dia 23 de Julho (página 7), onde Menezes surge a falar num comício durante a campanha eleitoral. Os jornais não estavam fotojornalisticamente preparados para a cobertura do golpe, daí a necessidade de recorrerem a fotografias de arquivo como mera ilustração. Na página 8 (dia 17), uma imagem retirada da televisão evoca a "ubiquidade" deste *medium* e mostra como o aproveitamento de sinergias inter-mediáticas pode ser uma solução para a cobertura jornalística.

No dia 19 de Julho, a alegria do regresso dos turistas apanhados pelo golpe em São Tomé foi evocada numa fotografia tirada no aeroporto da Portela, inserida na página 10. No dia 20 de Julho, na página 25, surge uma fotografia de uma rua de São Tomé, vigiada por um militar. A foto é captada de longe, hipoteticamente para não hostilizar o soldado. A legenda casa com a foto e ancora o seu sentido: "Calma | Militar vigia rua de São Tomé, que vai recuperando a tranquilidade". O mesmo casamento entre legenda e fotografia surge na página 7 do DN do dia 22. O sorriso do major Fernando Pereira, líder do golpe, é reforçado pela legenda "Final Feliz | O líder da revolta está contente. Os mediadores também.". O título sublinha outra razão para o sorriso: "Governo pode acabar sacrificado e os revoltosos serão amnistiados".

No dia em que foi noticiado o *happy end*, 24 de Julho, Fradique de Menezes é a personagem central da fotografia inserida na página 7, mas na imagem inserida na página 1 ele aparece atrás do Presidente nigeriano, apesar de estar a regressar ao seu próprio país. Embora o texto não o refira, a fotografia acentua a sensação de apadrinhamento do regresso de Fradique por parte do Presidente nigeriano Obasanjo, como aconteceu no *Público*.

Na *Visão* do dia 24 de Julho, a maioria das fotos diziam respeito às movimentações golpistas, mas foram realizadas por um fotógrafo de uma revista cor-de-rosa (João Lima), a *Caras*, pertencente ao mesmo grupo da *Visão*. Provavelmente, o fotógrafo estava em São Tomé para fotografar turistas portugueses VIP quando a intentona se desencadeou. Os militares, porém, não surgem em poses ameaçadoras. Parecem descontraídos, mesmo quando montam guarda ou se encavalitam na caixa dos camiões.

A primeira foto da *Visão* do dia 24 de Julho mostra o Palácio Presidencial são-tomense, onde um soldado monta guarda, através do gradeamento. Uma tomada clássica de aproveitamento do primeiro plano, que no caso da foto referenciada recupera a ideia de prisão: o Palácio transformou-se numa prisão. Na página ao lado, uma foto de soldados num camião militar ocupa 50 por cento da página. A composição é oblíqua (a fotografia foi captada obliquamente e não na horizontal), sugerindo acção, tensão. Talvez também indicie um acto fotográfico clandestino, a exemplo de uma das fotos inseridas na página 60 da *Visão* de 24 de Julho, na qual se podem observar ministros detidos pelos golpistas conversando na varanda do quartel-general (apesar de tudo, a atmosfera que as fotos evocam não é de repressão, mas sim de uma certa descontração). Uma outra fotografia representa o povo. Mostra dois homens, ambos com t-shirts com o rosto de Fradique de Menezes, distribuídas na última campanha eleitoral para a chefia do Estado. Os homens estão sujos devido ao trabalho braçal duro. A vegetação tropical rodeia-os, permitindo ao observador compreender melhor a tropicalidade de São Tomé, elemento ausente das restantes imagens (*as fotografias jornalísticas, tal como o texto, ocultam tanto quanto mostram*). As fotografias restantes mostram políticos são-tomenses, sendo uma delas de arquivo (comemoração da independência) e a outra do líder da Frente Democrata-Cristã, o partido dos ex-Búfalos são-tomenses que apoiou o golpe.

Na *Visão* do dia 31 de Julho apenas aparece uma foto *snapshot* do Presidente Fradique de Menezes, evocando a recondução do mesmo na chefia do Estado: "Fradique de Menezes | O Presidente-empresário ocupa de novo o seu lugar à frente do país". O golpe já era uma recordação distante e caminhava para o esquecimento.

As fotografias inseridas no *Expresso* repartem-se entre aquelas que representam militares e as que representam políticos (entre os quais os ministros da CPLP em acção), reforçando o carácter político-militar da cobertura. Por outras palavras, as fotos pouco acrescentam ao texto, antes reforçam o ponto de vista da cobertura textual. Os militares surgem sempre em posições descontraídas ou em parada, nunca figurando como ameaças. As populações não estão representadas fotojornalisticamente, o que contribui para sublinhar a falsa ideia de que o golpe não lhes diz respeito, ou que não as afecta.

O *Expresso* também insere uma fotografia do regresso emocionado do Presidente Fradique de Menezes a São Tomé, na matéria intitulada "*Uma 'batata quente' para os políticos*" (dia 26, p. 15), mas, caso único, não mostra, na fotografia, a presença do presidente nigeriano, apesar da referência que lhe é feita no texto: "o Presidente Fradique de Menezes regressou ao país, acompanhado pelo seu homólogo nigeriano Olusegun Obasanjo, que assim entendeu "capitalizar", interna e externamente". A legenda da foto reforça a sensação de ausência da população: "Na quarta-feira,

Fradique de Menezes chegou finalmente a São Tomé, em cujo aeroporto foi recebido de tapete vermelho por muitas individualidades mas poucos populares".

A fotografia do emocionado regresso do Presidente são-tomense ao seu país contrasta com a foto, simbolicamente de muito menores dimensões, de um líder golpista, o major Pereira, sorridente e parecendo dizer adeus, como se o seu dever tivesse sido cumprido, sendo, portanto, altura de abandonar o palco.

## 5. Conclusões

Em primeiro lugar, tendo em mente as hipóteses de pesquisa inicialmente colocadas e as perguntas de investigação correlatas, os dados obtidos permitem concluir o seguinte:

1. Apesar da afluência de vários temas internacionais "quentes" às redacções, a proximidade entre Portugal e São Tomé, a surpresa do golpe (apesar dos enquadramentos que sugerem que África e São Tomé são instáveis) e o facto de, na altura da intentona, estar a decorrer uma reunião dos ministros dos Negócios Estrangeiros da CPLP em Coimbra, o que facilitou o acesso a fontes autorizadas, foram suficientes para relevar a cobertura do golpe entre a informação internacional.
2. A cobertura do golpe centrou-se nos acontecimentos factuais que compuseram o macro-acontecimento em desenvolvimento golpe de estado, e não nas problemáticas. A cobertura centrou-se, em especial, nos micro-acontecimentos que mostravam como o macro-acontecimento estava a desenvolver-se. O valor-notícia da moderação terá contribuído para relevar as actividades de mediação para a resolução pacífica da crise dentro dos micro-acontecimentos noticiados.
3. O jogo de interesses em volta da descoberta de petróleo não foi, isoladamente, a razão mais invocada para explicar o golpe de estado. A terceira hipótese colocada não foi, portanto, confirmada, o que confirma a ideia de que existe uma certa esfera de liberdade na escolha dos enquadramentos das notícias e dos comentários por parte dos jornalistas.
4. A quarta hipótese também não foi confirmada, pois os periódicos analisados centraram a cobertura na descrição noticiosa, citada e factual do que se passou em

detrimento da interpretação (analítica ou opinativa). A centralização nos acontecimentos em prejuízo das problemáticas, conforme a teoria do jornalismo sugere, foi uma marca da cobertura do golpe.

5. A localização da sede dos periódicos analisados e a facilidade de acesso a fontes autorizadas e credíveis circunscreveram a Portugal a produção da maioria dos conteúdos sobre o golpe, o que retirou "cor local" à cobertura.

6. Num contexto competitivo, os periódicos apostaram essencialmente na produção própria de informação, ainda que parte dela possa ter resultado de notícias de agência reformatadas.

7. Os periódicos analisados citaram predominantemente fontes são-tomenses, o que emprestou visão autóctone à cobertura e simultaneamente credibilizou a enunciação.

8. Os periódicos estudados citaram predominantemente fontes oficiais (prevalência dos *canais de rotina*), em particular políticos, mas os enquadramentos colocados em jogo para explicar as razões do golpe não se ressentiram dessa contingência. Os jornais parecem manter uma certa latitude interpretativa que rompe os limites dos enquadramentos fornecidos pelas "fontes oficiais", que, ademais, não são monolíticas e muitas vezes competem entre si pela definição de significados para os acontecimentos.

9. Não houve um comportamento uniforme dos periódicos em relação à dimensão do uso da fotografia enquanto veículo informativo próprio da imprensa, mas para a cobertura do golpe todos recorreram ao fotojornalismo de forma estruturante, tendendo a reforçar os enunciados verbais, nomeadamente no que concerne à sobre-representação das "fontes oficiais", em especial dos políticos, fotografados no exercício político (no exercício do poder). No periódico que menos usou informativamente a fotografia, esta ocupou cerca de um quinto do espaço informativo (DN), tendo ocupado cerca de um terço desse mesmo espaço nos periódicos que mais recorreram à fotografia (*Público e Expresso*).

10. As fotografias representaram essencialmente são-tomenses e São Tomé, o que contribuiu para dar referencialidade ("cor local"), genuidade e credibilidade à cobertura.

11. Com excepção do *Público*, os periódicos analisados revelaram uma grande dependência da produção externa de foto-informação, ao contrário do que sucedeu com a produção de informação textual. Sob este prisma, a fotografia é secundarizada em relação ao texto.

12. As notícias, incluindo as foto-notícias, não conseguem furtar-se à produtividade da linguagem, daí que se possam identificar enfiamentos linguísticos, pretendidos ou não, no discurso sobre o golpe, pese embora todos os procedimentos rituais de objectividade que se plasmam nas notícias. Não está aqui em causa qualquer pressuposição e muito menos ambição de que as notícias possam espelhar a realidade, de que as notícias sejam "objectivas" no sentido de descreverem integralmente e sem enfiamentos o objecto a que se referem, mas sim o diagnóstico de um facto: elas não o conseguem fazer.

Em segundo lugar, os dados recolhidos permitem extrair outras conclusões além daquelas estritamente relacionadas com as hipóteses e perguntas de investigação colocadas, como sejam:

1. A cobertura do golpe foi essencialmente reactiva e tematicamente similar, apesar de alguma informação de produção própria ter resultado dos canais de iniciativa. Por outras palavras, a um elevado índice de produção própria de informação pode não corresponder um elevado índice de pro-actividade nem de diversidade informativa.
2. Os jornais foram relativamente consonantes na exploração das razões do golpe, o que poderá ter contribuído para a intensificação de efeitos de *agenda-setting*.
3. O grau de acesso às fontes (oficiais ou não oficiais) condiciona o grau de polifonia do discurso jornalístico.

4. Os critérios de noticiabilidade interferem não somente na selecção da informação disponível, mas também no direccionamento do fabrico de informação própria e na escolha de fontes.
5. O espaço e a forma influenciam os critérios editoriais de selecção (podem mesmo ser considerados critérios de selecção).
6. A periodicidade de um órgão de comunicação funciona como um critério de selecção, na medida em que afecta o espaço que é dado a um acontecimento e a maneira de noticiar.
7. O positivo aparenta ser um critério de noticiabilidade, especialmente quando vem na sequência de más notícias e corresponde ao desenlace feliz de uma história.
8. A presença no local de um acontecimento de enviados especiais que remendam ou alargam a rede de cobertura de acontecimentos de um órgão jornalístico pode funcionar como um critério de noticiabilidade.
9. O cabide noticioso é relevante para reavivar temas adormecidos.

Em terceiro lugar, há a registar, em matéria de conclusões, que os comportamentos dos jornais diários na cobertura do golpe de estado em São Tomé foram relativamente semelhantes, apesar das diferenças que resultarão das políticas de diferenciação estratégica dos conteúdos, num quadro de competição pelas audiências. Esta semelhança, várias vezes encontrada noutras análises do discurso aos dois jornais sobre vários acontecimentos e problemáticas (por exemplo: Sousa, 2003; Sousa, 2002) obriga a reflectir sobre quanto a cultura profissional, os critérios de noticiabilidade, as rotinas, o factor tempo e vários outros constrangimentos às práticas jornalísticas são de natureza trans-organizacional.

Finalmente, investigação posterior poderá confirmar com novos estudos de caso se os desenlaces felizes de acontecimentos negativos são afirmativamente relevados nos *media* jornalísticos. Poderão também ser feitas entrevistas para esclarecimento e melhor interpretação dos dados recolhidos neste trabalho e para auscultação da perspectiva jornalística, esclarecendo as escolhas e intenções dos jornalistas, as formas de trabalho, etc. As entrevistas poderão também evidenciar quais foram as

estratégias das fontes, quando as houve, e verificar, nomeadamente, se as fontes procuraram usar os mesmos procedimentos de objectivização do discurso e de separação entre factos e comentários que caracterizam discurso jornalístico em geral e moldaram a enunciação jornalística sobre o golpe em particular.

## 6. Bibliografia

- BAGDIKIAN, B. H. (1974) – Professional personnel and organizational structures in the mass media. In DAVISON, P. e YU, F. T. C. (Eds.) – *Mass Communication Research*. New York: Praeger Publishers/Ballantine Books.
- BARNHURST, K. G. e MUTZ, D. (1997) – American journalism and the decline in event-centered reporting. *Journal of Communication*, 47 (1).
- BAXTER, W.; QUARLES, R. e KOSAK, H. (1978) –The effects of photographs and their size on reading and recall of news stories. *ERIC Document*, 159722.
- BEAUDOIN, C. E. e THORSON, E. (1999) –A distorted mirror on the world: International photos in the *Los Angeles Times*. Comunicação apresentada à International Division durante o congresso anual da Association for Education in Journalism and Mass Communication (Agosto, EUA).
- BELL, A. e GARRETT, P. (Eds.) (1998) – *Approaches to Media Discourse*. Oxford: Blackwell Publishers.
- BLACKWOOD, R. E. (1983) –The content of news photos: roles portrayed by men and women. *Journalism Quarterly*, 60 (4).
- BLUMLER, J. G. e GUREVITCH, M. (1995) – *The Crisis of Political Communication*. London: Routledge.
- BOHLE, R. H. (1986) –Negativism as news predictor. *Journalism Quarterly*, 63 (3): 789-796.
- BRUCK, P. (1989) – Strategies for peace, strategies for news research. *Journal of Communication*, 39 (1).
- CASASÚS, J. M. e LADEVÉZE, L. N. (1991) – *Estilo y Géneros Periodísticos*. Barcelona: Ariel.
- CHOMSKY, N. (1989) – *Necessary Illusions. Thought Control in Democratic Societies*. Boston: South End Press.
- CHOMSKY, N. e HERMAN, E. S. (1988) – *Manufacturing Consent. The Political Economy of the Mass Media*. New York: Pantheon Books.
- CLICK, J. W. (1976) –Reader response to front page with four-color halftones. *Journalism Quarterly*, 53 (2).
- CULBERTSON, H. M. (1974) –Words vs. pictures: Perceived impact and connotative meaning. *Journalism Quarterly*, 51 (2).
- CURRAN, J. (1996) – Rethinking mass communication. In CURRAN, J. et al. (Eds.) – *Cultural Studies and Communications*. London: Arnold.
- DAMÁSIO, A. R. (1995) –*O Erro de Descartes. Emoção, Razão e Cérebro Humano*. Mem Martins: Publicações Europa-América.
- DICK, E. e COLDEVIN, G. (1992) –Using positive vs. negative photographs for Third World fund raising. *Journalism Quarterly*, 69 (3).
- DOTY, W. G. (Ed.) (1995) –*Picturing Cultural Values in Postmodern America*. Tuscalosa: University of Alabama Press.

- ELLIOT, P. (1978) – Professional ideology and organizational change: The journalist since 1800. In CURRAN, J. et al (Eds.) – *Newspaper History: From the Seventeenth Century to the Present Day*. London: Constable/Beverly Hills: Sage.
- FAIRCLOUGH, N. (1992) – *Discourse and Social Change*. Cambridge: Polity Press.
- FAIRCLOUGH, N. (1995) – *Media Discourse*. London: Arnold.
- FERENCZI, T. (1993) – *L' invention du Journalisme en France*. Paris: Plon.
- FLEMING, M. e LEVIS, H. (1978) – *Instructional Message Design: principles From the Behavioral Sciences*. New Jersey: Educational Technology Publications.
- FOSDICK, J. S. (1969) – Picture content and source in four daily newspapers. *Journalism Quarterly*, 46 (2).
- FOWLER, R. (1991) – *Language in the News. Discourse and Ideology in the Press*. London: Routledge.
- GALTUNG, J. e RUGE, M. H. (1965) – The structure of foreign news. *Journal of International Peace Research*, 1.
- GAMSON, W. (1989) – News as framing. *American Behavioural Scientist*, 33.
- GANS, H. (1979) – *Deciding What's News. A Study of CBS Evening News, NBC Nightly News, Newsweek and Time*. New York: Pantheon Books.
- GARCIA, M. R.; STARK, P. e MILLER, E. (Eds.) (1991) – *Eyes On the News*. St. Petersburg: The Poynter Institute for Media Studies.
- GITLIN, T. (1980) – *The Whole World is Watching*. Berkeley: University of California Press.
- GOFFMAN, E. (1974) – *Frame Analysis. An Essay on the Organization of Experience*. Boston: Northeastern University Press.
- GOLDING, P. (1981) – The missing dimensions: news media and the management of social change. In KATZ, E. e SZECSEKÖ (Eds.) – *Mass Media and Social Change*. Beverly Hills: Sage.
- GORDON, J. e LUBRANO, G. (1995) – Readers take aim at photos. *News Photographer*, 50 (7).
- HALL, S. et al. (1978) – *Policing the Crisis. Mugging the State, and Law and Order*. London: Methuen/New York: Holmes & Meier.
- HALLIN, D. (1984) – The media, the war in Vietnam, and the political support: a critique of the thesis of an oppositional media. *Journal of Politics*, 46 (1).
- HIRSCHMAN, E. C. (1986) – The effect of verbal and pictorial advertising stimuli on aesthetic, utilitarian, and familiarity perceptions. *Journal of Advertising*, 15 (2).
- JOLLIFFE, L. (1993) – Yes! More content analysis. *Newspaper Research journal*, 14 (3-4).
- LESTER, P. (1995) – *Visual Communication. Images with Messages*. Belmont, CA: Wadsworth Publishing Company.
- LIPPMAN, W. (1922) – *Public Opinion*. New York: Macmillan.
- MARQUES DE MELO, J. (1972) – *Estudos de Jornalismo Comparado*. São Paulo: Livraria Pioneira Editora.
- MARQUES DE MELO, J.; FADUL, A.; ANDRADE, A. e GOBBI, M. C. (1999) – O Mercosul na imprensa do Mercosul. (Projecto de pesquisa). Texto policopiado.
- MARZOLF, M. T. (1995) – Honour without influence. *Media Studies Journal* (Spring).
- McCOMBS, M. E. (1992) – Explorers and survivors. Expanding strategies for agenda-setting research. *Journalism Quarterly*, 69 (4).
- McNAIR, B. (1995) – *An Introduction to Political Communication*. London: Routledge.
- MESQUITA, M. (1998) – *O Jornalismo em Análise. A Coluna do Provedor dos Leitores*. Coimbra: Minerva.
- MOLOTCH, H. e LESTER, M. (1974) – News as purposive behaviour: on the strategic use of routine events, accidents and scandals. *American Sociological Review*, 39 (1).



- O' BYLE, L. (1968) – The image of the journalist in France, Germany, and England, 1815-1848. *Comparative Studies in Society and History*, X (3).
- OLIEN, C.; TICHENOR, P. e DONOHUE, G. (1989) – Media coverage and social movements. In SALMON (Ed.) – *Information Campaigns: Balancing Social Values*. Newbury Park: Sage.
- PHILLIPS, E. B. (1976) – What is news? Novelty without change? *Journal of Communication*, 26 (4).
- PINTO, R. J. (1997) – *The Evolution of the Structure of Political Journalism in Four "Quality" Newspapers (1970-1995)*. Tese de doutoramento não publicada, apresentada à University of Sussex.
- PONTE, C. (2002) – *Quando as Crianças São Notícias*. Tese de doutoramento não publicada, apresentada à Universidade Nova de Lisboa.
- SANDERS, K. P. (1980) – Photojournalism research. In EDOM, C. C. (Ed.) (1980) – *Photojournalism: Principles and Practices*. Dubuque: C. Brown Co.
- SANTOS, R. (1997) – *A Negociação Entre Jornalistas e Fontes*. Coimbra: Minerva.
- SANTOS, R. E. (1998) – *Introdução à Teoria da Comunicação*. São Bernardo do Campo: Universidade Metodista de São Paulo.
- SCHILLER, D. (1979) – An historical approach to objectivity and professionalism in American news reporting. *Journal of Communication*, 29 (4).
- SCHLESINGER, P. (1977) – Newsmen and their time machine. *The British Journal of Sociology*, 28 (3).
- SCHLESINGER, P. (1990) – Rethinking the sociology of journalism: Source strategy and the limits of media-centrism. In FERGUSON (1990) – *Public Communication: The New Imperatives*. London: Sage.
- SCHLESINGER, P. e TUMLER, H. (1994) – *Reporting Crime. The Media Politics of Criminal Justice*. Oxford: Clarendon Press.
- SCHUDSON, M. (1978) – *Discovering the News: A Social History of American Newspapers*. New York: Basic Books.
- SCHUDSON, M. (1986) – Deadlines, datelines and History. In MANOFF, R. K. e SCHUDSON, M. (Eds.) (1986) – *Reading the News*. New York: Pantheon Books.
- SCHUDSON, M. (1986) – What time means in a news story. *The Gannett Center for Media Studies Occasional Paper*, 4.
- SCHUDSON, M. (1988) – Porque as notícias são como são. *Jornalimos – Revista de Comunicação e Linguagens*, 8.
- SCHUDSON, M. (1995) – *The Power of News*. Cambridge: Harvard University Press.
- SIEBERT, F. et al. (1956) – *Four Theories for the Press*. Urbana: University of Illinois Press.
- SIGAL, L. (1973) – *Reporters and Officials: The Organization and Politics of Newsmaking*. Lexington: Heath and Company.
- SINGLETARY, M. e LAMB, C. (1984) – News values in award-winning photos. *Journalism Quarterly*, 61 (1).
- SOOD, R. et al. (1987) – How the news media operate in natural disasters. *Journal of Communication*, 37 (3).
- SOUSA, J. P. (1997) – *Fotojornalismo Performativo. O Serviço de Fotonotícia da Agência Lusa de Informação*. Santiago de Compostela: Universidade de Santiago de Compostela [CD-ROM]. (Edição portuguesa: Porto: Universidade Fernando Pessoa, 1998).
- SOUSA, J. P. (2000 a) – *As Notícias e os Seus Efeitos*. Coimbra: Minerva Editora.
- SOUSA, J. P. (2000 b) – Imagens do Brasil na imprensa portuguesa. Actas do XXIII Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação [CD-ROM].
- SOUSA, J. P. (2002) – A utilização de fontes anónimas nos diários portugueses de referência – Um estudo exploratório. Actas do XXV Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação [CD-ROM].

- SOUSA, J. P. (2003) – Estereotipização e discurso fotojornalístico nos diários portugueses de referência – Os casos do *Público* e do *Diário de Notícias*. Actas do XXVI Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação [CD-ROM].
- SOUSA, J. P., LÓPEZ GARCÍA, X. (Coord.) et al. (2002) – *Imagens Recíprocas de Portugal e da Galiza na Imprensa dos Dois Países*. Santiago de Compostela: Universidade de Santiago de Compostela.
- SOUSA, J.P. (2003) – *Elementos de Teoria e Pesquisa da Comunicação e dos Media*. Porto: Universidade Fernando Pessoa.
- STAMM, K. (1980) –How much do they read in the daily newspaper. *Journalism Quarterly*, 57 (3).
- SWANSON, C. E. (1955) –What they read in 130 newspapers. *Journalism Quarterly*, 32 (2).
- THORSON, E. (1995) –The impact of Hillary photos on newspaper readers. *Visual Communication Quarterly*, 7.
- TRAQUINA, N. (1988) –As notícias. *Jornalimos –Revista de Comunicação e Linguagens*, 8.
- TRAQUINA, N. (2001) – A problemática AIDS: acontecimentos, notícias e "estórias". In TRAQUINA, N. (2001) – *O Estudo do Jornalismo no Século XX*. São Leopoldo: Editora Unisinos.
- TRAQUINA, N. (2001) – *O Estudo do Jornalismo no Século XX*. São Leopoldo: Editora Unisinos.
- TRAQUINA, N. (2002) – *Jornalismo*. Lisboa: Quimera.
- TUBERGEN, G. N. e MASHMAN, D. L. (1974) –Unflattering photos: How people respond. *Journalism Quarterly*, 51 (2).
- TUCHMAN, G. (1973) – Making news by doing work. Routinizing the unexpected. *American Journal of Sociology*, 79 (1).
- TUCHMAN, G. (1976) – Telling stories. *Journal of Communication*, 26 (4).
- TUCHMAN, G. (1978) – *Making News. A Study in the Construction of Reality*. New York: The Free Press.
- TUCKER, S. A. e DEMPSEY, J. V. (1991) –Photo-interviewing: a tool for evaluating technological innovations. *Evaluation Review*, 15 (5).
- VanDIJK, T. (1990) – *La Noticia Como Discurso. Comprensión, Estructura y Producción de la Información*. Barcelona: Paidós.
- WANTA, W. (1988) –The effects of dominant photographs: An agenda-setting experiment. *Journalism Quarterly*, 65 (1).
- WEMANS, J. (1999) –*O Público em Público. As Colunas do Provedor do Leitor*. Coimbra: Minerva.
- WOLF, M. (1987) – *Teorias da Comunicação*. Lisboa: Editorial Presença.
- WOLF, R. e GROTTA, G. L. (1985) –Images. A question of readership. *Newspaper Research Journal*, 6 (2).
- WOLFSFELD, G. (1991) – Media, protest and political violence: a transactional analysis. *Journalism Monographs*, 127.
- WOODBURN, B. W. (1947) –Reader interest in newspaper pictures. *Journalism Quarterly*, 24.
- ZELIZER, B. (1995) –Journalism's "last" stand: Wirephoto and the discourse of resistance. *Journal of Communication*, 45 (2).